



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA – DOUTORADO

CINTHIA BARRETO SANTOS SOUZA

**A POÉTICA DA RESILIÊNCIA EM FAMÍLIA:
VOZES DE DOR QUE NARRAM A BELEZA DA SUPERAÇÃO**

Salvador
2015

CINTHIA BARRETO SANTOS SOUZA

**A POÉTICA DA RESILIÊNCIA EM FAMÍLIA:
VOZES DE DOR QUE NARRAM A BELEZA DA SUPERAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich.

Salvador
2015

UCSal. Sistema de Bibliotecas.

S729 Souza, Cinthia Barreto Santos.

A poética da resiliência em família: vozes de dor que narram a
beleza da superação/ Cinthia Barreto Santos Souza.– Salvador, 2015.
174 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família
na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

1. Resiliência em família - Poética 2. Narrativas autobiográficas
I. Título.

CDU 316.356.2:82-1

TERMO DE APROVAÇÃO

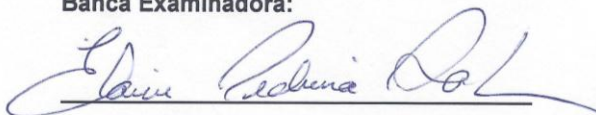
Cynthia Barreto Santos Souza

**“A poética da resiliência em família: vozes de dor que narram a beleza da
superação”.**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em
Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 20 de novembro de 2015.

Banca Examinadora:

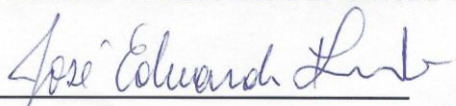


Prof.^a Doutora Elaine Pedreira Rabinovich - UCSAL

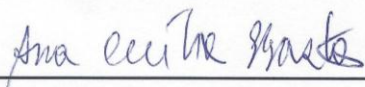
Orientador(a).



Prof.^a Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cervený - PUC



Prof. Doutor José Eduardo Ferreira Santos – UFBA



Prof.^a. Doutora Ana Cecília de Souza Bittencourt Bastos - UCSAL



Prof.^a Doutora Sara Santos Chaves - UFBA



Prof.^a. Doutora Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima- UCSAL

Ofertório

A minha bisavó Vetúria quem me ensinou resiliência.

Destinou-me aos estudos.

Ordenou-me: seja doutora. E eu quero obedecer.

GRATIDÃO

Em extensão ao ofertório que iniciei na página anterior, vou prolongar essa partilha para demonstrar o que recebi por bondade e oferecer como gesto de gratidão, o que cultivei no tempo de plantio.

Minhas ofertas não caberiam apenas em palavras ditas e refletidas, precisaria que os destinatários delas, eu que falo e sinto e você que lê e pensa, fossem afetados pela beleza que me chama para essa doação. Será que podemos ver a beleza que desejo gravar? De modo algum falo da estética que adorna a palavra feita arte. Quero a beleza capaz de entender meu oferecimento.

Dou a primeira oferta aos que me abonaram a vida. Seja pela Divina Criação ou pelo sangue que corre em mim. Pai do céu, pais na terra. Recebam a oferenda do reconhecimento. Por tudo que tenho ou não tenho porque não me falta, agradeço.

A próxima oferta vai para aqueles que em solidariedade fraterna, uniram-se a mim e provaram que os irmãos são nossa maior ponte com o passado. Atravessamos boa parte do caminho juntos. De mãos dadas, sustentamos a existência e compensamos o peso do corpo e da alma quando fomos surpreendidos pelo desequilíbrio de movimentos bruscos. Suportamos, superamos, reinventamos nossas histórias. Vocês são imagens de beleza.

Entro na igreja vestida de branco como anteontem, ontem e como sempre foi. Antes para recolher o ofertório na missa dominical, para casar com você e perguntar: quer formar uma família nova comigo? Nos meus planos e no sentido da minha vida, você foi imaginado, desenhado, feito, desde sempre. E o sonho de uma nova família se concretizou. Somos família e eles são conosco. Nossos filhos, nossas filhas, nosso neto Vicente. Amor da minha vida, da nossa vida, daqui até a eternidade... Exagerado... Adoro um amor inventado¹.

¹ Referência à composição de Cazusa: Exagerado. Barão Vermelho. Banda de rock brasileiro fundada em 1981, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Juntamente com Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e os Titãs é considerada uma das quatro bandas brasileiras mais influentes da década de 80. Disponível em: <<http://musica.com.br/artistas/barao-vermelho/biografia.html>>. Acesso em: 12 set 2015.

Ofereço a elas, os versos de uma canção. Às “Donas Cilas”² da minha vida apresento o que trouxe:

De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minha alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu
Se queres partir, ir embora
Me olha da onde estiver
Que eu vou te mostrar que eu to pronta
Me colha madura do pé...

(Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/maria-gadu/dona-cila>>.
Acesso em: 15 set 2015).

Clamo por Deus, para pedir em oração:

Ó meu pai do céu, limpe tudo aí
Vai chegar a rainha
Precisando dormir
Quando ela chegar
Tu me faça um favor
Dê um banto a ela, que ela me benze aonde eu for.

(Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/maria-gadu/dona-cila>>.
Acesso em: 15 set 2015).

Benta, permaneço em ofertório. Experimento o instante poético de transformação de mim mesma e vejo que me falta tão pouco para completar esse percurso de oblação. Queria ofertar outros afetos que guardo em reserva para todos os dias. Retornar as ofertas que recebo e que se multiplicam constantemente. Mas para demarcar esse tempo, esse feito, deixo esse altar e dirijo-me à outra mesa.

Nessa mesa de compartilha, a comida é o conhecimento, o sustento é a pesquisa, o mantimento a ciência e a minha oferta será destinada a elas e a ele.

² Donas Cilas: referência à bisavó e tias da filha do meio. A pesquisadora usou o título da canção no plural para abarcar as três pessoas referidas.

Minhas mestras, professoras, doutoras e doutor da banca na qual deposito meu estudo acadêmico. Enquanto repousa em mãos sábias, ocupo-me em agradecer.

Procuro a aprovação delas e dele, mas antes fixo meu olhar para ela, lembro sua voz gesticulada enunciando todos os seus muitos pensamentos de vez. Posso ouvir sua voz, agora silenciada. Quanta inspiração! Pura novidade, estripulia científica, desobediência nata de quem faz pesquisa porque quer saber. Não se contenta com pouco, tem sempre uma pergunta nova... Se é verdade... Tem todas as possibilidades. Bravo! Diria se pudesse verbalizar. Como escuto a imagem de seu rosto, descanso, fico em sossego. Você ofertou o melhor do conhecimento que tinha, acredito no que juntas construímos. Respiro, inspiro e dou a ela o que a ela pertence: essa oferta é sua.

Olho para elas e reencontro a voz suave, ponderada, educada de quem é pura poesia. Ao lado dela, aprendo a pensar a investigação no grupo de pesquisa Família, Poética e Autobiografia. Sem modéstia, mas com vaidade apropriada, sinto-me parte do “barco a deriva”³ que desbrava corajosamente o desconhecido, enquanto obedece ao comando: “proibido morrer na praia”.⁴ Trago para você, uma oferenda doce.

Destino minha próxima oferenda a ela, com quem aprendi que esperança é palavra no gerúndio, que na vida produzimos nossos legados, que justiça é restaurativa... Minha convidada de honra. Apodere-se de seu lugar à mesa, receba a oferta que trouxe para você.

Recebi dela os ensinamentos de seus livros, fui leitora cuidadosa do texto, Intergeneracionalidade: herança na produção do conhecimento. Com ela tomei aulas de genograma e entendi que devia estar na mesa hoje. Oferto a você a gratidão da aprendiz.

No último tempo que me resta, devo ser grata pela fonte que iluminou o conceito de beleza que usei. De Agostinho⁵ para os nossos dias, o que seriam dos

³ Barco a Deriva, denomina o procedimento de pesquisa em elaboração, do grupo de pesquisa referido.

⁴ Como diz a professora Dra. Elaine Rabinovich aos pesquisadores do grupo: Família, Poética e Autobiografia, sobre como devem buscar o conhecimento.

⁵ Agostinho de Hipona, clássico que orientou a pesquisa sobre o conceito de beleza.

jovens sem a sua luz? Para você quero ofertar uma única imagem de beleza, queria poder saber se isso foi possível. Quem sabe?

Distribuo mais algumas doas pelos quatro cantos dessa Universidade Católica do Salvador, cada um pode tomar posse do que cultivou e eu serei eternamente grata pelo que recebi. Eu estarei sempre em família e em compartilha com as pessoas de meu pertencimento.

Teria infinitas ofertas nesse rito de gratidão, mas devo partir do altar. Tenho tanto tempo ainda... Quero escrever muitas histórias e muitos ofertórios, mas no presente, guardo os donativos do futuro e vou, sem dizer um nome para não dizer que esqueci alguém. O anonimato me parece um achado porque significa que nem tudo precisa ser nomeado para ser dito, claro para ser exato. Nem tudo é só pensamento ou não?

Eu pensei em você, receba também sua oferenda e eu me sentirei gratificada. Pense nisso e sinta-se presenteado pela oferta que tenho agora.

Compreender para ganhar um pouco de liberdade ou
submeter-se para vivenciar a felicidade na servidão.

(Etienne de la Boétie, Discours de la Servitude Volontarie. Paris, 1993)

SOUZA, Cinthia Barreto Santos. **A POÉTICA DA RESILIÊNCIA EM FAMÍLIA: VOZES DE DOR QUE NARRAM A BELEZA DA SUPERAÇÃO.** Tese (Doutorado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2015.

RESUMO

A realidade sobre a qual o olhar investigativo desse estudo ancora-se é um ambiente familiar afetado por uma relação conjugal conflituosa. Nesse contexto, o desenvolvimento dos irmãos pesquisados, aconteceu. O fato destaca o objeto da resiliência, a experiência de beleza dos irmãos que, apesar da dor do sofrimento, movimentaram-se para superar angústias e recriar a vida futura. Compreenderam a dor e o sofrimento como abertura para a reescrita da existência. O pressuposto é que uma atitude poética, inventiva, a favor da própria vida faz o humano transcender a sua história. O exercício científico dar-se a partir da escuta sensível e reflexão introspectiva de narrativas para potencializar a expansão da consciência de si. Isso para entender como se deu o acontecimento capaz de promover o desempenho resiliente dos filhos; que coisas os motivaram; que recursos pessoais e/ou coletivos, internos ou externos usaram. O caminho metodológico da autoetnografia elege o diálogo entre subjetividades distintas para ouvir, compreender e interpretar as múltiplas vozes que ressoam das narrativas autobiográficas, remetem a pessoa à ordenação temporal de suas experiências, enquanto (res)significa os episódios da vida. Esse procedimento evidencia o entendimento da complexa subjetividade humana a partir do olhar da analista, inserida no contexto da observação e em atitude reflexiva sobre os pressupostos construídos por ela. O trajeto foi delineado de modo que se possa: ouvir as histórias de vida dos participantes da pesquisa; entrevistar os irmãos sobre como eles pensam ter vivenciado as desavenças diárias dos pais; perguntar sobre como fizeram para superar, ou não, a tensão causada pelo relacionamento do casal; esboçar as distintas formas de entender, expressar e enfrentar o sofrimento, examinando percursos individuais e coletivos de significação da dor, estratégias de cura, resistência ou ainda de reconceptualização da própria posição familiar, social. O estudo é de característica qualitativa. Os participantes são os filhos da família, lócus da investigação. Foram utilizados os instrumentos: narrativas sobre histórias de vida, entrevistas individuais e coletivas em encontros com os irmãos, reuniões de família. O registro das informações está disponível em diários e textos de campo. A leitura e análise dos dados resultaram na compreensão: os irmãos acreditam que desenvolveram resiliência, pois aprenderam a superar dores e fazer delas oportunidade de incremento para o futuro; entendem que a superação da dor foi possível porque têm um sentido para suas vidas, uma espécie de ponto fixo de ancoragem que os permitiram buscar em solidariedade e particularmente um motivo para viverem. Estabeleceram como pontos fixos: ter uma nova família; apoiaram-se um no outro de maneira solidária; adotaram na família extensa pessoas com as quais se vincularam, estabeleceram-se pertencentes a elas e as suas moradias; perseveraram pela fé em Deus e encontraram refúgio na igreja; apegaram-se à escola como possibilidade de alcançar uma vida nova e melhor; usaram recursos próprios aprendidos na relação social, cultural; refletiram a consciência de suas humanidades na relação com outras pessoas, no ciclo da vida que acontece em plenitude entre dor e felicidade.

Palavras-chave: Resiliência. Família. Poética. Narrativas autobiográficas.

SOUZA, Cinthia Barreto Santos. **POETICS OF RESILIENCE IN FAMILY: VOICES OF SUFFERING ABOUT THE BEAUTY OF OVERCOMING.** Tesis (PhD) – Catholic University of Salvador, Salvador, 2015.

ABSTRACT

This study is based on a family environment affected by a conflicting marital relationship and where the development of their children occurred. The research intends to understand suffering as an opportunity to rewrite lives by supposing that the poetic attitude favors human transcendence. This way, it looks for understanding the resilient behavior of these children, one brother and two sisters, their motivation, personal and/or collective, internal and/or external resources that were employed by them. It is a qualitative study using autoethnographic method. This scientific exercise took place through sensitive listening and introspective reflection about the narratives in order to enhance the expansion of their self-awareness to understand how they promoted the children's resilient performance; what motivated them; which internal or external, personal and/or collective resources were used. The autoethnographic method promotes the dialogue between subjectivities by hearing, understanding and interpreting the multiple voices from the perception of the analyst which is inserted in the context of the observation and part of it. This research was designed as follows: listening to the life histories of the survey's participants; interviewing the brother and sisters about how they figured out their experience about their parents' daily disagreements; asking about how they overcame, or not, the stress caused by the relationship of the couple; sketching out the different forms of understanding, expressing and facing suffering, examining individual and collective courses of suffering signification, healing strategies, resistance, or yet, the reconceptualization of the own family social position. The participants were the children of the family, locus of the investigation. The instruments were: narratives about their life histories, individual and collective interviews during family meetings. The register of the information is available in field diaries. The analysis and interpretation of the facts resulted in the following comprehension: the brothers believed that they developed resilience because they learned to overcome suffering and turn it into a chance to increment their future; they understood that the overcoming of suffering was possible once it had a purpose to their lives, a "fixed-point" that allowed them to seek a reason to live together and individually. They established as fixed points: having a new family; supporting each other in solidarity; adopting someone in their extended family as a person to be attached to; settling down as belonging to this person and to their houses; persevering on faith in God and founding refuge on Church; perceiving school as a possibility to achieve a new and better life; using their own resources learned in social and cultural relationships; reflecting about their humanity in relationship to other people in the circle of life between pain and happiness.

Keywords: Resilience. Family. Poetic. Autobiographical narratives.

SOUZA, Cinthia Barreto Santos. **EN FAMILIA: VOCES DE DOLOR QUE NARRAN LA BELLEZA DE LA SUPERACIÓN.** Tesis (Doctorado) – Universidad Católica del Salvador, Salvador, 2015.

RESUMEN

La realidad en la que está anclado el aspecto de investigación de este estudio es un ambiente familiar tenso y afectado por una relación marital conflictiva. En este contexto, el desarrollo de las personas, de los hijos sucedió. El hecho pone de manifiesto el objeto de la resiliencia, esencialmente la experiencia de belleza de hijos / hermanos que, a pesar de sufrir el dolor, se preocuparon en el sentido de superar angustias y construir una vida nueva para un futuro mejor. Por esta razón, el investigador tiene como objetivo comprender el dolor y el sufrimiento como la apertura para la reescritura de la existencia. Se supone que una actitud poética, inventiva a favor de la vida hace a lo humano trascender en su propia historia. El ejercicio científico se materializa a partir de la escucha sensible y la reflexión introspectiva de narrativas capaces de potencializar la expansión de la conciencia de sí, en el instante en que la trama se revela. Evento que se pone en marcha, a través de la memoria, a las experiencias vividas de los niños; Eso para entender cómo fue el desempeño, capaz de promover la resiliencia de los hijos, las cosas que los motivaron; los recursos personales y/o colectivos, internos o externos que se utilizaron. El camino metodológico de auto etnografía elige el diálogo entre diferentes subjetividades para escuchar, entender e interpretar las diferentes voces que resuenan de narrativas autobiográficas, se refieren a la persona, a la ordenación temporal de sus experiencias mientras valoriza los episodios de la vida. Esta oportunidad precipita el desarrollo de otro momento histórico y personal. En este sentido, la herramienta permite el acceso a la construcción de los individuos hacen de sí mismos, de los otros y lo que sucede en sus vidas. Por lo tanto, este procedimiento permite evidenciar la comprensión de la compleja subjetividad humana desde la mirada del analista, inserta en el contexto específico de la observación y la actitud reflexiva sobre los supuestos construidos por ella. El camino a seguir fue diseñado para que se pueda: escuchar individualmente las historias de vida narradas por los participantes en la investigación; entrevistar a los hermanos acerca de cómo piensan que han experimentado las desavenencias cotidianas de los padres; preguntar acerca de cómo superaron o no. La tensión causada por la relación de la pareja; delinear las diferentes maneras de entender, expresar y enfrentar el sufrimiento, el examinado los trayectos individuales y colectivos del significado del dolor estrategias de cura, resistencia y aún la re conceptualización de la propia familia, la posición social. El estudio es de característica cualitativa. Los participantes son los hijos de la familia, lugar de investigación. Fueron utilizados los instrumentos: Narrativas sobre historias de vida, entrevistas individuales y colectivas en encuentros con los hermanos, reuniones de familia. La información de registro se encuentra disponible en los textos de campo. La lectura y análisis de los datos fueron el resultado de la comprensión y el entendimiento: los hermanos creen que con la resiliencia desarrollada han aprendido a superar el dolor y hacer de ello oportunidades para el futuro. Ellos entienden que la superación del dolor fue posible debido a que tienen un significado para sus vidas, una especie de punto de anclaje fijo que permite la búsqueda de la solidaridad y sobre todo una razón para vivir. Establecieron como punto fijo: tener una nueva familia; Ellos confiaron en sí mismos, en las personas con la cual se vincularon preservadas por la fe en Dios y

encontraron refugio en la iglesia se aferraron a la escuela como una posibilidad para lograr una nueva y mejor vida; Utilizaron recursos propios aprendidos en relación cultural; Ellos reflejan la conciencia de su humanidad en relación a los demás en el ciclo de la vida que se lleva a cabo en la plenitud del dolor y la felicidad.

Palabras-chaves: Resiliências. Família. Poética. Narrativas biográficas.

PREFÁCIO DE SI

Aprender a ver – habituar o olho à calma, à paciência, a deixar-que-as-coisas-aproxime-se-de nós: aprender a aplacar o juízo, a rodear e abarcar o caso particular a partir de todos os lados. (NIETZSCHE, 1973, p.82 apud. LRROSA, 2002, p.35)

Fazer a experiência de ver-se. De olhar para dentro do outro e conversar poeticamente. Atender a urgência de fazer o sentimento e as ideias se adequarem a um sistêmico modo de pensar. Produzir conhecimento científico no campo da humanidade. Como fazer? Perguntei-me. Ouvi a recomendação do escritor alemão e cumpri:

Entre em você mesmo. Procure a razão que, no fundo lhe pede para escrever, examine se ela entende suas raízes, até o mais profundo do seu coração; reconhece-o frente a você mesmo... Pergunte na hora mais silenciosa de sua noite: devo eu escrever? Cave você mesmo em direção a uma resposta profunda. E se essa resposta lhe apresentar afirmativa, se lhe é permitido ir ao encontro dessa questão séria... Então construa sua vida segundo essa necessidade. Sua vida, até sua hora... Deve se fazer sinal e testemunha desse impulso. (Conselhos de Rilke⁶ ao jovem poeta)

Ganhei disposição, apesar de na trajetória ouvi perguntarem-me: como será? O que você disse? Acha que pode dar certo? E a banca? Trazia o pacote de questões até ela. Devo a ela uma beleza de apresentação, e prometo fazer em Ofertas, a convencional página de agradecimentos. E ela? Minha Orientadora dizia: é mesmo um trabalho diferente, mas eu acho que você pode fazer, acho que está fazendo...

Em minha dissertação de Mestrado, trabalho do qual não participou em momento algum, dediquei a ela quatro palavras: veia poética desse programa. Eu já sabia dentro de mim que seria minha guia no Doutorado.

Precisava fazer um trabalho que estivesse à altura da vida e no contexto do mundo acadêmico. E fiz. A altura das vidas que convidei para comigo contar histórias, experimentar sentimentos de dor e de beleza.

⁶ RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. 1ª Carta. Em: OTTAVIANI, Edelcio. (2014, p. 27-28). Coração Desnudo: sobre família e Amizade à luz do cuidado de si.

Vigiei para manter a consciência expandida pela percepção aflorada de memórias que captaram em mim e em meus irmãos, o enigma da poética da resiliência. Cuidei de mim e fui cuidada, afinal dizem os estoicos⁷: nunca é tarde para cuidar de si.

Sobre esse cuidado reflexivo devo dizer que falo da estética de si. Forma dada a existência que conjuga interior e exterior, esforço continuado para fazer da existência uma obra de arte, mesmo que para isso só nos tenha restado cacos de vida e pensamentos abatidos (OTTAVIANI, 2014, p.63).

Assim sendo, contemplei a beleza na dor, fiz minha beleza harmonizando corpo, espírito e humanidade. Voltei ao presente vivido no passado, recordei para continuar a construir um futuro promissor (AGAMBEN, 2009). Afinal, diz Ottaviani (2014, p.89): “para se gozar logo da presença da festa, a gente precisa se vestir bem bonito, ter a roupa existencial adequada... É necessário revestir-se do devir – criança”.

Usei o traje de pesquisadora, indumentei-me de filha do meio e voltei a ser criança para nascer de um modo sem ressentimentos, sem culpa, sem medo. Deparei-me com o vazio para experimentar o instante criador. Criei a mim mesma, me recriei ou reinventei-me. Diria Nietzsche (2007, p.56): “o que não me mata, me fortalece”. Conheci e me deixei conhecer. Estou satisfeita e feita de vida.

Estou ávida para ouvir deles, dos meus pares, sobre a experiência que viveram ao meu lado ou consigo mesmo. Está feito o convite, posso ousar ter três prefácios e uma tese. Acho que sim. Quanto a minha experiência, já disse o suficiente.

Sobre a recomendação que registrei no início desse prefácio, indico uma nova leitura e sugiro que os leitores façam agora o que fiz ao longo desse estudo: experimente a leitura desusada de uma tese.

⁷ Os estoicos ensinavam que as emoções destrutivas resultam de erros de julgamento, e que um sábio, ou pessoa com “perfeição moral e intelectual”, não sofreria dessas emoções. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/os-estoicos>>. Acesso em: 14 set 2015.

PREFÁCIO DOS IRMÃOS

Desde o momento em que fui convidado a participar desse projeto, me senti muitíssimo honrado. Ao longo dessa pesquisa, tive o privilégio de ter sido entrevistado por minha irmã. Foi uma experiência quase indescritível.

Em nossas reuniões, rimos muito, choramos, lembramos de fatos do passado e até mesmo nos perdoamos. Na medida em que falávamos, fui conhecendo de uma forma mais profunda, uma pessoa humana e preocupada com a sociedade. Atentei para alguém cheia de misericórdia!

Acabei me deparando com ela, mulher. Em minhas recordações, eu via muito mais a imagem de uma menina ou de uma jovencinha que convivi no início da minha adolescência. Ao mesmo tempo, ao longo de nossas conversas, fui me sentindo cada vez mais confiante. Eu me deixei ser conhecido por ela. Observei que ela da mesma forma, se surpreendia ao ver-me homem, com meus defeitos e virtudes, como todo ser humano adulto.

Em todo o tempo que estivemos juntos fui amadurecendo para o quanto e indispensável é que os irmãos tenham comunhão, conforme dizem as escrituras. Que possam falar de coisas do coração, de alegrias e tristezas, discutir sobre a vida ou simplesmente estarem juntos.

Pude enxergar que os irmãos são as maiores pontes que temos com o nosso passado. São grandes amigos que temos dados por Deus. Tudo que vivemos juntos em família, jamais poderá ser apagado, mesmo quando casamos e constituímos outras famílias. Haverá sempre um registro em nossas almas, refletindo em nosso comportamento.

O que vivemos também me fez analisar que a realidade de termos nascido no mesmo lar, foi certamente um plano divino, Um projeto de Deus! Não foi algo acidental!

Acredito que você será ricamente acrescentado e abençoado pela leitura desse escrito. Ele é resultado de muito trabalho, boa intenção e sinceridade do coração.

Ele

Foi um desafio muito importante participar desse trabalho juntamente com meus irmãos. Foram lembranças profundas e marcantes da nossa vida como um todo. Rimos, nos emocionamos, choramos, sofremos, revivemos e por fim comemoramos.

Nem sempre boas lembranças, mas sempre lembranças eternizadas pelos momentos de muita união e superação. Portanto, corrijo agora... Sim, foram muito boas lembranças...

Faria tudo de novo. Queria, experimentaria e por vez viveria... E vamos que vamos para novas experiências nessa vida que é só uma unicamente uma viagem. Valeu!

Ela

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	LITERATURA CIENTÍFICA	28
2.1	RESILIÊNCIA: AS VOZES DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	28
2.1.1	A origem do termo: das ciências exatas para outras áreas	29
2.1.2	Estudos e autores sobre resiliência	33
2.2	A DIMENSÃO POÉTICA: O PARTO DE UMA ABORDAGEM TEÓRICA	42
2.2.1	A concepção: o instante da transcendência	49
2.2.2	A família e o belo: as faces, a compartilha dos acontecimentos, a sina dos sacrifícios, as cicatrizes reveladas	53
2.2.3	A poética da família: uma concha, um grão de areia e algumas pérolas	62
2.2.4	O acontecimento: momento que lança, beleza que salva	66
2.3	A POÉTICA DA RESILIÊNCIA EM FAMÍLIA: O BELO FADO DA SUPERAÇÃO	71
2.3.1	Transcendência: o livre-arbítrio de uma história bonita e inventada	75
3	MÉTODO	78
3.1	O AUTOETNOGRÁFICO: A PRONÚNCIA DE UMA CACOFONIA	80
3.2	AS VOZES QUE NARRAM: DOS AUTORES/PARTICIPANTES	89
3.3	EM FAMÍLIA: O LÓCUS DA PESQUISA	96
3.4	A ÉTICA E A PESQUISA AUTOETNOGRÁFICA EM FAMÍLIA	100
3.5	AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	103
4	A ANÁLISE REFLEXIVA DAS VOZES: ACHADOS EM MEIO AOS INVADIDOS: EIS QUE APARECE A AUTOETNÓGRAFA	107
4.1	ENCONTROS POÉTICOS REVELAM RESULTADOS	112
4.1.1	Compor uma nova família	117
4.1.2	Solidariedade fraternal	119
4.1.3	O sossego da escola o passaporte para a liberdade	122
4.1.4	As férias como porto de calma	123
4.1.5	A família extensa	127
4.1.6	Deus, igreja, fé	132
4.1.7	Instantes poéticos	136

4.1.8 Belezas disparadas 140

5 CONSIDERAÇÕES EM PRIMEIRA PESSOA 143

REFERÊNCIAS 153

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA PARTICIPANTES

APÊNDICE B – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

1 INTRODUÇÃO

O estudo objetiva a compreensão do fenômeno da resiliência em ambiente familiar. Sobretudo, pretende elucidar o aspecto da beleza da superação elaborada por filhos cujos pais mantinham um relacionamento tenso e sofrido.

Como os filhos pensam ter vivenciado os momentos de sofrimento e os acontecimentos que os possibilitaram moverem-se de um ponto do espaço-tempo em que estavam para alcançar uma lucidez, agirem criativamente em favor de suas próprias vidas e da vida do outro? A audição das vozes possibilita descrever o entendimento sobre a dor; as esperanças; os percursos individuais e/ou coletivos de enfrentamento; os instantes de superação, estratégias de cura e a ressignificação da vida pessoal e coletiva dos participantes da pesquisa.

A proposição elaborada remete a ideia de que irmanados em família, as pessoas desenvolvem potencialidade para experimentarem uma incondicional doação ao outro, viverem uma poética da família⁸ capaz de causar o instante con/sagrado⁹ no qual a resiliência acontece, sucessivamente, em continuidade com a vida, o sofrimento, a resistência. Em cumplicidade com o outro.

Em vista da relação resiliência e poética, suposta pela pesquisadora, a poética concretiza-se na tragédia existencial, quando as exigências pessoais não atendidas encontram na emergência, uma claridade, um sentido para a superação.

A resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana, diz Cyrulnik¹⁰ (2013) nos faz pensar na necessidade que temos de nos inventar e reinventar a cada dia, a cada desventura. A arte de metamorfosear a dor para dar-lhe sentido é a capacidade de ser feliz, mesmo quando se tem feridas na alma.

⁸ Poética da família – Petrini (2012) afirma que há uma dramaticidade nas relações familiares, nascida da imponderável liberdade com a qual cada membro renova ou deixa de reafirmar sua adesão ao outro, impossível de apreender completamente com as ferramentas convencionais da Ciência. RABINOVICH e BASTOS. Poética da Família e da Comunidade/Introdução.

⁹ A poética, para além da poesia, pode ser definida, conforme Otávio Paz, como o instante consagrado. Nesse instante, a pessoa humana se “sacraliza” em comunidade entre os demais humanos, como parte da longa corrente da humanidade. PAZ, O. La consagración Del instante: El arco y la lira. In: ADORNO, T.W. et alii. **El arte en la sociedad industrial** (pp.27-38). Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1973.

¹⁰ Boris Cyrulnik é neuro-psiquiatra, psicólogo, psicanalista e etologista francês. É considerado importante estudioso de resiliência da França. Para o autor, a resiliência caracteriza-se pela retomada do desenvolvimento depois de um acometimento neurológico, afetivo, social e cultural.

No contexto da família, tal dimensão poética liberta os limites dos métodos científicos e reveste-se da feição apropriada para o entendimento da dramaticidade das relações familiares. Assim sendo, na esfera da poética, pode-se alcançar a construção da beleza que transforma dor em significado.

Escreve o romancista: o sofrimento na infância é capaz de perceber as roturas na ordem familiar e social e promover a recriação de si mesmo e do espaço onde se quer viver (GRACILIANO RAMOS, 2012). Isto equivale a dizer que: o sofrimento se liga à capacidade poética e política de mudar o mundo.

Pierron (2009), quando se refere à família como o lócus da capacidade de doação, devido à hospitalidade primária que a distingue de outros grupos sociais entende que nascida e acolhida pelo berço da hospedagem primeira, a pessoa é inserida em temporalidades, historicidades e na cadeia de vínculos atemporais da humanidade. Um acontecimento que leva a crer na beleza essencial da experiência e cumplicidade familiar entre os humanos.

Resiliência, família e poética movem a pesquisadora porque são temas escritos em sua história de vida. Eles estão nas páginas lidas, nas linhas reescritas pela memória, ao longo das novas inscrições e em tessitura atemporal. Ao mesmo tempo, ancoram-se numa ordem cronológica de acontecimentos vividos em família.

Para explicitar o interesse da pesquisadora pelo tema e escolha da abordagem, lê-se em Bourdieu (1994), que não há conhecimento desinteressado. A noção de interesse se coloca para o autor como um instrumento de ruptura com uma visão encantada e mistificadora das condutas humanas. No campo da Sociologia, trabalhar com essa noção significa compreender que há uma racionalidade para os agentes fazerem o que fazem.

A escolha por um tema de pesquisa, o surgimento de um interesse podem estar marcados por circunstâncias diversas ligadas ao ambiente profissional, acadêmico ou às possibilidades de maior inserção e reconhecimento dentro de um campo.

De modo particular, a relação entre interesse pessoal e tema de tese, consolida-se no instante em que o pensamento de Cerveny (2011), registrado numa

apresentação de um de seus títulos¹¹, foi refletido e acatado pela pesquisadora. A autora acredita que há um entrelaçamento das histórias familiares com as histórias acadêmicas. Ela sugere que é preciso apreender a complexidade dos desígnios de uma pesquisa e que o pesquisador não tem que se desnudar de sua história, pelo contrário, deve utilizá-la para compreender os fenômenos, fazer perguntas a partir de suas experiências.

Além dos autores, não é demais relatar uma experiência vivenciada pelos membros do grupo de Pesquisa Família, Poética e (Auto)biografia, tarde em que a professora Dr^a Elaine Rabinovich¹², propôs às alunas pesquisadoras, que falassem de si mesmas, como crianças. Durante e após os relatos, Elaine expressou a percepção de que havia um entrosamento entre a infância e a escolha profissional de cada integrante do grupo. As opções profissionais tinham uma conexão com as histórias das infâncias. A partir de então, o grupo realizou estudos e escreveu textos que foram publicados no livro, Família e poéticas da Infância.¹³

Tendo em vista essas considerações, torna-se visível o atrelamento pesquisa e curiosidade científica. A preferência por esse tema remete à narrativa da infância da pesquisadora.

As experiências desse primeiro ciclo de vida da pesquisadora transcorreram em dois espaços antagônicos que representavam o tempo das férias escolares e o ano letivo. No ambiente da família extensa¹⁴ podia ser criança, brincar, ter vontade e entender o motivo para o sim e para o não. Podia pensar e sabia aprender. Na casa da família nuclear¹⁵ viveu as mais intensas tensões e experimentou sentimentos de ânsia, tristeza e medo: o castigo físico, rotineiro e sem explicação, os xingamentos e acusações humilhantes dirigidas ao cônjuge e filhos, as ofensas, ausência de cuidados e afetos, o silêncio da indiferença, a falta de entendimento do casal.

¹¹ Intergeracionalidade: heranças na produção de conhecimento. O pensamento da autora sobre a relação pesquisador e temas de pesquisa, é descrito na apresentação do livro.

¹² Psicóloga pela Universidade de São Paulo, Mestre em Psicologia Experimental, Doutora em Psicologia Social. É professora da Universidade Católica do Salvador e coordena o Grupo de Pesquisa Família (Auto)biografia e poética – FABEP/UCSAL. Publicou, com Bastos, Poética da família e da comunidade (2012).

¹³ Família e poéticas da Infância: relatos autobiográficos. Curitiba: Juruá, 2013. Produção FAPEB/UCSAL.

¹⁴ O termo Família extensa é usado pela pesquisadora para remeter à casa dos parentes da geração anterior aos pais: avós, tios, outros.

¹⁵ Família nuclear: termo usado para referir aos pais, filhos e irmãos da família lócus da observação.

Já com essa idade perguntava-se: o que seria dos filhos? O que seria dos pais? Seriam capazes de salvar-se? Salvar-se-iam todos? Que forças poderiam mobilizar uma criança na tentativa de acudir sua própria família? Como podia sobreviver, recuperar-se e escrever outra história?

Pessoalmente importa saber como foi capaz de resistir à discórdia diária dos pais, ao desequilíbrio emocional presente na vida familiar? Aos castigos físicos e psicológicos e não sucumbir? Como os irmãos nascidos e crescidos na mesma família decidiram-se todos pela superação e reinventaram suas vidas? Interessa desvendar o segredo, o mistério, a beleza do esforço resiliente, os recursos individuais, coletivos, internos ou externos capazes de promover a atitude em favor de uma vida diferente, possível e melhor.

Em busca da resposta aclamada, a autora desse estudo aproxima-se da família, tomando-a como lugar onde se instala o objeto de conhecimento aspirado. Sobre a família devota um contínuo e progressivo desejo de compreensão das nuances que nela se constroem. Em família e diante de outras semelhantes esforça-se para apreender saberes partilhados, enigmas não revelados, comportamentos e recursos capazes de promover o bemfazer de seus membros.

A inserção e comprometimento com o estudo da família tornou-se um objetivo pessoal, acadêmico, profissional e de ação espontânea. Ao formar sua própria família, integrou-se ao movimento voluntário conhecido como Escola de Pais do Brasil¹⁶, da qual é membro ativa, desde o ano de 1991.

Profissionalmente, fez-se educadora, inseriu-se na área de humanas, especificamente das linguagens e se aproximou da literatura escrita em contos, crônicas, poesias. Usa o texto que adorna a curiosidade filosófica e pergunta insistentemente sobre os sentidos das coisas, do outro, do existir e pertencer. Fala do lugar que experimenta saberes carregados de sensações particulares e públicas.

¹⁶ A Escola de Pais do Brasil (EPB) é uma iniciativa voluntária que existe para cuidar da relação pais e filhos e conseqüentemente do espaço que ocupam, hoje, na sociedade contemporânea. A EPB é uma instituição particular, voluntária e gratuita. Foi implantada no Brasil em outubro de 1963. Aberta a todos os casais, pais e famílias, independente da etnia, condição social, credo religioso ou político. Destina-se a todos os interessados na educação e orientação dos núcleos familiares. Dentre as atividades realizadas pela escola, congressos, seminários, atualizações, revisões, publicações, os Ciclos de Debates (CDs) são os mais relevantes, pois é um trabalho pontual, orientado para o atendimento das famílias, realizados pelos casais membros da EPB. Disponível em: <<http://www.escoladepais.org.br>>. Acesso em: 23 abr 2015.

Pela linguagem e por ela, foi tecendo interesses pelo outro que lê e significa suas histórias de vida.

Ao lado da literatura encontra nos livros, pessoas, famílias e comunidades em relacionamento. Autores e personagens de histórias que apanham da realidade os elementos organizadores da narrativa para reinventarem a vida num ato poético¹⁷ de libertação.

Em movimento poético e num instante da vida, Manuel Bandeira¹⁸ projetou o desejo de que fosse a existência, um paraíso. Foi-se embora para Pasárgada, fez-se amigo do rei para dizer que “a vida deveria ter sido e que não foi”. Bandeira experimentou a felicidade de uma aventura criativa e insensata, teve Joana a Louca da Espanha, como parente, fez ginástica, andou de bicicleta e ouviu as histórias que mãe-d’água haveria de lhe contar, à beira do rio.

Em sua poética, Manuel Bandeira narrou à vida no tempo em que ela foi acometida pela dor da impossibilidade. Era tuberculoso. A doença impedia que gozasse do prazer, do sexo, do relacionamento, do convívio social. E diante dessa realidade, num instante poético, reinventou a vida:

E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 — Lá sou amigo do rei —
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada. (BANDEIRA, 1986; p.90)

Em atitude subversiva, Manuel Bandeira permite-se construir um novo relato para sua história, faz-se poeta, vai ao encontro do sucesso, mobiliza forças,

¹⁷ Ato poético de libertação: termo usado para fazer alusão ao relacionamento do poeta com o texto literário. Escrito carregado de sentidos que clama por um conhecimento teórico sobre o contexto de sua produção, a história individual do autor, seu estilo particular. A exemplo da poesia romântica, produção marcada pelo sentimentalismo exagerado da geração ultra-romântica. Versos nos quais o eu-poético busca por meio da fuga da realidade, a libertação e a felicidade. (comentário elaborado pela pesquisadora).

¹⁸ Manuel Bandeira: poeta moderno. Autor de Pasárgada.

recursos particulares que impulsionam competências para estar no mundo humanamente.

Afirma Pussetti (2013, p.18):

“A imaginação, a linguagem da metáfora, da poesia, a imagem, da arte, constituem o recurso extremo para a expressão do sentimento, são estratégias comunicativas que dão a uma experiência pessoal e íntima como a dor uma forma que lhe permite ser comunicada e partilhada”.

A literatura, sobre o termo poética, propõe que a palavra seja transformada em arte, em belo, em sugestão. Que componha o texto na forma de imagem ou metáfora. Que acalore sensações, gere sons, cause ritmos, se vista dos muitos sentidos maquiados pelo eu poético¹⁹ ou tecidos pelo gesto leitor na busca pelo significado, pela compreensão da verdade pronunciada e talvez não dita.

A poética no texto literário desfaz o que está nítido para alcançar a essência, a complexidade que não se dá à redução, à simplicidade. Um ato de ousadia, insatisfação que acomete, desmantela para inventar o que não existe. Ensina Drummond²⁰ em seu poema, A palavra.

Governada pela palavra poética e sendo professora de língua e literatura, a pesquisadora, durante o Mestrado em Família e Sociedade Contemporânea, Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador, teve notícia da existência de um grupo de pesquisa denominado, Família, Poética e (Auto) biografia. Identificou-se inicialmente com a denominação do grupo, desejou ser parte dele. Fez saber do seu interesse e inscreveu-se para membro. Clamou pela aceitação até ser acolhida e pertencer.

Nesse grupo, descobriu a potencialidade do termo poética e inicia estudos, experiências, publicações que resultaram de um olhar para a família, a partir de si mesma e de sua própria família. Nesse espaço de produção, reconhece o lugar onde esteve e acreditava conhecer. Deixa-se guiar pelos acontecimentos raros,

¹⁹ Eu poético: nome dado ao narrador no texto literário, escrito em forma de poesia. Em que a função predominante da linguagem diz-se, função poética. Comentário elaborado pela pesquisadora.

²⁰ Carlos Drummond de Andrade, poeta da literatura moderna. Escreveu o poema, A palavra. “Já não quero dicionários consultados em vão. Quero só a palavra que nunca estará neles nem se pode inventar”. (DRUMMOND, 1969, p.32).

imprevisíveis e ternos vivenciados em grupo, entrega-se às entrevistas realizadas, analisadas e materializadas em textos acadêmicos, na área das humanidades.

Algumas publicações são referências do trajeto das pesquisas realizadas pelo grupo Família, Poética e (Auto)biografia. Foi exatamente essa experiência que mobilizou, norteou, clareou, definiu o desenho do objeto de estudo, bem como o caminho metodológico escolhido para esse projeto de tese.

Sobre o método, reflexão a ser feita em: o autoetnográfico: a pronúncia de uma cacofonia vale adiantar que se trata de procedimento que sobrepõe ciência e arte, portanto uma escrita literária, polissêmica e polifônica a partir da qual, vozes autoras narram e interpretam o acontecimento da beleza da superação.

Quanto à relevância social desse estudo, importa inicialmente destacar o tema resiliência e adotar um ponto de vista para discernir entre todos os conceitos, aquele que pode atender à expectativa de demonstrar a beleza do acontecimento resiliente, no espaço da família, no lugar onde a pessoa nasce, cresce, desenvolve-se e vive em relação com o outro e com uma história de vida particular e coletiva, ao mesmo tempo.

Objetivando separar um dito sobre resiliência, focaliza a ideia de Cyrulnik (2004) que propõe pensar o tema como processo de superação, modo de subjetivação que se dá no encontro com o outro. Resulta da interação de fatores pessoais, institucionais e/ou do contexto social. É uma tessitura a partir do vínculo e do processo de significação.

As considerações do autor sinalizam que tal processo de superação carece de ser aprimorado, uma vez que precisa ser acionado ao longo da existência, durante todo desenvolvimento humano. Aflora diante da quantidade e qualidade dos acontecimentos e concretiza-se na relação, de maneira subjetiva.

Para as Ciências Humanas, estudar a resiliência por meio do exercício autobiográfico é uma possibilidade de aproximar-se da natureza humana para apreciar o acontecimento de uma informação. Um elemento novo que se constitui no ato de um instante sutil de uma coleta e em movimento de profundidade capaz de superar as probabilidades, o previsto, o dito, o circunscrito.

Quanto à escolha pelo método autoetnográfico ocorre que tal alternativa investigativa, intelectual e contemporânea nas ciências humanas e sociais,

corresponde à expectativa de não redução da complexidade do objeto de estudo. A análise reflexiva permite romper os limites da disciplinaridade, ainda que o modelo legítimo e convencional clássico possa questionar tal disposição.

A pretensão do caminho metodológico é explorar com precisão acadêmica e em profundidade, os aspectos internos, invisíveis e imperceptíveis de modo a tornar exprimível e passível de descrição elementos que permanecem tácitos, na esfera da subjetividade humana.

A dimensão poética, enquanto forma de abordar o objeto da resiliência na família, oportuniza a revisitação e elaboração de memórias que podem ajudar a família a organizar o que ficou no passado, olhar para ele, com a certeza de que o tempo vivido ficou para trás. Esse pode ser um modo de aproximar as pessoas da cura, pontuar um capítulo de suas vidas, tomar consciência da história que escrevem no presente e projetar um futuro de felizes possibilidades.

Usar a extensão da poética para pensar a beleza da resiliência em família e ocupar o espaço de pesquisadora participante requer a compreensão de que o objeto não é de natureza substancial, entretanto se oferece e mostra-se ao olhar mediador que de suas nuances, aproxima-se.

Para entender o esforço do etnógrafo é pertinente recorrer ao dito de Daniela Versiani (2005). A antropóloga e teórica da literatura afirma que a apropriação do lugar da pesquisa demanda lucidez para atender contingências e possibilidades que relacionam a vida privada com os pertencimentos coletivos, inserções institucionais e políticas responsáveis pela elaboração do olhar da pesquisadora.

Esse estudo, a pesquisadora entende caber no espaço institucional e político da família, ambiente de onde as muitas vozes narram acontecimentos, causam a resiliência e libertam a vida. Uma escolha pessoal que consente e lança a pessoa para a superação. Um movimento contínuo que aponta para um sentido capaz de fazer e refazer o eu, no encontro com si mesmo, com o outro e com os acontecimentos, transcender, deslocar-se.

Em vista dos argumentos, cabe sintetizar que a fórmula em manipulação deve evitar o contágio com a ingênua epistemologia que reduz a pessoa a possibilidades abreviadas, a objetos previsíveis e calculáveis. Tal expressão eleva o valor dos elementos subjetivos do conhecimento. Isso não quer dizer relativismo moderno,

emergente na cultura atual, mas uma propriedade inseparável do saber científico como lugar dos questionamentos éticos.

A tese que se desenha deve ser um acontecimento poético. Que assim seja. Uma chance de ver nitidamente por meio de lentes ampliadas a modelagem e a beleza da resiliência em família. As vozes que narram a dor ao mesmo tempo buscam o sentido para ela, codificando e compreendendo o sofrimento como elo de transições e trajetórias, como abertura para elaboração cognitiva, favorecendo a percepção e produzindo o efeito de cura.

Conclamou o irmão caçula, após primeiro encontro de irmãos para fins de pesquisa: – “... liguei para perguntar quando você pode vir novamente. Me sinto tão bem, acordei leve, como se tivesse curado.”²¹

Essa também foi a sensação da irmã do meio. Uma voz impossível de ignorar, pois na oportunidade de aproximação, interação com os seus próprios conteúdos e diferentes itinerários, realizou as leituras possíveis da relação entre a experiência individual e coletiva do sofrimento inscrito na história da família.

Da primeira experiência de interlocução, ficou a pergunta: sabiam eles que dessa história fariam suas vidas? Tudo estava na memória, nada havia se apagado, até as coisas que pareciam ter sido esquecidas, mostraram-se naquele instante revelador.

As vozes convergentes dos irmãos, nas primeiras audições das narrativas, evidenciaram o pressuposto ordenador dessa pesquisa: a fala e a escuta são vias de acesso à expressão poética, capazes de potencializar a expansão da consciência de si, no instante em que o enredo é contado. Evento que lança por meio da memória, às experiências vividas, a compreensão do gesto criativo em favor da vida.

“... agora compreendo o que aconteceu, antes não sabia explicar o significado daquele acontecimento. Não tinha condições de entender naquele momento, agora posso explicar, entender... Acho que sim, quando somos pequenos entendemos diferente de quando somos adultos...”²²

²¹ Fala de “André”, nome escolhido para identificar o irmão caçula na pesquisa. Transcrição do Texto de Campo.

²² O registro evidencia a coincidência da informação elaborada pelos irmãos, após primeiras narrativas.

2 LITERATURA CIENTÍFICA

Nas próximas linhas, a investigação tem feição exploratória, ato indispensável à realização de toda e qualquer pesquisa, um movimento especulativo que objetiva observar, perceber, manusear e conhecer o objeto de estudo para confrontá-lo.

Nesse tempo inicial, a pesquisa ganha forma, vai delineando-se em vista dos relevos e lacunas mostrados pelo objeto que dar-se ao conhecimento e pelas teorias e saberes sobre ele elaborados. Os escritos científicos, teóricos e teorias oportunizam o instante único e revelador de aproximação entre pesquisadora e objeto pesquisado.

2.1 RESILIÊNCIA: AS VOZES DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

A investigação científica que se inicia é fruto de um olhar particular, curioso e propositado que busca o entendimento de uma realidade factual. Fato esse que se manifesta no espaço tempo da existência humana, de alguma maneira, por qualquer motivo e naturalmente no ambiente da família. Lugar onde a pessoa nasce, cresce e desenvolve-se.

Acontecimento disperso entre os outros. Para muitos, invisível, desprezioso e até mesmo irrelevante. A resiliência é o fenômeno capaz de mobilizar esse estudo uma vez que os conhecimentos empíricos, as crenças, os debates filosóficos e até mesmo o saber científico não são suficientes para explicar as questões, os enigmas e as dúvidas que acendem o tema. Um fenômeno que reside no estrado do humano.

Além disso, sabe-se que o conhecimento científico é falível, já que não é definitivo, absoluto, final e exato. Portanto, novas proposições, abordagens, métodos e técnicas de pesquisa podem reformular, alargar e iluminar o acervo teórico produzido.

O fato comum e latente que interessa problematizar, objetivar e investigar pode ser exemplificado pelo hábito da máxima popular: *“em cada telhado alguém*

*chora baixinho*²³. Isso para afirmar que a vida humana comum, em sua totalidade e de maneira geral, é suscetível a vulnerabilidades e exige um esforço de superação, criatividade e desenvolvimento cotidiano da pessoa.

Dito e repetido, funciona como consolo para quem chora diante de uma infelicidade e universaliza a condição da existência humana, exposta aos eventos dolorosos da vida. A imagem do telhado remete a casa, a morada em família²⁴, lugar de relacionamento em que uma experiência particular afeta todos, direta ou indiretamente.

Nesse lugar comum, comprometidos por um episódio, espera-se que as pessoas reorganizem-se para responder às desventuras. O que pode ou não acontecer. Algumas pessoas da família reagem melhor do que outras, mostram-se prontas para a luta ou não. Resistentes, superam, resolvem e recomeçam a viver. Outras sucumbem, desistem, paralisam, deixam-se tomar pelo medo. Não são capazes de sair do problema, abandonam seus projetos de vida. Ou, buscam alternativas frágeis para se livrarem do sofrimento: drogas, consumo exagerado, atos ilícitos, rebeldia, isolamento. São reações, escolhas, decisões diferentes dadas para o enfrentamento. O fato é que não podem desligar-se da vida, continuam existindo.

No contexto dos fatos observáveis flutua o tema da resiliência que, articulado à abordagem poética e ao lugar da família, resulta no objeto construído e nomeado: a poética da resiliência em família. Foco desse estudo. Para começar a usufruir do tema será preciso conhecê-lo de perto, ouvir o que sabe dizer a ciência na voz dos teóricos e por meio dos estudos iniciados por eles, os antecessores desse.

2.1.1 A origem do termo: das ciências exatas para outras áreas

A epistemologia científica compreende que o termo resiliência surge nas ciências exatas para nomear o processo de resistência de materiais, submetidos a

²³ Adágio popular usado para dizer que todas as famílias são acometidas por problemas existenciais.

²⁴ Família: termo usado em sentido amplo: pessoas agrupadas por laços sanguíneos ou não, mas em relacionamento diário, privado, íntimo.

uma força física. A partir desse contexto, a palavra serve às Ciências da Vida, Ciências Naturais e Ciências Sociais e Humanas.

A noção de resiliência passa a existir e é utilizada há muito tempo pela Física das Ciências Exatas, sendo um de seus pioneiros o cientista inglês Thomas Young²⁵ que em 1807, considerando tensão e compressão, insere pela primeira vez, a noção de módulo de elasticidade.

Young buscou entender a relação entre a força que era aplicada num corpo e a deformação que essa força produzia. Como precursor na análise dos estresses causados pelo impacto, elaborou um método para o cálculo dessas forças: a Escala de Resiliência, organizando a partir dela, um caminho de transição da categoria conceitual das Ciências Exatas para as demais áreas de ciências.

Os estudos sobre resistência dos materiais, na atualidade, definem a resiliência como a capacidade de um material “absorver energia na região elástica” (NASH, 1982, p.56), sendo essa capaz de voltar à forma original, quando finda a causa de sua deformação (PINTO, 2002).

Beer e Johnston (1981, p.76) explicam que “a capacidade do material estrutural suportar um impacto sem ficar deformado permanentemente depende de sua resiliência”.

Físicos e engenheiros utilizam a noção de módulo de resiliência para calcular a quantidade máxima de energia que um dado material pode absorver ao ser submetido a um impacto, deformando-se sem se romper e voltando em seguida à forma primitiva. Tal noção relaciona-se ao limite de elasticidade do material. Isso equivale à capacidade de superação do material. Nesse sentido, superar restringe-se a um potencial limitado, a volta para condição anterior de forma íntegra, apesar do impacto.

²⁵ O cientista inglês Thomas Young foi um dos primeiros a usar o termo. Tudo aconteceu quando estudava a relação entre a tensão e a deformação de barras metálicas, em 1807. Conhecido pela experiência da dupla fenda, que possibilitou a determinação do caráter ondulatório da luz. Young exerceu a medicina durante toda a sua vida, mas ficou conhecido por seus trabalhos em óptica, ao explicar o fenômeno da interferência e em mecânica, pela definição do módulo de Young. Era considerado um gênio; poliglota, dominava a física, os clássicos, a história, construía instrumentos e era conhecido como “o homem que tudo sabe”. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos>>. Acesso em: 12 mar 2014.

Na literatura, pode-se dizer que há um consenso a respeito do conceito da resiliência ser originário da física ou do termo resiliência ter sido importado dessa disciplina.²⁶

Nas Ciências Sociais e Humanas o conceito de resiliência foi introduzido com os estudos de Werner (1993), na ilha do Kauai (Havaí, Estados Unidos), mediante trabalho que custou acompanhamento, durante trinta e dois anos, da vida de uma unidade social, composta de quinhentas pessoas expostas à pobreza extrema.

O estudo mapeou a história social dos indivíduos que diante do contexto, apresentavam capacidades de adaptação individual e transformação social. Os participantes foram considerados, inicialmente invulneráveis. Isso correspondia à resposta positiva de um temperamento de condições genéticas e cognição diferenciada. Nessa perspectiva, o conceito de resiliência nas ciências sociais e humanas foi compreendido como capacidade de adaptação e/ou transformação das desigualdades sociais.

Aplicado à Psicologia, o conceito de resiliência refere-se à capacidade do indivíduo de enfrentar as adversidades, manter uma habilidade adaptativa, ser transformado por elas, recuperar-se ou conseguir superá-las. (PINHEIRO, 2004).

No contexto da Sociologia, resiliência, de acordo com Bengt (2004), é um processo em construção, necessitará de esforços acadêmicos para atingir uma definição teórica mais complexa. É abordada a partir de uma dimensão interdisciplinar entre a Sociologia e a Biologia, denominada de Resiliência Sistêmica Social-Ecológica.

Nesse sentido, a resiliência social-ecológica sistêmica seria a capacidade que um sistema social tem para absorver processos de autodesenvolvimento, adquirindo condições não só de resistir à adversidade, mas utilizá-la em seu processo de desenvolvimento social, relacionado ao ecossistema.

²⁶ Autores e obras sobre a origem do termo resiliência: ASSIS, S. G., PESCE, R. P., e AVANCI, J. Q. (2006); BALANCIERI, M. F. (2007); COUTO-OLIVEIRA (2007); JUNQUEIRA, M. F. P. S., DESLANDES, S. F. (2003); LIBÓRIO, R. M. C., CASTRO, B. M. e COELHO, A. E. L. (2006); POLETTO, M. e KOLLER, S. H. (2006); POLETTO, M. (2007); SOUZA, M. T. S. e CERVENY, C. M. O. (2006); TROMBETA, L. H. A. P. e GUZZO, R. S. L. (2002); YUNES, M. A. M. (2006); YUNES, M. A. M., MENDES, N. F. e ALBUQUERQUE, B. M. (2005); YUNES, M. A. M., e SZYMANSKI, H. (2001).

A abordagem de resiliência ecológica alcança também interpretações de resistências dos ecossistemas, uma definição empregada na Biologia, na Engenharia Florestal, na Agronomia, e em outras áreas de ciências afins. Há interpretações na Medicina e Odontologia sobre resiliência, enquanto capacidade genética ou orgânica de impactos e congênitos nas células e a restabilização dessas capacidades.

Em Ciências da Saúde, nas áreas da saúde coletiva e de prevenção, o termo relaciona-se a origem etimológica: do latim “*resiliens*”, voltar para trás; ou do inglês, “*resilience*,” elasticidade, capacidade de recuperação. Além disso, é pertinente ao conceito de “*robustness*,” remetendo à ideia de que uma organização estável, frente a uma perturbação. O que se definiria como capacidade de manter-se intacta ou de organizar-se ao redor de outro fator alcançando estabilidade.

No campo da neurociência, o estudo da resiliência tem se expandido bastante. O esforço é de entender quais mecanismos neuroquímicos proporcionam uma melhor ou pior capacidade de enfrentar situações adversas. A maioria dos achados aponta para o fato de que experiências primitivas de qualidade de apego modulariam determinados circuitos cerebrais de maneira a desenvolver uma maior resiliência.

Dessa forma, a tese é de que um indivíduo é biologicamente predisposto a manter o apego, de maneira especial, em situações de perigo. Quando as experiências primitivas são inadequadas, ou seja, na falta ou excesso de estímulo e contato emocional, estruturas cerebrais envolvidas nesse sistema não se desenvolvem adequadamente, afastando o indivíduo da capacidade de resiliência e aproximando-o de um desenvolvimento emocional disfuncional (SABLE, 2004).

No campo da psicobiologia, estudos identificaram que diversas estruturas cerebrais participam do processo de reconhecimento do perigo e da capacidade de enfrentar e solucionar problemas. Isso porque, estruturas neuroquímicas relacionam-se ao eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Essa estrutura é modulada pela herança genética, e vivências experimentadas principalmente nos primeiros anos de vida.

As considerações sobre o termo resiliência e seu uso nas áreas citadas, indicam uma ancoragem de ideias sobre o tema, nas teorias clássicas da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento, tendo em vista a ideia de que a formação do

indivíduo tem base em heranças constitucionais, experiências infantis e vivências na vida adulta.

2.1.2 Estudos e autores sobre resiliência

Na passagem da década de 1970 a 1980 pesquisadores americanos e ingleses voltaram sua atenção para o fenômeno das pessoas que permaneciam saudáveis apesar de expostas a severas adversidades. Titularam essas pessoas de invulneráveis e o fenômeno, de invulnerabilidade. Mais tarde a terminologia foi substituída por resiliência (BRANDÃO; MAHFOUD; NASCIMENTO – GIANORDOLI, 2011).

O termo invulnerabilidade foi superado uma vez que a psicologia entendeu que o sujeito transforma-se diante de uma circunstância adversa. Uma pessoa não pode absorver um evento estressor e voltar à forma anterior. Ela aprende, cresce, desenvolve e amadurece (POLETTTO; KOLLER, 2008).

Resiliência também não denota resistência absoluta a qualquer adversidade; pelo contrário, pode implicar em enfrentamento (ANTHONY, E. J; COHLER, B. J, 1987).

Quanto aos estudos sobre o tema, um dos pioneiros e importantes ocorreu com órfãos procedentes da Romênia. Eles foram precocemente afastados de suas mães e passaram por intensa privação emocional e física durante o período da ditadura. As crianças foram encaminhadas para famílias cuidadoras em distintos países. Rutter (1985) avaliou os indivíduos depois de terem sido encaminhados para os novos lares e verificou que, apesar da desigualdade no desenvolvimento inicial em relação às crianças de mesma idade, muitos acabaram tendo um crescimento satisfatório, mostrando-se resilientes, apesar das experiências traumáticas, vivenciadas no início da vida.

Nesse sentido, Sordi; Manfro e Hauck (2011) postulam que a resiliência não pode ser considerada como um traço de personalidade, mas como um processo dinâmico que pode variar em diferentes contextos.

No que se referem às primeiras pesquisas sobre resiliência, há registros de que foram produzidas mediante diferentes perspectivas e organizadas atualmente em três correntes: a norte-americana, a europeia e a latino-americana (FANTOVA, F. J, 2008; OJEDA, 2004). A primeira, de natureza mais pragmática e centrada no indivíduo, avaliou a resiliência por meio de dados observáveis e qualificáveis. Neste caso, a resiliência resultou da interação entre o sujeito e o meio.

Do ponto de vista da corrente europeia, o sujeito é relevante para a avaliação da resiliência. Neste sentido a resposta da pessoa às adversidades transcende aos fatores do meio, é construída por meio da dinâmica psicológica do indivíduo. A terceira, denominada latino americana, de caráter comunitário, encontra no social a resposta para as questões do sujeito frente às adversidades.

Sobre a apropriação do tema resiliência, Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) escrevem sobre as diferenças de entendimento e apresentação das origens do tema, bem como, acerca das concepções entre os estudiosos. Entre os latinos, o termo foi apanhado das ciências exatas e aponta para a resistência de materiais. Enquanto isso, os precursores do tema, ingleses e norte-americanos, não fazem referência a esse respeito (ASSIS, PESCE, e AVANCI, 2006; CYRULNIK, 2001; JUNQUEIRA e DESLANDES, 2003; LUTHAR e ZELAZO, 2003; MASTEN, 2001; POLETTO e KOLLER, 2006, 2008; RUTTER, 1985, 1993; TROMBETA e GUZZO, 2002; WERNER e SMITH, 1989, 1992; YUNES, 2001, 2003, 2006).

A palavra resiliência foi indicada para assinalar os fenômenos que abrangiam capacidade de resistência a pressões e estresses, processos de recuperação, regeneração, adaptação, características de personalidades flexíveis e moldáveis às circunstâncias.

Dito isso, ingleses e norte-americanos percebem a resiliência como resistência ao estresse, enquanto brasileiros e pesquisadores falantes de línguas latinas têm uma concepção que entende a resiliência ora como resistência ao estresse, ora como associada a processos de recuperação e superação de abalos emocionais causados pelo estresse.²⁷

²⁷ Teóricos citados anteriormente.

Entre os pesquisadores brasileiros considerados referência no assunto, Rabinovich e Moraes²⁸ apontam o estudo da resiliência como temática de importante relevância social e teórica no Brasil. Visto que, em entrevistas realizadas numa investigação multicêntrica sobre o tema, evidenciaram nas falas dos participantes, a insegurança de uma vivência social e cotidiana marcada pela instabilidade em todos os níveis, além de ser conhecimento essencial sobre desenvolvimento humano e consequente qualidade de vida.

O entendimento sobre as origens e estudos sobre resiliência importa, enquanto possibilidade, para explicitar diferenças de concepções adotadas e ou influências das línguas faladas pelos pesquisadores, em relação ao entrosamento com as percepções defendidas. A relevância está principalmente em entender como o conceito foi construído para depreender o sentido das diferentes visões sobre resiliência, bem como, para mapear conhecimentos produzidos a fim de vislumbrar avanços.

Ao dirigir o foco dessa exposição para os teóricos e concepções sobre resiliência, Sequeira (2009) no texto, resiliência e abrigos escreve sobre entendimentos atuais na discussão do conceito, estuda e descreve afirmações e aponta segmentos como base para as pesquisas, sobre o tema.

A autora faz referência à polarização das concepções em pauta, indicando diferenças de posições. Em Blum (2007) encontra-se a ideia de resiliência associada à adaptação e superação, envolvendo o debate de riscos e adversidades. Os autores Cecconello e Koller (2000) e Grotberg (2005) tratam a resiliência como capacidade de adaptação adquirida nas relações que estabelecem vínculos afetivos e de confiança. Assim, um indivíduo bem adaptado seria um resiliente.

Outro viés de concentração estaria na diferença entre o inato e o adquirido. A pergunta seria: a resiliência é proveniente de características pessoais dos indivíduos que os levaria a lidar melhor com as adversidades? Ou seria derivado do ambiente e das relações que a pessoa estabelece ao longo de sua vida?

²⁸ Considerações finais das autoras, publicadas no texto: Resiliência, uma discussão introdutória, 1996, em que propõem a necessidade de reflexão teórica sobre o conceito resiliência, após pesquisa bibliográfica e experiência, em uma investigação multicêntrica sobre o tema (MORAES, M. C. L. de; RABINOVICH, E. P., 1996).

Finalmente, apresenta-se a polêmica entre o permanente e o circunstancial. A resiliência seria um processo ou algo conquistado, fixo, estável e estabelecido?

Para Cyrulnik (1999), a ideia de superação é algo mais aprimorado, como a edificação de um novo movimento pessoal a partir de uma laboração que marca a pessoa, mas não a impede de seguir o seu desenvolvimento.

O estudo fundamentado na obra de Boris Cyrulnik entende a resiliência como processo não estanque, não linear, pois o mesmo indivíduo pode dar respostas diferentes a um mesmo processo a depender do momento da sua condição humana. Vezes pode agir de maneira mais proveitosa, outras não. O que não o torna mais ou menos resiliente.

Segundo Cyrulnik (2004), a resiliência é um processo de superação, um modo de subjetivação que se dá no encontro com o outro. Resulta da interação de fatores pessoais, institucionais e/ou do contexto social. É uma tessitura a partir do vínculo e do processo de significação.

A expectativa do autor é de transformação do indivíduo pelo ato, pelo gesto, pela palavra frente ao acontecimento. A pessoa inscreve seu desenvolvimento, narra sua história, num processo de transformação. “Não somos mais ou menos resilientes, como se tivéssemos um catálogo de qualidades: a inteligência inata, a resistência ao mal ou à molécula do humor” (CYRULNIK, 2004, p.208).

Assim sendo, a resiliência não é tão somente adaptação, como retorno ao estado anterior à dificuldade, mas uma construção de vida. Trata-se de uma retomada benéfica para o desenvolvimento progressivo a partir da ruptura e da possibilidade de subjetivação. Não é, portanto o apagar ou subestimar um acontecimento, mas refazer-se a partir dele.

A resiliência como capacidade humana e processo indicador de vida saudável remete aos estudos de Yunes (2003) que, adotando uma visão sistêmica, ecológica e de desenvolvimento, relaciona Psicologia Positiva ao conceito em questão. A abordagem concentra-se na investigação de aspectos potencialmente saudáveis dos seres humanos, motivações e capacidades, em oposição à psicologia tradicional e psicopatológica.

Sobre esse ponto de vista, o trabalho do psicólogo contemporâneo seria adotar uma visão mais apreciativa dos potenciais, motivações e capacidades das

peessoas. O que pressupõe um esforço, reflexão e seriedade conceitual teórica e metodológica consistente e importante.

No espaço das Ciências Sociais e Humanas a discussão teórica está focada nos riscos, recursos e fatores de proteção individuais e sociais de adaptabilidade, resistência, condutas vitais positivas e habilidades cognitivas que oportunizam a construção de uma realidade psicológica favorável à resiliência. Um espaço de escape entre o que é e o que poderia ser. Um aparato pessoal, relacional ou institucional capaz de desinstalar e mover pessoas para um novo sentido existencial. (YUNES, 2003, p.78)

Como constructo psicológico, o fenômeno da resiliência é relativamente recente. A partir da década de 90 vem sendo discutido em congressos internacionais (YUNES, 2003, p.80). Uma matéria complexa e múltipla em variáveis por se tratar de um estudo de fenômenos humanos.

Em artigo publicado sobre a relação, psicologia positiva e resiliência, Yunes (2003) reafirma a importância da abordagem para indicar novas possibilidades de estudo do tema nas áreas das ciências humanas e sociais. Ainda, faz uma revisão teórica sobre a compreensão da resiliência em múltiplas perspectivas. A autora observa que no âmbito da psicologia há um esforço para compreensão dos processos e condições que viabilizam a superação de situações de adversidades.

A pesquisadora apresenta discursos sobre resiliência denominados: o discurso dos “*experts*” sobre traços e características fixas individuais, resultantes de análises estatísticas e dados indicadores de testes, notas de escola, outros; o discurso experiencial, baseado em dados qualitativos das histórias de vida, relatos e narrativas construídas e reconstruídas pelas interpretações de cada indivíduo; e o discurso dos educadores, psicólogos e assistentes sociais que entende a resiliência na perspectiva da síntese entre os dois discursos mencionados, o dos “*experts*”²⁹ e o experiencial.

A autora lista teóricos e estudos contemporâneos que defendem o caráter processual da resiliência, a exemplo de Luthar, Cicchetti, Becker (2000) e Masten (2001). Aponta para as pesquisas da resiliência em famílias, oportunidade em que

²⁹ Experts: expressão em língua inglesa para nomear aqueles que são dominam o estudo de um tema, uma habilidade, competência.

elas são estudadas como instituição positiva para o desenvolvimento, diferente do lugar do desajuste e do conflito (YUNES, 2003).

Neste contexto de pesquisa, o estudo sobre a resiliência tem como foco a compreensão dos aspectos saudáveis e promotores do indivíduo, do grupo familiar e social. A investigação está pautada nos processos e percepções de elementos das experiências de vida, compreendidos na ótica sistêmica, ecológica e de desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996)³⁰.

Desse ponto de vista, o desenvolvimento é um fenômeno de continuidade e mudanças nas características do humano como indivíduo e como grupo, estende-se no curso da vida, em sucessivas gerações e através do tempo histórico, presente e passado. (BRONFENBRENNER, 2005).

Sobre a referência à intergeracionalidade e o discurso da resiliência, Pinheiro (2004) escreve: Moraes e Rabinovich (1996) relatam que Urie Broffenbrenner, numa conferência realizada em Recife, em julho de 1993, referiu-se ao conceito de resiliência como referência a sobreviventes de campos de concentração nazistas que reconstruíam as suas vidas enquanto outros, não conseguiam ultrapassar o trauma pelo qual haviam passado. A partir de um seguimento intergeracional constatou-se uma qualidade que passava de uma geração a outra. Esta qualidade estava associada à esperança quanto ao futuro que essas pessoas possuíam enquanto submetidas ao sofrimento.

A crença pela esperança de vida, apesar do sofrimento, é descrita por Viktor Frankl³¹ no texto: Em Busca de Sentido. Um Psicólogo no Campo de Concentração³². Frankl (2011) assevera que há possibilidade de encontrar sentido

³⁰ Para o autor o desenvolvimento é um processo que envolve estabilizações e mudanças das características biopsicológicas de um ser humano, não apenas ao longo do ciclo de uma vida, mas através de Gerações.

³¹ Viktor E. Frankl é professor da Universidade de Viena, Áustria, de Naimlogia e Psiquiatria e, ao mesmo tempo, da Universidade Internacional de San Diego, Califórnia, EUA, de Logoterapia. Ele é o pai da logoterapia. Frankl recebeu três títulos de Honoris Causa nos Estados Unidos. No Brasil Frankl recebeu o título de Doctor Honoris Causa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na ocasião em que presidiu o I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial - LOGOTERAPIA, realizado em 1984, em Porto Alegre. FRANKL, Victor. Um homem em busca de um sentido, 1946.

³² (FRANKL, 2011). Em Busca de Sentido é um livro de Viktor Frankl de 1946, onde ele retrata suas experiências como um detento de um campo de concentração e descreve seu método psicoterapêutico de como encontrar uma razão para viver. De acordo com Frankl, o livro tenta responder a pergunta "Como a vida cotidiana dentro de um campo de concentração se reflete na mente de um prisioneiro mediano?" O livro já foi editado muitas vezes.

no sofrimento. O significado da vida passa a ser algo incondicional. E é isto que garante o fato indelével da dignidade humana. Ele narra: "... desde Auschwitz nós sabemos do que o ser humano é capaz. E desde Hiroshima nós sabemos o que está em jogo".³³

Em outro texto sobre crianças com/sem família de Mapele, Salvador,³⁴ Rabinovich e Brandão (2008), ao estudarem famílias moradoras de um subúrbio e seus modos de vida, formulam considerações relevantes acerca das possibilidades de desenvolvimento e superação que têm os possuídos ou despossuídos,³⁵ de virem a percorrer caminhos que desejam seguir. Apresentam os recursos disponíveis pelas redes de significados, construídas na relação com o ambiente social, bem como, pelos vínculos estabelecidos.

No texto resiliência e brasilidade³⁶, Rabinovich (2004) afirma que o Brasil, ao sofrer influência de sociedades coletivistas como a indígena e a africana, pode ser descrito como uma sociedade relacional ou interdependente. Onde o meio serve à mediação e fornece os recursos de modo que "ao existir, somos onde estamos e com quem estamos"³⁷, um modo de ser próprio. No que se refere à resiliência, as relações personalizadas e a qualidade vincular propiciam os processos de resistência e crescimento pessoal, ou seja, colocando a ênfase em processos de intercâmbio pessoa/ambiente.

A respeito da relação resiliência, grupo social e desenvolvimento enquanto fenômeno de continuidade, Tavares (2001) compreende a resiliência como capacidade individual ou de um grupo combaterem situações adversas sem perder a aptidão para acomodar-se e reequilibrar-se constantemente. Ele também afirma que

³³ Transcrição do texto de Frankl no livro: Em busca de sentido. Um psicólogo no campo de concentração, 2011, (p.83).

³⁴ O objeto deste estudo de caso foi o modo de viver de vinte famílias de Mapele, subúrbio ferroviário de Salvador, Bahia, tomando-se como fio condutor a complexidade, a rede de significações e a perspectiva ecológica. Os resultados, apresentados como cenários e trajetórias, foram organizados em torno dos temas: ontem e hoje; vida cotidiana das famílias; violência doméstica; vida de um pescador; brincadeiras. Esses temas conduziram a considerações sobre o modo de vida na comunidade dentro de uma visão dialética quanto ao significado relativo e conjuntivo de possuir ou não possuir recursos.

³⁵ Termos utilizados pelas autoras para dizer dos socialmente favorecidos ou desfavorecidos.

³⁶ Texto publicado em: JACQUET, Christine; FIALHO, Livia (Org.), **Família em Mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

³⁷ Citação literal da referida autora em capítulo: Resiliência e Brasilidade, p.169. Em JACQUET, Christine; FIALHO, Livia (Org.) 2004.

o desenvolvimento de competências resulta da mobilização e ativação das habilidades de ser, estar, ter, poder e querer, ou seja, pela autorregulação e autoestima.

Nesta perspectiva, o ser resiliente pode ser conhecido por aquele que continuamente se renova e por esse movimento se transforma. A resiliência poderia ser definida como a capacidade que um indivíduo tem de resolver de maneira adequada e positiva os reveses que aparecem em seu caminho e sair deles transformado. Portanto a habilidade de alterar comportamentos, conseguir mudanças socialmente aceitáveis e poder projetar o futuro (GOMES; RABINOVICH; BASTOS, 2005).

Assim entendida, a resiliência seria considerada como processo interativo entre indivíduo e seu meio. Uma expectativa que agrega uma inter-relação entre aspectos biológicos e socioculturais com a participação de outros sociais na transmissão da cultura que acontece no espaço da vida cotidiana.

A resiliência como processo que mobiliza recursos interativos da pessoa com o meio e com os outros sociais, salienta o aspecto comportamental do indivíduo relacionado a influências do desempenho de outros. Neste cenário, a pessoa esboça uma atitude aprendida, uma identidade que se revela no contexto da alteridade familiar, por exemplo. Daí o interesse pelo espaço familiar e de sua importância como lugar onde a pessoa forma-se, desenvolve-se assume um papel e uma identificação.

Para Moreno (1975) e Bronfenbrenner (1996) um papel é uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa. Neste sentido, refletem Gomes, Rabinovich e Bastos (2005, p.48) “ter consciência do seu papel e do seu valor tanto na comunidade familiar quanto na comunidade social pode respaldar a autoestima e confiança, considerados atributos da resiliência”.

Quanto à resiliência no ambiente familiar, Silva (2004) admite que as mais diversas configurações familiares sejam capazes de desempenhar adequadamente suas tarefas, adaptando-se à complexidade da vida contemporânea. Assim sendo, não é o formato da família que determina seu bom funcionamento, mas o processo familiar. A autora entende que as responsabilidades pelas dificuldades da pessoa

durante seu desenvolvimento, não dizem respeito tão somente ao sujeito, nem tão pouco à família ou à sociedade, mas trata-se de uma responsabilidade partilhada.

A autora referida transcreve Vanistendael (1999, p.84, 85), ao abordar áreas de intervenção para o estímulo à resiliência: edificação de redes de apoio e relação de aceitação incondicional à pessoa; descoberta do sentido e coerência da vida, em estreita relação com a fé religiosa; aptidões sociais, capacidades para resolver problemas e controle sobre a própria vida; autoestima e concepção positiva de si mesmo, senso de humor.

Neste sentido, as pesquisas e autores sobre o tema apontam que a capacidade para amar, trabalhar, ter expectativas e projeto de vida, dar sentido à existência pode ser o alicerce onde as habilidades humanas se apoiam diante dos infortúnios da vida que certamente todos, em menor ou maior intensidade, têm que enfrentar enquanto vivos.

Por fim, após revisão da literatura e análise da produção científica sobre resiliência psicológica, Souza e Cerveny (2006) publicaram artigo com o objetivo de oferecer um panorama sobre a evolução da produção científica em resiliência, realizando um levantamento de publicações nacionais e internacionais sobre o tema. Foram consultadas as bases de dados Medline (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online)/Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), APA (American Psychological Association), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), UNIVERSIA e SciELO (Scientific Electronic Library Online). As autoras fizeram as seguintes considerações:

A Resiliência é um conceito que tem sido explorado e aplicado nas mais diversas áreas que envolvem o ser humano e seu ambiente de relacionamento. Constatou-se algumas linhas de estudo qualitativo e quantitativo da resiliência: 1) verificação e compreensão de características pessoais e processos de superação e enfrentamento; 2) construção de instrumentos e metodologias para a avaliação da resiliência; 3) compreensão dos significados atribuídos à resiliência; e, 4) projetos de intervenção visando desenvolver ou fortalecer a resiliência. (Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology – 2006, Vol. 40, Num. 1 pp.119-126)

A partir das constatações, as autoras verificaram que prioritariamente os estudos foram de natureza avaliativa ou de intervenção e limitaram-se a aspectos da resiliência como: traços de personalidade, características, resistência e enfrentamento.

Participaram dos estudos retrospectivos, pessoas consideradas resilientes ou bem sucedidas, a fim de obter informações sobre desafios enfrentados e estratégias e recursos utilizados.

As autoras propõem que sejam feitos estudos prospectivos para compreensão de crenças e significados atribuídos não só ao presente, mas também ao futuro, bem como o sentido que a vida possui para as pessoas.

A contribuição desse estudo permite vislumbrar a possibilidade de pensar a resiliência com foco no sentido que é atribuído à existência humana, da presença de um plano de vida. Afinal, justifica Silva (2004, p.191) "... a resiliência é mais uma esperança para ratificar o dito em Gênesis": "E a criação é algo bom".³⁸

2.2 A DIMENSÃO POÉTICA: O PARTO DE UMA ABORDAGEM TEÓRICA

A poética como meio para abordar fenômenos circunscritos no espaço da existência humana é uma forma intrigante de movimentar o pensamento científico para além das generalizações conceituais.

No espaço da investigação científica, a dimensão poética inaugura um olhar que extrapola a rigidez das ferramentas conceituais e mira em acontecimentos sugestivos que podem aludir possibilidades e respostas.

O estudo que se pretende sobre o tema resiliência remete à poética da pesquisa como base para as reflexões, análises e entendimento de processos humanos na construção de significados.

Ao apanhar no campo dos fenômenos humanos, o objeto desse estudo, será preciso assumir uma atitude exigente, enfrentar um conhecimento de magnitude interdisciplinar, pois será imprescindível exceder os limites da especialidade

³⁸ Gênesis 1:10.

acadêmica para acostar-se na quase totalidade dos elementos inerentes à complexidade da pessoa e da vida.

Diz Giancarlo Petrini³⁹ sobre as categorias e conceitos com os quais se erguem o discurso científico: a linguagem precisa e a compreensão exata da realidade são ferramentas preciosas na demonstração e elaboração do conhecimento, entretanto, apresentam-se ineficazes para objetos mais sensíveis. Vale transcrever as palavras escritas pelo autor: “... como um alicate ou uma tenaz com os quais se pode manusear admiravelmente o ferro, mas que resultam inapropriados para segurar objetos mais delicados” (PETRINI; 2012, p.17).

O autor adverte que tais elaborações ditas exatas são suportes extraordinários para os avanços nas ciências humanas, entretanto observa-se que há limites na compreensão que se restringe ao diálogo fechado em uma disciplina.

No contexto da interdisciplinaridade, espaço que permite o trânsito dialógico entre as mais diversas disciplinas, expressões artísticas, imagens, sons, vozes, sinais, achados e escondidos desnudam o objeto de estudo e incrementam a novidade da investigação. Tais possibilidades aclaram aspectos intocáveis e sombreados pelas técnicas exatas, permitindo que a sensibilidade, as intuições, a liberdade, intimidade e aproximação atenta, reflexiva e racional possam elucidar com minúcia, a realidade a ser estudada.

Silva (2010), em seu escrito *Poiética do Acontecimento* traz à tona a expressão do método “poiético” ao se debruçar sobre a questão do acontecimento. Diz o autor:

Dedicados à procura da verdade, nem sempre aí conseguimos chegar e, se realmente chegamos, não é através de análises ou de equações, experiências ou evidências, por vezes mesmo através de tentativas. Mas quando tal não se conseguir diga-se o que se faz, de resto, se se quiser; de resto, porque se a meditação fracassa, não se deverá tentar a narrativa? [...] Realmente, o pensamento mítico tal como o pensamento filosófico [...] descobrem na narrativa poética uma forma de aproximação reveladora dos problemas, queremos dizer, como que um modelo criativo de abordar um mistério, um segredo, um problema, uma questão, uma coisa, um processo que deambula aos lados, por cima, por baixo ou mergulhando num caos até

³⁹ Graduado em Ciências Políticas e Teologia. Mestre e Doutor em Ciências. Experiente na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Família. Essa referência encontra-se publicada em: RABINOVICH, Elaine Pedreira; SOUZA, Ana Cecília. *Poiética da Família e da Comunidade*, 2012. (p.17).

alcançar uma estável ordem [...]. A escada nunca se encontra já lá, constrói-se à medida que se vai subindo. A escalada de uma montanha envolta por nevoeiro faz-se sempre palpando o caminho, criam-se os modos, os gestos de se chegar ao topo. Este é o método poético, criativo; humilde mesmo no seu enunciado mais duro, mais intransigente. Este é o método, ou estilo adotado por Gilles Deleuze⁴⁰ e Michel Serres.⁴¹

A metáfora da escalada de uma montanha envolta por um nevoeiro, associa-se a ideia de um método que se arquiteta a deriva⁴². Colocar-se em posição investigativa, entregando-se com rigor à observação, ao sentimento, a expressão que desenha o contorno do objeto originalmente factual, não deixa de ser um movimento de ida e volta ao encontro do objeto de estudo.

Como se fosse o pesquisador, um pescador de custosos temas. Encontra-se o primeiro, num mar de infinitas possibilidades. Na imensidão interminável de possíveis verdades relativas, prepara uma isca. Usa exatamente o chamariz que convém para assegurar o desejo que pulsa particularmente das profundezas de sua curiosidade e desejo investigativo. Lança-se incessantemente no volume do conhecimento que acredita possuir. Mais confortável ao navegar em águas aparentemente mais nítidas, de repente, tem a impressão de que se deu ao encontro.

Assim, à deriva, apanha da realidade seu objeto, mira-o com a força do interesse emergente e reflete sobre a viabilidade de apossar-se dele. A isca foi lançada, a pesca mostra-se e o pesquisador imagina o que fará do achado ao retirá-lo da tranquilidade do seu habita. Procura uma imagem. Será o seu objeto, importante para sobrevivência da pesquisa, quantos desfrutarão do seu esforço, ele servirá de alimento à ciência ou é mera motivação própria, a serventia tem o

⁴⁰ Filósofo francês. Deleuze afirma: "a filosofia é criação de conceitos" coisa da qual nunca se privou, mas também não se prendeu a transformá-los em "verdades" a serem reproduzidas.

⁴¹ Filósofo e autor que não se dedicou a um único tema. Ele forjou uma maneira de entender o pensamento filosófico, uma forma de comunicação, de caminho, entre as ciências e as artes, entre as ciências e as humanidades.

⁴² Método à DERIVA. Denominação de autoria de Rabinovich, em escritos para o grupo de pesquisa Família, Poética e (Auto) Biografia. Elabora Elaine Rabinovich (a Xamã) em atividade secreta com suas alunas: ... Embora o método se caracterize por embarcar numa canoa sem a dirigir, mas deixar ser dirigido pelas correntes submersas (ou emersas) deve-se portar leme, remos e colete salva-vidas. Porque não interessa morrer na praia. Interessa, dos encontros desencontrados com as margens, iniciar-se – ser iniciado – na transdisciplinaridade. Pois da transmarginalidade deve nascer o novo, de um encontrão que geralmente é doloroso (pathema) – isto é, comporta algum tipo de sofrimento – como vimos em todos os relatos sobre nós mesmos quando vimos ou antevimos o que somos/ seremos/fomos. Anotações de Rabinovich, não publicadas.

tamanho para atender a relevância mínima necessária que não a própria fome do pesquisador?

Nesse momento da pesca, encontra-se o pesquisador à deriva. A decisão de retirar da profundidade o conhecimento comum para olhar para ele com mais sabedoria. Exige também a lucidez para fazer o trajeto: da realidade para o saber científico, do acadêmico conhecimento para a realidade bendita. Não é possível tomar posse do objeto sem enxergar o que fazer com ele. Enquanto decide, avalia o como, o com quem, o para quem, o porquê, o quando e o para quê.

Aparentemente ancorado pelo objeto de estudo, bem como, pelo plano de pesquisa descrito na face do objeto, tudo parece pronto para começar a investigação. O objeto iscado descansa escrito numa folha de papel como o peixe num samburá ou cesto qualquer. Depois de recuperar o fôlego, agora mais sossegado, o pesquisador traça seus objetivos, delinea o método, enraíza técnicas em vista da natureza do estudo pretendido e imagina dar rumo ao barco, na direção nordestada pela bússola.

A partir de então, deve permitir-se a experiência da tempestade. Isso quer dizer que o pesquisador encontra-se mais uma vez, à deriva. Precisa de lemes, coletes para sobrevivência, equilíbrio, competência e habilidades para enfrentar a desconhecida profundidade sobre a qual flutua. Afinal, o pesquisador à deriva é reconhecido por sua capacidade de resistência, pela criatividade inventiva, pela experiência poética⁴³, pela beleza da superação. Ele jamais deve recolher-se ou morrer na praia.

Também não lhe são permitidos trajetos curtos, habilidades fixas, impulsos brutos. Há de ser sensível e racional, cauteloso e aventureiro, esmiuçador e sutil, particular e humanamente coletivo.

Seu trabalho explicar-se diante do acontecimento, ao acessar o que quer conhecer. Apenas neste caso. Caso contrário, já é conhecido. E o acontecimento

⁴³ Experiência poética: revelação da condição humana, deste transcender-se sem cessar. (PAZ, 1970).

não pode ser nem planejado, nem controlado, nem mesmo procurado: ele acontece, como um nascimento.⁴⁴

Nascer, então seria acontecer, fazer o movimento que lança, experimentar a novidade por meio de uma experiência de dor e intenso prazer. Munido de imaginação⁴⁵, o pesquisador carece de promover e operar coincidências na medida em faz-se experiente⁴⁶. Mais que fazer experiências, ele precisa ter experiências. Uma atitude de permissão, reprodução, imaginação.

Para George Agamben (2007) trabalhar com a imaginação significa envolver-se na complexa comunicação e descrição dos fantasmas⁴⁷ humanos, já que eles são expressos na forma de imagens. Ainda, corre-se o risco do encontro com o conceito de imaginação, corrompido de adjetivos, que na maioria das vezes torna-se sinônimo de mentira, alucinação, irrealidade e irracionalidade.

Olhar para as aparições é como sentir a dor do parto, só sabe a coisa, quem experimentou o acontecimento. Que então se faça nascer a poética da resiliência em família e se possa ver a beleza da superação acontecendo.

Para além da abordagem de tonalidade poética, do fazer poeticamente, da dimensão poética da técnica que supera a disciplina metodológica, faz-se necessário explorar com exagero o termo poética para expressar a relevância do conceito na pesquisa.

O trato descomedido justifica-se para elevar a experiência poética como possibilidade particularmente humana de acesso à subjetividade. Um exercício permanente de transcendência da natureza humana em relação com a sua história pessoal e coletiva.

Quando Heidegger (1976) pronuncia que toda essência humana é poética e reintera que ao fazer-se poeta o homem exerce sua humanidade resgata a origem

⁴⁴ Rabinovich, Elaine. Em escritos dirigidos ao grupo de pesquisa: Família, Poética e (Auto) Biografia, 2014.

⁴⁵ Imaginação = magi+ação. Do latim, *imaginari*, formar uma imagem mental de algo, derivado de *imago*, “imagem, representação”, da mesma raiz de *imitari*, “copiar, fazer semelhante”.

⁴⁶ Agamben discute como atualmente apenas se pode fazer experiência, e não ter experiência, usando como símbolos supremos dessa dissociação Don Quixote, que só fazia experiência, e Sancho Panza, que só tinha experiência. Ter experiência estaria no fundamento, do acontecer (AGAMBEN, 2007).

⁴⁷ Termo usado por Agamben para denominar imagens obscuras ou apagadas o objeto ausente da realidade que pode se tornar visível por uso da imaginação.

da palavra *poiesis*⁴⁸ elaborada originalmente para expressar a essência do agir, a força criativa que faz uso de um conhecimento técnico para realizar a vontade criadora.

Heidegger (1976) pensador da existência, desconstruindo representações comuns sobre habitar como mínimo alojar-se e poesia como nostalgia estéril, sonho sentimental ou simples literatura, conduz de modo contundente à constatação de que não apenas habitar e poesia dão suporte uma à outra, mas que habitação repousa na *poiesis*. Um modo de imaginar a realidade e aprender a habitar criativamente em condição humana, temporalidade vivida em produção autêntica e livre.

Nesse sentido, cabe ao homem olhar para o espaço entre seu existir e para além dele. Entre o céu e a terra, lugar de sua experiência. Mirar sua produção cultivar modos de habitar transcendendo, criando. Dar conta de ser em sua condição humana, empreender, pois da existência humana e natural não pode subtrair-se, apesar dos obstáculos da vida. Doar-se a existência como medida e conduzir poeticamente sua habitação seria como fazer *poiesis*⁴⁹.

No contexto desse exercício científico a experiência de uma habitação nos moldes de um fazer poético, induz a construção do vir a ser apesar do que há. Precipita a pessoa a lançar-se ao desafio de transformar sua imagem sem deixar de ser ela mesma (PAZ, 1970). Fazer-se a si próprio ao fazer-se outro. A usufruir da poética enquanto condição humana capaz de provocar uma dialética existencial. Um exercício de revelação da essência humana em processo contínuo de transformação e reescrita de histórias de vida.

Vale acrescentar que embora a poética insurja de um sentimento particular ela nutre-se das histórias que transcende. De cadeias humanas anteriores e posteriores a pessoa, da coletividade, do familiar, da alteridade comum, da existência compartilhada para transcender aos modelos de identidade sócio-históricas preditas.

⁴⁸ Criação humana e exaltada a figura de seu criador (SANTAELLA, 1994, p.27).

⁴⁹ HEIDEGGER "... L'Homme Habite en Poète...", in Essais et Conférences, 1976, p.231.

Desse movimento poético surge a possibilidade do exercício científico de conhecimento sobre como a condição humana da poética pode dar-se ao saber acadêmico.

A conjectura é de que a subjetividade é campo da expressão poética, (SAFRA, 1999). A poética comunica a existência humana, a subjetividade expõe as imagens que nutrem o pensamento manifesto pela fala. O dado a conhecer é exposto pela linguagem que representa o acervo da experiência humana.

Nesse sentido, se o poético é uma condição humana (HEIDEGGER, 1958), a subjetividade se expressa poeticamente (SAFRA, 1999), para Croce (apud Bosi, 1991) a expressão poética é uma síntese entre *pathos*⁵⁰ e figuração.

Ao ser assaltado pelo *pathos*, a pessoa experimenta o instante poético, cria uma imagem organizadora de si e do seu existir humanamente. O acesso à expressão poética de subjetividades pode ser proporcionado pela interlocução de falas e escutas que desvelam imagens poéticas materializadas nas vozes que narram e significam a vida como ela foi, é ou pode vir a ser.

Na tentativa de atualizar ou ambientar a palavra *pathos* a partir do seu significado original: dor, sofrimento, é possível arriscar a reflexão a seguir. Nota-se a olho nú que até os mais desejáveis sentimentos humanos a exemplo do amor e da felicidade são causadores de alguma dor. Quem já não sofreu de amor ou experimentou instantes de deleite doídos de tão raros? De saudosas nostalgias?

Disse André, o irmão caçula, numa feliz e doída reunião de irmãos:

“... eu quero que vocês me prometam... eu vou dizer uma coisa pra vocês... Vamos terminar essa reunião... se por acaso o destino me levar pra longe... A gente nunca pode perder esse elo da gente... A gente tem uma história de vida muito linda... Vocês estão de parabéns, eu olho pra vocês e tiro o

⁵⁰ *Pathos*: do grego, significa sentimento, de sofrimento. O conceito pode ser compreendido com base nos ensinamentos da Retórica e da Poética antigas. Na Retórica, os afetos são designados justamente sob o termo genérico de *pathos*. Para Aristóteles, encaixavam-se nessa rubrica emoções fortes negativas ou positivas, tais quais a cólera, o temor, a indignação, o terror, a inveja, o ódio, a vergonha, a indignação, a piedade, a alegria, entre outros. O *pathos* é ingrediente fundamental de uma modalidade de provas intrínsecas lógicas ou psicológicas. Se lógicas (racionalis), dividem-se em silogismos e exemplos; se psicológicas, em éticas e patéticas. A divisão ancora-se no fato de haver, na persuasão, um componente racional e um emocional. No campo da poética o *pathos* relaciona-se às emoções provocadas por uma ação dramática. Aristóteles: *Arte Poética e Arte Retórica* (1964); João Adalberto Campato Junior: *Retórica e Literatura* (2003). Michel Meyer: *A Retórica* (2007).

chapéu. A resposta de Deus na vida de vocês. Eu amo vocês duas, vocês foram minhas educadoras... Eu devo a vocês duas...” (transcrição de fala: irmão caçula, entre as falas sobrepostas das irmãs. Setembro de 2014).

Enquanto a voz de dor do irmão era ouvida, a irmandade por meio da memória sentida percebia e organizava a si própria e a vida experimentada, transcendendo poeticamente de um tempo espaço para outro melhor.

Escreve Graciliano Ramos (2012) que o sofrimento infantil é capaz de alcançar as rachaduras na ordem sócio familiar e fazer transitar um espaço de recriação do eu e do meio em que se quer viver. Isso posto, parece lógico relacionar a ideia do poeta à proposição de que habitar poeticamente o mundo é lançar-se à existência de modo a transformar dor em vida, transições e trajetórias.

Ao narrar a dor e acessar o sofrimento no nível afetivo é possível reelaborar o sentimento cognitivamente, dar sentido aos acontecimentos e provocar a possibilidade da cura. E afirmou André, após uma das entrevistas para essa pesquisa:

Você vem de novo? Me senti tão bem... Parece que fiquei curado. Eu queria falar outras coisas que eu não falei, eu esqueci ou eu não sabia, não entendia muito. Acho que se eu fizer isso de novo, vou falar melhor. Eu não esperava lembrar de tanta coisa e eu não sei se foi isso mesmo que aconteceu... Se você quiser, podemos fazer outra entrevista, quantas você precisar... (fala do irmão caçula. Janeiro de 2014).

O irmão manifestou de forma clara e com sentimento alívio o bem causado pela experiência de revivescer durante a narrativa elaborada sobre sua própria existência.

2.2.1 A concepção: o instante da transcendência

A concepção de um termo para nomear um procedimento vincula-se às possibilidades de realização e significação da palavra, em um contexto de comunicação. Assumir uma intenção comunicativa, portanto, enseja determinar as possibilidades de entendimento mais apropriadas para um vocábulo em uso.

Assim sendo, será preciso estender os efeitos de sentido da expressão poética como aparato mediador na abordagem do objeto desse estudo. No campo das ciências humanas e no contexto das relações familiares, a imaginação poética pode constituir-se como o espaço criativo da consciência, um lugar dinâmico onde se guarda e se organiza tudo aquilo que a memória pode e consegue tocar.

A dimensão poética surge, portanto de relações entre os domínios: literal-imaginado, presente-futuro. Neste espaço a pessoa “move a si própria e ao mundo” (BASTOS E RABINOVICH, 2012, p.41).

Imaginar corresponderia, portanto, à proposição de que uma figura tecida resulta sempre de um esforço de compreensão. Mirar num acontecido é sempre um convite ao acontecimento. Quando uma pessoa vive a experiência e a guarda em sua memória, pode ela, a qualquer momento, referir-se. É possível fazer a experiência do narrador onisciente ou até mesmo onipresente para contar precisamente o feito, o dito, o acontecido. Isso porque o passado mostra-se.

As imagens do passado poderiam, sob esse ponto de vista, ser evidenciadas como sombras refletidas no tempo presente. Passado e presente persistem, na medida em que os dois tempos são conhecidos pela pessoa. A diferença estaria no fato de que o tempo presente está ativado, enquanto que o passado permanece em estado de repouso.

Imaginar o acontecido sobrepondo o tempo passado ao instante presente, ou mesmo ao futuro, tempo desconhecido que virá, corresponde a deixar a experiência do fazer pela experiência do sentir e compreender o ocorrido em sua totalidade. É comum ouvir o dito e repetido sabiamente pelos que experimentam: “só quem sente sabe como dói”. Como quem quer dizer: contar não doi, a dor é para quem sente, só a experiência é capaz de oportunizar o entendimento. Esse seria o movimento próprio a ser feito, um acontecimento, o instante con/sagrado definido por Otávio Paz.⁵¹

⁵¹ Poeta e escritor mexicano. Para PAZ a poesia é consagração do instante, de um momento histórico concreto, mas ao mesmo tempo de uma liberdade individual, de um absoluto. A criação poética é ato de liberdade individual condicionada a um presente histórico. PAZ, Octavio. *El arco y la lira*, 1990.

“Toda memória que não seja imagética, poética e devaneante, não merece ser lembrada nem vivida”, defende Bachelard.⁵² Completa o autor: “Uma imagem recebida em alma nos põe em estado de devaneio contínuo” (p.405). As imagens poéticas suscitam o nosso devaneio, fundem-se nele, tão grande é o poder de assimilação da alma.

Assim sendo, tal imagem acende e aponta para a experiência do acontecimento como possibilidade que movimenta sensações, lapida o olhar, estimula os sentidos e busca por meio da lembrança vivida alcançar as questões tecidas pela imaginação poética⁵³.

Ao pensar os termos imaginação poética, acontecimento, instante consagrado, uma memória desenha o que pode ser lido no texto, *Da luneta, a Praça da Bandeira*⁵⁴ seguem fragmentos:

Olho pela luneta, as primeiras imagens parecem iludidas, não vejo com limpidez. Enquanto me apodero das memórias, tiro a poeira dos fatos, vasculho e descubro-me possível narradora do eu que habita nela. A minha personagem. (...) Isto. Alcancei! Ajusto o foco, reconheço o cenário e posso vê-las nitidamente. Elas estarão lá, a minha espera. Melhor, à espera dela, a menina quase filha, a sobrinha neta... (...) Resolvo olhar para a praça vazia. E vejo que não só o mercado ocupa aquele espaço. Há árvores num canteiro distante... Na frente do mercado, uma calçada com enorme escadaria dando acesso a parte mais baixa da feira. Havia uma irregularidade no piso, tanto que a barraca de Carlinhos ficava num canto, encostada num paredão de pedra. Poderia desenhar, se pudesse. Tomara eu descrever com perfeição a imagem que miro através da lente. Se ao leitor, tivesse como emprestar um olho, seria tão prático e tão óbvio que não caberia numa narrativa. Imagens são assim, impossíveis metáforas que deixam curiosos os que primam pela exatidão das coisas... Portanto caro leitor, desista! Só a saudade que tenho é capaz de tamanha lembrança e ricas miudezas.

⁵² Para BACHELARD a imagem está relacionada à imaginação, é a obra pura da imaginação, um fenômeno do ser, formada no devaneio. (1974, p.405).

⁵³ Imaginação poética: termo usado por Gaston Bachelard para dizer que se deve romper com os hábitos da pesquisa filosófica e ou racional se o problema da investigação for posto por tal imaginação. BACHELARD, G. **A filosofia do não; O novo espírito científico; a poética do espaço**. Gaston Bachelard; seleção de textos de José Américo Mota Peçanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos; et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

⁵⁴ SOUZA, C. *Da luneta, a Praça da Bandeira*. Em: RABINOVICH, Elaine; MERHY, Teresa ; REINA, Vanderlay; CAIXETA, Lílian. (Orgs.) **Família e poéticas da Infância: relatos autobiográficos**. Curitiba: Juruá, 2013. (p.p.43-52).

Entre os fragmentos transcritos, uma imagem poética, uma questão posta, uma investigação iniciada. Ancorada em relatos de um instante que se consagra pela possibilidade da transcendência, a pessoa decide pelo movimento do si mesmo, de volta ao tempo anterior e, de retorno ao presente. Conteúdos psicológicos mostram-se para compreensão das questões humanas, sem que o limite das hipóteses formuladas e o norte das classificações, categorias e alternativas preconcebidas possam impedir o acontecimento.

Por uso de uma lente imaginada, primeiramente opaca, mas potencialmente ativada pela memória poética, o instante bendito tece os significados e o encontro com a trajetória da humanidade acontece nesse tempo.

Sobre a temporalidade do instante consagrado, Paz elucida os opostos de um tempo atualizado pela memória: o instante e o eterno. A dimensão humana e transcendental projetadas no espaço e tempo.

Rabinovich sobre tais reflexões, conclui que a poética pode ser entendida como uma dimensão humana onde ocorre a vida em sua transitividade, o instante con-sagrado, o que transcende por meio da compartilha, o que sustenta, embala, impregna e é a própria humanidade. Nesse instante de transcendência há uma identidade do indivíduo com a história da humanidade passada e futura (RABINOVICH, 2013, p.29).

Ao definir a poética como dimensão na qual, a vida humana acontece, a autora citada faz alusão ao poema de Holderlin⁵⁵, citado por Heidegger⁵⁶. O poeta afirma: “poeticamente habita o homem.”⁵⁷

[...] Um homem, quando sua vida não é senão pena, tem ele o direito
De olhar para além de si e dizer: também eu,
É deste modo que eu quero ser? Sim. Tão duradoura quanto ao coração

⁵⁵ Johann Christian Friedrich era poeta lírico e romancista alemão. Conseguiu sintetizar na sua obra o espírito da Grécia antiga, os pontos de vista românticos sobre a natureza e uma forma não ortodoxa de cristianismo, alinhando-se entre os maiores poetas germânicos. Citado por, RABINOVICH, 2013, (p.30).

⁵⁶ Filósofo, escritor, professor universitário, reitor e um dos grandes pensadores do século 20. Publicou sua maior obra filosófica "Ser e Tempo", em 1927. Após o lançamento dessa obra, Heidegger foi considerado o maior nome da filosofia metafísica. Citado por, RABINOVICH, 2013, (p.30).

⁵⁷ O poeta ao falar de habitar considera a condição humana – a questão da existência.

A amizade, a pura amizade, dura ainda, o homem
 Não é mal esclarecido, se ele se mede com a Divindade.
 Deus é desconhecido?
 É manifesto como céu? É mais isso
 O que eu creio. Tal é a medida do homem.
 Pleno de méritos, mas poeticamente, o homem
 Habita sobre esta terra. Mas a sombra da noite
 Com as estrelas, se eu posso falar assim,
 Não é mais pura que o homem,
 Esta imagem, se diz da Divindade.
 É ele sobre a terra uma medida? Ele não é
 Nenhuma.⁵⁸

Nos primeiros versos o poeta expõe a condição do homem diante da vida, se não for o penar que atribua a si, o direito de refletir sobre seu habitar, seu existir. Sendo o Divino a medida do seu habitar aproxima-se da magnitude. Seu trabalho pela vida acontece entre o céu e a terra. Isso ele faz poeticamente.

O poeta com esse dito considera os feitos do homem sobre a terra, a reflexividade de o seu agir, seu potencial para alcançar além dos modos de habitação consentidos. Equivale a construir e cultivar modos de habitação que transcendem a partir da dimensão terra e céu, por meio da imaginação criativa e no reconhecimento da humanidade habitada por todos os seus iguais.

Abrir-se à existência como dádiva possibilitaria o humano a ser na medida do seu ser existencial. Esta seria a poesia da habitação. Por certo a realização da transcendência.

2.2.2 A família e o belo: as faces, a compartilha dos acontecimentos, a sina dos sacrifícios, as cicatrizes reveladas

A beleza que anela o ambiente da família faz jus a esse instante investigativo. Por mais natural ou invisível que seja tal atributo, tão próprio da relação familiar, as

⁵⁸ Friedrich Hölderlin apud. Martin HEIDEGGER "... L'Homme Habite en Poète...", in Essais et Conférences, 1976, p.232.

linhas escritas que seguem, devem explicitar a face do belo que adorna, afaga, reúne e sustenta as pessoas comprometidas com a misteriosa aliança do pertencer a uma família.

Contornos de beleza que esbanjam curvas sinuosas, embaralhadas, embaraçadas e ao mesmo tempo retas, contínuas e infinitas. Cada habitar desenha-se a partir de experiências compartilhadas, cumplicidades que alimentam os sonhos particulares e protegem a unidade familiar. Sacrifícios velados e acolhidos em razão do afeto, do vínculo, da certeza de aceitação total da pessoa.

Escreve Silva (2004, p.187) sobre esse domínio: "... a resiliência mostra a importância desse amor como uma aceitação incondicional, uma acolhida profunda de uma pessoa para a outra. Inclui valores como: paciência, empatia, interesse pelo outro, capacidade de perdoar, de aceitar o perdão e viver com as diferenças".

Petrini (2012, p.15) acrescenta que na família há sacrifícios abraçados para viver uma incondicional dedicação ao outro, há uma satisfação no encontro afetivo que partilha alegrias, esperanças, sofrimentos e tristezas.

Realçar de maneira proposital, portanto não redundante, as ideias postas pelos autores citados, importa para elucidar a beleza que emana da família, como atributo particular desse modo de viver junto. Instituição que figura como elemento dinamizador de posicionamentos pessoais e da constituição do ser pessoa. (MASSIMI, 2013, p.2).

Tal beleza revela para além das cicatrizes experienciadas, a capacidade de comprometer-se com o outro na medida em que no outro, o eu identifica-se.

Na família a pessoa experimenta as relações iniciais mais importantes da vida. Daí a ideia de que as experiências vividas nesse espaço de pertencimento vão sendo gravadas no indivíduo. São experimentos que envolvem cultura, moral e valores (GROISMAN, 2000, p.33 apud FALCKE e WAGNER, 2005).

O registro de fatos experimentados, conhecidos e sentidos na relação familiar influenciam decisões e escolhas, mesmo que de modo imperceptível. São vozes que ecoam das gerações que originam outras, desenhando padrões familiares que se repetem e constituem o que Boszormenyi-Nagy e Spark (1973 apud WAGNER, 2005) denominam de fenômeno da lealdade.

Para os autores referidos, a lealdade é uma marca de pertencimento que sustenta uma força invisível que move as pessoas a desempenharem seu papel familiar, independente da vontade própria.

O indivíduo sob lealdade, submerge a uma lei, a um acordo familiar e esforça-se para satisfazer as expectativas do grupo familiar a fim de assegurar seu pertencimento. Ancoradas pelo fenômeno da lealdade, as relações familiares estruturam-se e a pessoa para ser aceita no sistema, acomoda-se, consente, alia-se, compactua sua vida com a dos outros, seus íntimos.

O conceito de lealdade nesse sentido alia-se à beleza da família que modela sobre a “pedra rústica”⁵⁹, a mais perfeita escultura. Escreve Michelangelo⁶⁰: “Como faço uma escultura? Simplesmente retiro do bloco de mármore tudo que não é necessário”. Um esforço para realçar o belo que naturalmente mostra-se, quando a atuação familiar movimenta-se no sentido de construir e recriar a vida constantemente, com foco no futuro, numa vida bendita para todos.

O texto proclamado pelo artista do renascimento, Michelangelo, aponta para inúmeras narrativas assentadas em versos e prosas dos renomados autores da literatura, entre os quais vale citar: Graciliano Ramos.⁶¹

O romancista é filho do sertão pernambucano e vítima dos mandos e desmandos que agonizaram o Brasil, durante a ditadura do Estado Novo, usou de sua desenvoltura política e potencial prosaico para compor a novela da família do Fabrício, da sinhá Vitória e de seus dois filhos, em, “Vidas Secas”. Descreveu de forma exímia sua repulsa diante da condição de miséria em que viviam os retirantes

⁵⁹ Pedra rústica: denominação usada pela pesquisadora para pensar a família como célula vitelina, que se origina, nasce e é capaz de desenvolver-se, na medida em que reconhece o belo, o particular escondido em seu interior, mas dado ao conhecimento. Toda família precisaria conhecer-se para usufruir de suas forças e enfrentar suas fragilidades.

⁶⁰ Michelangelo Buonarroti: “Em cada bloco de mármore vejo uma estátua; vejo-a tão claramente como se estivesse na minha frente, moldada e perfeita na pose e no efeito. Tenho apenas de desbastar as paredes brutas que aprisionam a adorável aparição para revelá-la a outros olhos como os meus já a vêem”. Disponível em: <<http://www.quemdisse.com.br>>. Acesso em: 22 ago 2014.

⁶¹ Graciliano Ramos, um dos maiores talentos do ciclo regionalista brasileiro. Abordou as causas sociais de forma veemente, como uma espécie de denúncia, de crítica social, frente à realidade social brasileira, tendo a seca nordestina como alvo. Retomou a observação que o homem estabelece com o meio em que vive, não sendo mais um produto da raça, do meio e do momento, ao gosto do Determinismo, mas um ser humano que vive em conflito consigo mesmo. Comentário da pesquisadora.

nordestinos. De forma irreverente e irônica, delatou todo o contexto natural e social no qual as vidas sertanejas, lutavam pela sobrevivência.

No ensejo, Graciliano não se resguardou de descrever a experiência de beleza elaborada esteticamente para testemunhar a comunhão, a coragem, a resistência e a possibilidade de superação que amparava a experiência da gente, reunida em família.

De tanto imaginar, Fabiano, mesmo tosco, mas feito pai e marido, agigantase, quando alimenta a esperança e enquanto caminha:

Os meninos sumiam-se numa curva do caminho. Fabiano adiantou-se para alcançá-los. Era preciso aproveitar a disposição deles, deixar que andassem à vontade. Sinhá Vitória acompanhou o marido, chegou-se aos filhos. Dobrando o cotovelo da estrada, Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido alguns anos; o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia esmoreceram no seu espírito. E a conversa recomeçou. Agora Fabiano estava meio otimista. Endireitou o saco da comida, examinou o rosto carnudo e as pernas grossas da mulher. Bem. Desejou fumar. Como segurava a boca do saco e a coronha da espingarda, não pôde realizar o desejo. Temeu arriar, não prosseguir na caminhada. Continuou a tagarelar, agitando a cabeça para afugentar uma nuvem que, vista de perto, escondia o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia. Os pés calosos, duros como cascos, metidos em alpercatas novas, caminhariam meses. Ou não caminhariam? Sinhá Vitória achou que sim. [...] Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? *Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias.* Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam. – *O mundo é grande.* Realmente para eles era bem pequeno, mas afirmavam que era grande – e marchavam, meio confiados, meio inquietos. Olharam os meninos que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estariam pensando? zumbiu sinhá Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas sinhá Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem. – Vaquejar, opinou Fabiano. Sinhá Vitória, com uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que ideia! *Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinhos, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes.*⁶²

⁶² Os trechos em itálico foram para realçar a beleza da família de Fabiano e sinhá Vitória evidenciada pela teimosia de um pensamento que acendia a esperança de um futuro e da possibilidade de vida melhor. RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 1996. p.120-122.

Meio otimista, assinala Graciliano para justificar que tal qualidade indiscutivelmente não descreve o homem do sertão. Otimismo para remeter a mais uma viagem dos retirantes. Era um instante precioso, os filhos aceleraram os passos, pareciam dispostos? Ele acreditou que sim. A esposa pode alcançá-lo, era possível tê-la por perto e até prostrar enquanto afastavam-se das lembranças do passado que ficou de frente, enquanto andava de costas para o futuro. Tempo incógnito, portanto. Era só o que conhecia, o vivido, o passado.

Fabiano teve até vontade de fumar, mas foi capaz de delongar o prazer ao perceber-se resistente aos desafios da andança. Se fraquejasse? Melhor manter o corpo no costume. Caminhariam meses, não haveriam de ser desgraçados por toda a vida. Podiam imaginar um mundo cheio de coisas extraordinárias. E marchariam confiantes e desconfiados. Não aceitariam o determinismo imposto para os esfomeados, os sedentos, os desalojados, os obedientes. O homem decidia por um posicionamento diante da própria vida. Deu a existência um significado conceitual e psicológico.

Fabiano, Sinhá Vitória e seus dois filhos formavam uma família. Razão pela qual deviam crer. Até a cachorra Baleia esperava pelo dia em que gordas preás pudessem exibir suas gorduras e saciar a fome do sertão.

Em tempo e sem demora, seria admirável transcrever em versos, a vida em família, da cadela Baleia. Personagem emblemática no romance:

(Capítulo IX – Baleia)

A vida de Baleia narrada em versos.

Baleia era o nome dela.
A cachorra, pois gente não era.
Mas tinha nome de gente,
Da seca, da dor, da miséria.

Desfigurada, seus pelos caíam.
Em sua cara, o retrato do sofrimento.
Lamento, Fabiano! Lamento...
Dizia Sinhá Vitória.
Baleia, comer já não pode,

Beber? Só se for do seu sangue.
A morte! Matada e morrida,
seja seu último derrame.

Maior agonia vivia,
Padecia, junto à família sertaneja.
Meninos! Que os seus olhos não vejam
o som da espingarda arder.
Como o sol queimando a terra,
como a vida por merecer.

Sem entender das palavras,
mas desacreditada da vida, soube ela, desconfiar...
ouve o tiro certo, mas não vai se revoltar.
As crianças foram trancadas, para que desesperar?

Baleia insiste, resiste, ela quer sobreviver!
Da família consumida, a herança era aprender
a ser forte, resistente, mesmo sem ter que comer.

Como parte da família, Baleia escolhe sonhar.
Pensar que um dia haveria, podia experimentar,
a farta carne das cabras, o cheiro bom de preá.

Baleia, então quer dormir,
sonha uma vez acordar,
viver num mundo mais farto,
onde vai se lambuzar,
da abastecida carne gorda e cheiro de jantar.

Lá do outro lado do mundo,
Baleia não há de penar:
ficar de barriga vazia,
dormir em cama fria,
andar pra lá e pra cá.

Parte ela dessa terra
Onde o sol é de rachar, não se planta, não se colhe, não se vive

Pra criar.⁶³

A face da família inventada por Graciliano fica, pois, definida. A partilha dos acontecimentos, a sina dos sacrifícios e as cicatrizes inabaláveis compõem a trama, enquanto a beleza da experiência existencial afirma a posse da vida, em família.

A imagem fabricada, apesar de não desfrutar da mesma virtude de uma imagem formada no devaneio, possibilita uma experiência excepcional na medida em que a exigência da beleza seria constitutiva da experiência humana (MASSIMI, 2013, p.3).

A vida chamou por Fabiano, era preciso viver e possibilitar a sobrevivência de sua família. Em terra seca, em meio a desgraça, a fome, a dor. A família do personagem constitui-se na beleza que clama por um gesto criativo em favor do si mesmo e do outro.

A beleza enquanto objeto de estudo esteve no foco do olhar de Agostinho de Hipona, escreve Massimi (2013). Imaginada pelo estudioso como elemento dinamizador de posicionamentos pessoais, ela seria elemento desencadeador de processos cognitivos e dinâmicas afetivas. A experiência da beleza envolveria percepções sensoriais e saberes, significados conceituais e psicológicos motivados pela vivência da beleza.

Para esclarecer e exemplificar a densa reflexão filosófica cabe fazer alusão a um conto infantil denominado: a colcha de retalhos⁶⁴. O texto narra o diálogo de um menino com a avó. Ela costurava uma colcha de retalhos. O menino experimenta no domínio da realidade e por meio da memória, o sentimento da saudade. Primeiro o garoto depara-se com a avó emocionada, ao lembrar-se do retalho, sobra do vestido da mãe falecida. A Avó busca explicar o significado do sentimento e o menino diz não compreender. A avó verbaliza o fato de não ser possível conhecer o que não foi experimentado.

⁶³ Texto elaborado pela pesquisadora para aula de literatura. Tema: o ciclo do romance regionalista brasileiro. Texto não publicado. Anotações de aulas, em março de 2014.

⁶⁴ Texto de Silva e Ribeiro que contam a história de Felipe, garoto que gostava muito de ir à casa da avó. Além dos bolos e doces deliciosos que preparava, ela era uma ótima contadora de histórias. Um belo dia, enquanto o neto a ajudava a fazer uma nova colcha, em meio a retalhos coloridos, desenhados e cheios de história, os dois foram reunindo e costurando lembranças juntos. A partir desse dia, Felipe passou a compreender algo até então desconhecido para ele: o sentido da saudade. SILVA; RIBEIRO. 2010.

Em seguida, ao deparar-se com um retalho que causa saudade no menino, ele expressa seu entendimento ao descrever percepções sensoriais, ao significar conceitualmente a experiência vivida. Ele entende o sentimento quando é tomado por ele.

Em instante de extase, a beleza é sentida, consagrada pela sensação de dor da saudade e permite a elaboração de um saber, de uma compreensão racional e emocional que constitui a pessoa do menino. Acontecimento capaz de fazê-lo posicionar-se diante da sua própria história de vida e irmanar-se ao universo da humanidade ao articular a história de sua vida individual à outras histórias de vidas e de saudades.

Disse André⁶⁵ ao falar das tias avós:

Eu adorava tia O. Uma vez também foi mandado passar uns dias em Jequié na casa de minha bisavó e ela me dava dinheiro para lancha, comprar coisas, se preocupava comigo. Eu comecei a entender porque minha irmã gostava tanto delas. Ela queria me ver feliz. Ela perguntava se eu estava alegre. Só assim eu entendi porque minhas irmãs gostavam tanto de passar as férias lá. E eu achava que estava sozinho em casa com meus pais e isso era bom. Era uma vantagem, elas tiveram sorte, elas viajavam nas férias. (fala do irmão caçula, em um café de irmãos. Fevereiro 2014)

Ou a irmã mais velha:

Minha avó dormia de valete com meu avó. Ela dizia que era para não incomodar ele. Agora eu acho que tinha algo de errado com eles. Dormir de valete com o marido. Também achei que era pra ficar junto de mim que dormia numa caminha de camping, nos pés da cama deles. Imagine que eu dormia as férias todas com eles e eu não pensava nisso. Será que era porque ela não tinha o seio e ficava com vergonha do marido? Preferia esconder-se? Meu Deus... Ela devia ficar muito infeliz com aquela situação. Uma mulher jovem, bonita, não tirava a roupa na frente de ninguém. (fala da irmã mais velha, em entrevista. Março de 2014)

As falas organizadas e refletidas enquanto narradas, foram sentidas e significadas na medida em que uma experiência individual de beleza permitiu ajuizar o valor da existência e a constituição psicológica do si mesmo. Os gestos da tia e da

⁶⁵ Irmão caçula, participante da pesquisa.

avó exibiram a beleza do cuidado, imagens jamais esquecidas, enquanto a vida durar e a pessoa puder encontrar a criança que foi no adulto que é.

O fato da exigência da beleza ser constitutiva da experiência humana é relembado por Massini (2013). Ao fazer referência ao título de Todorov (2010) retirado de Dostojevsky: *A beleza salvará o mundo*.⁶⁶ O referido autor descreve uma experiência absolutamente individual que acontece quando a pessoa é exposta a uma situação de beleza. Para ilustrar ele narra sua vivência particular ao ouvir uma peça musical. Diz vivenciar um estado de deslumbramento particular, inerente à própria subjetividade, uma descoberta. Tal experiência de vida e busca pela beleza poderia iluminar a vida presente e futura.

Agostinho, estudioso da beleza ao entender que ela é formadora da experiência humana, faz seu percurso de pesquisa por acreditar que mais que vivência sensorial, a experiência da beleza envolve conhecimento.

O teórico da filosofia defendeu a hipótese de que o objeto belo conclama, desperta a cobiça e a vontade. É elemento provocador da fome humana. Faz fruir o pessoal, o desejo, o entendimento e a memória. A beleza mostra-se a todos. Alguns a contemplam outros a interrogam. Entendem aqueles que a compara com a verdade anterior. Escreve Massimi (2013):

A beleza é faísca que desencadeia a busca da verdade, e isto ocorre na vivência do estudo de modo geral como também na aplicação ao campo específico de cada ciência. É este ideal que estimula o pesquisador a investigar o que ele ignora; como também o estimula à comunicação intersubjetiva, por meio da compreensão de palavras ouvidas e ditas. (MASSIMI, 2013, p.13)

Nesse sentido, a autora conclui:

O objeto que possui a qualidade do belo mobiliza a pessoa em diversos níveis: desde o apetite sensorial (como no exemplo do atrativo sexual) que sempre remete ao apetite intelectual, o qual por sua vez mobiliza a vontade

⁶⁶ A informação pode ser localizada em Massimi: *A experiência da beleza e a constituição psicológica de si mesmo por Agostinho de Hipona*. (2013). A autora aponta para a produção de Todorov, intelectual de renome internacional que publicou a obra citada para explicar o que corresponde uma experiência imperiosa capaz de promover a vivência uma satisfação, uma paz interior a qual o autor chama de absoluto individual.

(e temos assim a vivência do afeto amoroso); até a memória e o entendimento por meio de que a pessoa busca reconhecer e conhecer o objeto belo. (MASSIMI, 2013, p.14)

Nesse trabalho de pesquisa, a experiência da beleza da superação ocupa posição de valor na experiência da vida humana, uma realidade no contexto da relação familiar, ordenadora e motivadora de dinâmicas psíquicas que proporcionam uma vivência integral das pessoas, dos irmãos em relacionamento.

A dor transformada em possibilidade constitui-se em beleza que chama para a vida futura. Isso faz sentido para quem é capaz de contemplar, conhecer e reconhecer a beleza da superação em família.

2.2.3 A poética da família: uma concha, um grão de areia e algumas pérolas

“Pérolas são produtos da dor, resultados da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia. Pérolas são feridas curadas”.⁶⁷

O desenvolvimento de pérolas verdadeiras abrange proteção, dor e até mesmo um feitiço da natureza: basta uma concha ferida para nascer uma pérola admirável. Uma conta preciosa banhada de um cintilante absoluto. Perfeita beleza esculpida na dor.

Concebida por meio de um fenômeno natural, pérolas nascem de um demorado trabalho das ostras. Moluscos bivalves⁶⁸ que recebem esse nome por apresentarem um par de mexilhões. As pérolas são formadas pelo nácar⁶⁹ secretado por células ectodérmicas do molusco.

A função do nácar é agir no interior da concha do animal proporcionando um alisamento da própria ostra para resultar em mais conforto ao molusco. O composto,

⁶⁷ Texto extraído de: <<http://diariodebiologia.com>>. Acesso em: 24 ago 2014.

⁶⁸ Em biologia, bivalvia (do latim bi, duplicado + valva, porta de duas folhas, valva). Disponível em: <<http://www.ipma.pt/pt/enciclopedia>>. Acesso em: 24 ago 2014.

⁶⁹ Mistura orgânica de camadas de conchiolina, calcite e carbonato de cálcio cristalizado. Disponível em: <<http://www.ipma.pt/pt/enciclopedia>>. Acesso em: 24 ago 2014.

conhecido por madrepérola também atua como mecanismo de defesa contra organismos parasitas e dejetos danosos.

Quando um molusco é vitimado por um parasita ou é agastado por um objeto forasteiro, um grão de areia, por exemplo, isso causa dor e irritação no tegumento⁷⁰ do animal, gerando uma reação denominada enquistação⁷¹. Para proteger o animal contra o incômodo, a ostra começa a cobrir o atacante com nácar. As muitas camadas da substância depositadas sobre o agressor dão formação à pérola. A qualidade e espessura dessas camadas microscópicas determinam o brilho da conta preciosa.

Aproximar a imagem da pérola ao objeto desse estudo, a poética da resiliência em família, atende a necessidade de compreender tal fenômeno a partir do modelo metodológico que fomenta a criatividade investigativa, já que nesse lugar do conhecimento científico coisa alguma ou todas as coisas estão expostas, às vistas do observador.

Assim sendo, a edificação da imagem feita concha, o desenvolvimento e nascimento da pérola, após um instante de dor, insurgem como alegorias preenchidas para pensar a poética da família em paralelo ao mistério da natureza da pérola.

Gerada e nascida de um molusco, animal de esqueleto e corpo moles, o bicho carece de ser protegido por um exoesqueleto com forma de uma concha de duas valas, mantidas vinculadas pelos músculos condutores. Ainda assim, habitando um lugar seguro e protegido duplamente, pode ser acometido pela dor. Nesse instante, mais uma vez, seu exoesqueleto entra em ação. Envolvendo a ferida com sabedoria e na medida de sua necessidade, até que redondamente labirintado, a doença não cause mais mal algum. Sobrepujada a dor, as cicatrizes são redesenhadas para esculpir a beleza da superação.

A partir desse fenômeno natural, pode-se olhar para o acontecimento da superação e transformação dos eventos da vida pela pessoa e no espaço da relação

⁷⁰ Tudo o que reveste externamente o corpo dos animais, conferindo proteção ao organismo contra desidratação, hidratação excessiva, ação dos raios ultravioletas, microrganismos patogênicos, choques mecânicos, entre outros. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/histologia>>. Acesso em: 24 ago 2014.

⁷¹ Transformado em quisto, endurecido. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa>>. Acesso em: 24 ago 2014.

familiar. O desenvolvimento da pérola apesar das cicatrizes é uma possibilidade real e criadora. A vida humana também pode reviver.

Nascida teoricamente sob a proteção de uma família, que se constitui inicialmente, mediante vinculação de duas pessoas, o ser ganha a vida em circunstância de fragilidade, carece da proteção de outros próximos e mais resistentes. Abrigado, é conduzido muitas vezes, por um casal, um conjunto de familiares ou alguém que age em função de seu pleno desenvolvimento. Ainda assim, por descuido ou pela força natural da existência, o nascido e delicado ser é atingido por acontecimentos externos ou não, capazes de feri-lo densamente. Em ocasiões como essas, mais uma vez, a família coloca-se em posição de defesa.

Humanamente imperfeita, mas cuidadora, responsável e misericordiosa, a família solidariamente envolve a pessoa afetada a fim de minimizar os danos que por ventura, possam causar o mal. A moléstia primeiramente individual, em tempo, abrange a todos que habitam a vida em relação afetiva.

Uma vez comprometida com o bem estar de todos, a família recorre à potencialidade da existência familiar, à possibilidade da experiência que gera aprendizagem e, portanto, pode ser salvadora. Assim desenvolve-se a pessoa, afetada por experimentos e conhecimentos que consolidam as diferentes etapas da vida, o que faz da pessoa uma preciosidade e da família, um espaço de exercício da superação.

Segundo Bronfenbrenner (2005), a família é o ambiente potencial do desenvolvimento humano. Ela é o coração do sistema social. Isto porque reúne as condições primeiras e mais importantes para que o humano desenvolva-se: o amor e o cuidado. A família seria a mais humana, poderosa e ainda, o sistema mais econômico capaz de determinar a capacidade de funcionamento da pessoa, beneficiando múltiplas experiências nos diferentes contextos sociais onde a criança cresce e vive.

Para o autor, o impacto da família sobre o desenvolvimento humano determina o que a pessoa aprende e sua contribuição no meio social, processo que se inicia com o nascimento e se estende até a morte.

A partir dessa expectativa de continuidade pode-se dizer que a pessoa, desde o nascer, transforma-se cotidianamente em correspondência com o ciclo da vida

humana. E os pais são primariamente aqueles que mostram aos filhos como o ambiente sofre mudanças. Eles são as pessoas mais próximas e mais experientes que ensinam como as pessoas podem ter ações diante da vida e do mundo que as cerca.

Consciente desse movimento de mudança dos fenômenos sociais, culturais, existenciais, a pessoa cresce em contínuo desenvolvimento. Assim sendo, desenvolver-se é um processo que abarca estabilizações e mudanças das características biopsicológicas de um ser humano, não apenas ao longo do ciclo de uma vida, mas através de gerações (BRONFENBRENNER 1996, 1998).

O desenvolvimento apresenta-se assim como um fenômeno ininterrupto, promotor de mudanças nas características do humano como indivíduo e como grupo, estende-se no curso da vida, por sucessivas gerações e através do tempo histórico, presente e passado (BRONFENBRENNER, 1998).

Segundo o mesmo autor, condições ambientais e sociais são indispensáveis para o desenvolvimento sensível como o envolvimento delongado com adultos que cuidam e envolvem-se em atividades conjuntas com a criança. A pessoa precisa ser cuidada, amada e ter oportunidade de relação parental.

A Abordagem Biológica do Desenvolvimento Humano, elaborada por Urie Bronfenbrenner, destaca a interdependência entre o indivíduo e o contexto no processo desenvolvimental. O teórico escreve que o processo e o produto de tornar humanos os seres humanos, modificam-se conforme a época e o lugar onde vivem. (MOREIRA, 2013, p.92).

O modelo teórico inicial, escrito pelo autor para explicar o desenvolvimento humano, focalizou amplamente, além dos fatores individuais conhecidos, elementos contextuais. Isso porque Bronfenbrenner (1979/1996) percebe desenvolvimento “como mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente” (p.5). Isso significa que a pessoa ativa e em crescimento suporta as mudanças ambientais e imediatas, acomodando aprendizagens, reestruturando desenhos de maneira mútua, evoluindo progressivamente.

A remissão à imagem da pérola, produto modificado e constituído pela dor, revela, portanto, o legado da superação. Marcas profundas de experiências transformadoras, cicatrizes lapidadas em forma de preciosa beleza.

Talvez pudesse repetir Clarice Lispector⁷² diante da beleza de uma pérola: “o que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós”. A beleza da pérola mostra-se aos sentidos, a reflexão e ao desejo de entendimento.

2.2.4 O acontecimento: momento que lança, beleza que salva

O escrito de Cyrulnic (2013)⁷³ que tem como título, *Corra a vida te chama*⁷⁴ trata do acontecimento de retorno à infância oculta do próprio autor. No texto, ele comunica o que, como menino judeu, teve de encobrir durante anos, por medo do descrédito. Boris ao definir o conceito de resiliência evidencia que é possível curar ou suavizar inquietações relacionadas a sofrimentos profundos, motivado pela vontade de viver.

O autor faz a experiência do encontro com o passado para conhecer sua própria história. Depara-se inesperadamente com a imagem de si e, chamado pelo presente, busca no tempo pretérito a coisa que espera para ser compreendida, redimida, à espreita até que tenha a chance de manifestar-se.

Escreve Faria (2006, p.140):

O passado despedido do presente não pode falar, porque já passou; o presente desligado do passado tampouco pode falar, porque não tem o que dizer; Somente essa terceira voz, que emerge do encontro entre o rapto do passado e o rapto do presente, fala, porque o seu dizer é existência. (Memória e Infância: “Nenhum, nenhuma”, de Guimarães Rosa)

O movimento de um tempo único que se apresenta revestido de fatos vividos e não compreendidos clama por uma voz que dita no presente, seja capaz de traduzir a experiência projetada que exige ser reconhecida ou conhecida em outra oportunidade nova.

⁷² Clarice Lispector (1920-1977) foi uma escritora brasileira. De origem judia, nascida na Ucrânia, é reconhecida como uma das mais importantes escritoras do século XX. Comentário da pesquisadora.

⁷³ No livro, o autor relata em detalhes, sua história trágica de sobrevivente da guerra. Conjugando emoção e talento como escritor, tece a construção da memória de uma infância fracassada e exalta a vontade de superar a infelicidade e responder ao chamado da vida.

⁷⁴ CYRULNIC, 2013.

Sobre as memórias descritas por Cyrulnick, ele próprio afirma: “Nada se apaga; acreditamos ter esquecido, apenas isso” (p.76). E acrescenta: “Eu não sabia que teria de fazer minha vida com essa história” (p.56). Continua Boris: “Atravessei a morte, ela se tornou a experiência da minha vida...” (p.71). E finalmente conclui: “A morte se inscreve na memória e se torna um novo organizador do conhecimento” (p.11-12).

Os registros feitos pelo referido autor e teórico sobre resiliência evidenciam a prática da narrativa como instrumento de compreensão de sua própria história, bem como possibilidade de reescrevê-la a partir da ativação de sua memória.

Sobre Memória, Bergson (1999, p.280) afirma: “A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente”.

Nesse sentido, parece possível visualizar a intenção do teórico da resiliência quando diz que da morte fez a vida presente. Em esforço de reconciliação com a vida, o autor busca reproduzir imagens detalhadas de um passado, devaneios percebidos afetivamente. Ele age de modo que a memória em contração, aguça cada vez mais o desenho do vivido. Até que ele apresente “o fio de sua lâmina à experiência onde irá penetrar” (BERGSON, 1999, p.96).

Tal como um acontecimento que lança para permitir a experiência da beleza capaz de revelar-se por clarões repentinos. Um ato de reminiscência que proporciona o conforto da reconciliação com o si mesmo e com a própria vida.

Confessou a filha do meio sobre a dor dos castigos físicos:

Acho que as surras foi o modo dela, a mãe, ensinar os filhos a serem fortes. Talvez. Apesar disso, tenho certeza de que elas não me fizeram bem. Nunca usei desse recurso com meus filhos, fiz questão de romper com o modelo. Acho que ela também apanhou muito, ouvi dizer que depois de uma surra, foi para a casa da avó. Acho que repetiu com os filhos o que aprendeu. Não sei se apanhava tanto, mas coitada! (voz da filha do meio. Em exercício autoetnográfico. Maio de 2014).

A voz da filha ratifica o embate do eu com o si mesmo, num contato profundo da criança com o adulto, sendo ambos a mesma pessoa. Ao lembrar a dor, um

fato aparentemente conhecido, mas não entendido, claramente fugido da consciência, o acontecimento inaugura a possibilidade da decifração.

Nesse instante poético de transcendência o presente erige para meditar sobre o sentido da vida. Um ato de coragem extrema. Uma oscilação retrospectiva, prospectiva e projetiva. Uma afronta a si mesmo para consolidar a máxima de que há uma correspondência da vida que se leva com o passado que se tem. Fazer as pazes, restaurar a convivência do eu, consigo mesmo. Uma operação poética que consente o eu a tecer a sorte de seu destino.

De que nos serve uma continuidade que prossegue e se desdobra sem a nossa participação ativa? ... Os que lamentam a fuga perpétua do tempo... são assolados pelo ressentimento... os que se atiram a materializar o sentido da própria vida ... a descontinuidade é a ferramenta privilegiada para edificação de uma continuidade única, inigualável... (FARIA, 2006, p.4)

Isso posto, funda-se a ideia de que a memória é criação, exercício dinâmico que não se consome no que gera. É pujança poética, imersão nas origens e transcendência transformadora.

Foster, McAllister e O'Brien (2005), ao escreverem sobre suas experiências autoetnográficas, associam-se à ideia de que cicatrizes emocionais do passado podem ser curadas mediante experiência de compartilhamento de memórias e consequente autotransformação.

Foster, ao compartilhar com os outros a dolorosa experiência de crescer com uma mãe esquizofrênica e compreender a raiz cultural de suas feridas, experienciou a libertação e o alívio do fardo de isolamento, solidão e vergonha.

Para o autor, o aumento da consciência de si e dos outros, tornam as pessoas capazes de ajudar a si mesmas, curar-se, resolver mal-entendidos, desenvolver sensibilidade intercultural e responder às necessidades de forma eficaz.

Os ditos e transcritos servem como pistas que possibilitam relacionar aprendizado e experiência salvadora, acontecimento e instante inesperado, memória e temporalidade. Elaboraões teóricas em debate.

Proust e Benjamin (1992), ao estabelecerem uma relação entre a memória e o tempo, afirmam que a memória da infância permeia eternamente a vida adulta e

suprime as separações temporais, supostamente cognitivas entre o passado e o presente. Pode ser denominada involuntária, pois toma posse da pessoa arbitrariamente, permite um processo de reconstrução do passado no presente e submerge essencialmente por meio da arte.

Ao expedirem a reflexão sobre memória involuntária e manifestações artísticas os autores, acima referidos, ilustram o fenômeno da sobreposição do tempo durante o acontecimento da recordação. Eles explicam como se dá a aproximação entre infância e vida adulta na medida em que, a memória resgata acontecimentos da infância revividos com uma mesma ou superior amplitude na vida adulta, sobretudo na literatura e na pintura. Espaços consagrados de percepção do belo.⁷⁵

Em outras palavras, Benjamin e Proust procuram revelar que o passado é sempre uma elaboração do presente e no presente. Quando agitada aleatoriamente, a memória possibilita a recriação do passado que passa a ser uma construção do presente. Um encontro fortuito dos sentidos e da cognição com paisagens, sabores, cheiros, sons e texturas. Recria acontecimentos pretéritos, promove uma sintonia com o passado. O que corresponderia à memória que lança e salva.

Memória que lança, desde que o momento das recordações permitam eclodir o encontro, não linear, com o tempo passado. Lembrança que abate a consciência do presente e evoca em um instante, toda uma vida. Um movimento que obstrui um fluxo causal e convida a pessoa a apossar-se de sua própria experiência.

Memória que acode quando uma nova e única experiência com o passado impacta em uma abertura para acontecimentos transformadores. Afirmou Benjamin (1994, p.224). "... dom de despertar no passado as centelhas da esperança".

Em um instante de experiência, em vista de conhecer sua própria história por meio de um escrito intitulado: uma casa da infância, escreveu Souza⁷⁶:

Não posso contar quantas casas foram ou eram. Em passado perfeito, consumido, o verbo me traz demolidas lembranças do que foi. São ruínas,

⁷⁵ O belo: prazer estético, resultante da fruição ou contemplação. COSTA, Cristina. 2008.

⁷⁶ SOUZA, C.B.S. A casa da infância em: um curto tempo e muitas moradas. Texto não publicado. Lido em ocasião de um encontro do grupo de pesquisa; Família, (Auto)Biografia e Poética. FABEP/UCSAL. Em, 27 de agosto de 2014.

não há teto para abrigar memórias. Não desisto... No chão das casas em ruínas, não equilíbrio meus pés, nada me parece poupado. Mas ao admirar os destroços, posso narrar a história do passado que foi. Devo olhar para frente, pois ao lado da infância que foi, está a infância que era. Em pretérito imperfeito, a perfeita infância conservada na memória, vence. Não posso descuidar do pensamento. A infância que foi, aconteceu em muitas moradas. A infância que era, tinha um sólido edifício. Se não trago uma casa da infância, não importa. Contenho a infância que era, pois fiz dessa morada, o meu eu e vou buscar a infância que foi, que me escapa ou da qual fujo, desesperançosamente. Tenho medo, mas não devo delongar esse encontro... (material coletado pelo grupo de pesquisa Família, Poética e (Auto)biografia para estudo e posterior publicação científica. Março de 2015).

Segundo o relato, a experiência deu-se primeiramente, mediante esforço intelectual para conceber a escritura. A imagem que salta em forma de ruínas, momentaneamente revela uma história que não se deixa mostrar.

No segundo instante, afetada pelas sombras do passado, em tempo presente, os fatos são recriados. Não importa a cronologia das ocorrências, tanto que a autora transita por pretéritos distintos os quais nomeia de perfeito e imperfeito. Os tempos alternam-se arbitrariamente ou involuntariamente, contrariando a linearidade dos fatos. A experiência vence o drama organizando a narrativa para que a criança ou a pessoa adulta tenha a oportunidade de alcançar a salvação.

A sobreposição de tempo, na análise, aponta para outra evidência importante: a criança é vista pelo adulto enquanto o adulto faz-se criança para agarrar os fatos e reorganizar a vida presente.

Em vista de compor uma história atual a partir de memórias imprevisíveis, o acontecimento consolida-se na experiência do si mesmo na busca da beleza capaz de salvar. Perguntou Rabinovich⁷⁷ em orientação, o que foi organizado com palavras semelhantes: "... se for verdade que acontecimentos abrem portas para o passado e para o futuro de modo que a gente reescreve nossas histórias passadas e futuras; se for verdade que essas experiências são transformadoras, isso pode levar à cura?".

Posta a questão, importa desvendar as nuances obscurecidas e ao mesmo tempo acesas a cada trecho desse trajeto de pesquisa. Com tudo exposto, cabe

⁷⁷ RABINOVICH, Elaine. Durante orientação da tese, em 11 de setembro, 2014. Texto gravado pela orientanda.

acender o pensamento de Bachelard sobre a *Outra-Casa* da infância⁷⁸, uma casa de lembrança, maior que a realidade, viva no plano do devaneio e poeticamente útil. A casa onde mora a infância, origem do ser. Estado de alma que abriga o princípio, o meio e o fim da existência humana. Lugar da vida entalhada na dimensão subjetiva da pessoa, que pulsa por biografia imemorial.

2.3 A POÉTICA DA RESILIÊNCIA EM FAMÍLIA: O BELO FADO DA SUPERAÇÃO

Um fado, enquanto palavra que significa, deve ser entendido nas próximas linhas, na relação com o termo belo. Mirar o belo seria como abrir-se para a experiência da poética. O dito sinaliza a intenção de expor o destino da família e a posição que ela ocupa na vida da pessoa. Um ambiente favorável à experiência da superação e à visão da beleza de uma poética que anima o abrigo da vida humana.

Anteriormente, na tentativa de explicitar o objeto, poética da família, foi imprescindível transcrever as inspiradas palavras de Petrini (2012) quando o autor elabora o pensamento de que em família, pessoas são capazes de compartilhar, tolerar e até aceitar holocaustos intermináveis por total aceitação do outro.

Nesse contexto, impressiona tamanha cumplicidade, resignação ou ainda, a possibilidade de encontrar o sentido da vida na dor, no sofrimento, diz Frank.⁷⁹ A pessoa se agarra ao amor pelos filhos ou há um talento para ser usado. O fato é que há um mistério, uma beleza que responde ao chamado que clama.

Ao pensar na beleza que se pode elaborar tendo em vista uma sina, uma fatalidade, um destino, Cyrulnik (2013, p.42) ao explicar a existência humana problematiza: “A vida é louca, Não é?... “Imagine se fôssemos equilibrados, se a nossa existência fosse pacífica; não haveria acontecimentos... nada para colocar na memória: nós não seríamos capazes de descobrir quem somos”.

⁷⁸ Termo para referir a nenhuma das casas onde vivemos, mas a Casa de uma Outra-Infância, construída, com tudo o que deveria ter sido, sobre um ser que não foi e que subitamente se põe a ser. A existir no limite entre a história e a lenda.

⁷⁹ Escritor e psiquiatra, Viktor Frankl criou a Logoterapia. Versão da moderna análise existencial. Defende o autor: “a vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar significado na dor, se há, de algum modo, um propósito na vida, deve haver também um significado na dor e na morte”. Em: FRANKL, VIKTOR, 2011.

Com essas palavras o autor defende: “foi isso que me aconteceu, sei quem eu sou porque sei de que sou capaz diante da adversidade” (p.43).

A partir de tal reflexão, o autor assevera que a rotina da vida, a ausência de acontecimentos e de história não constroem a identidade da pessoa. Mais ainda, o teórico afiança que sem acontecimento externo, não há o que colocar no mundo interno, na memória.

Ao tratar as lembranças de acontecimentos tormentosos, Cyrulnik (2013) remete à sua própria história de menino judeu e a experiência de narrar tais lembranças de horror que segundo ele, tornaram-se belas: “... todas essas lembranças lindamente adaptadas me ajudavam a não sofrer com o passado” (p.48).

Tornar bela uma lembrança é também construir uma representação coerente, confiante e tranquilizadora de si diante de um acontecimento. Isso permite um viver próspero sem estar aprisionado por um passado dilacerador.

A história do garoto judeu que aprendeu a calar-se para ser livre é análoga à experiência da filha do meio da família pesquisada, neste estudo. Declarou a participante.

Diante das brigas e do comportamento agressivo da minha mãe, aprendi com minha vó e minhas tias que não devia falar nada. Não reagir, concordar sempre para não apanhar. Obedecer. E estudar. Se estudasse, seria independente, teria uma família minha. Se não dissesse uma palavra, me protegia da surra, da dor e da humilhação. (voz filha do meio da família pesquisada, em entrevista. A fala foi gravada e transcrita em texto de campo. Janeiro de 2015).

Tudo parece estar muito claro. A adaptação da memória dava consistência ao insensato. Era até vantajoso ficar calada e não sentir a dor do cinturão na pele. Ao crescer, estaria livre, quase que desconectada da família de origem. A filha enquanto menina, falava para si mesma, adaptava sua memória para tornar belo e necessário o sofrimento.

Além de tudo, enxergava beleza nas imagens que construía de sua mãe, por exemplo. Assim podia apresentá-la como a mãe que toda criança tem. Ela narrava somente o que podia compartilhar. Toda família tem pais e filhos. Aos pais, cabe proteger suas crias. Cuidar, transportar, alimentar, defender e amar.

Assim era a mãe da filha do meio. Uma artista. Capaz de organizar lindas festas de aniversário para os filhos ou para quem tivesse festejos para realizar. Tocava piano de ouvido, com a destreza de um músico clássico. As filhas, ao lado do instrumento, aprendiam e cantavam serenatas infantis. Faziam apresentações em festas de amigos. Mãe e filhas eram aplaudidas e sentiam-se vaidosas, felizes e próximas.

A casa era sempre bem ornamentada, limpa e organizada, apesar do sacrifício destinado para tal. A decoração era o prêmio da batalha que se vivia, enquanto a limpeza dos cômodos era feita.

Prestativa e muito sociável, a mãe fazia amigos em qualquer lugar que chegasse. Sempre conhecia alguém da família de quem conversava. Arrumava as filhas para que fossem notadas. O que nem sempre agradava as meninas, mas é fato que elas sentiam-se muito vaidosas. Era uma família de bom gosto, pessoas bem vestidas e fisicamente bonitas. Isso era compensador.

A ideia que se coloca é de que, no espaço da família, a pessoa escreve sua história a partir de acontecimentos da vida. Ocorrências essas que muitas vezes são repartidas por todos, apesar de cada um dar um sentido diferente aos fatos. Uma circunstância comum pode constituir memórias distintas e orientar a vida para o bem.

Segundo Cyrulnik (2013), ativar memórias de forma sadia é um movimento de adaptação de lembranças. O mesmo que recompor a feição dos acontecimentos para torná-los toleráveis. É como encontrar a face da beleza em um acontecimento perverso.

A posse de uma memória bendita produz um estilo relacional benéfico. O esforço de representação de uma lembrança adapta a memória para embelezar a amargura. Com esse dito, o referido autor afirma que seu agir silencioso, a narração íntima que o libertaria, tornava belo seu sacrifício. O belo como recurso de abertura para o acontecimento.

O autor finalmente assegura que tal capacidade de adaptação de uma memória está essencialmente articulada à possibilidade de um vínculo seguro e à oportunidade de verbalização. Apoiado e escutado após um evento cruel, a pessoa é capaz de adaptar lembranças, se possui uma memória sadia (p.54).

O vínculo sobre o qual reflete o autor, comumente desenvolve-se no espaço da relação íntima, significativa, portanto, o contexto da família seria conseqüentemente o ambiente primário de vinculação. Os vínculos estão articulados à experiência de sentir-se amado e validado.

Cyrulnik focaliza a importância da qualidade do vínculo e destaca as teorias do apego de John Bowlby⁸⁰. Ele cita: “O caminho que cada indivíduo segue em seu desenvolvimento e o grau de resiliência ante os acontecimentos estressantes da vida são fortemente determinados pelo esquema de apego que desenvolveu nos seus primeiros anos de vida” (p.9).

Nesse sentido, a construção de uma relação duradoura marcada por acontecimentos significativos faz-se necessário. Uma relação amorosa que se sustente durante o período de elaboração e ressignificação do fato infeliz promove a estabilidade afetiva e ajuda a pessoa a dar sentido à sua aflição. Fato esse que pode ser teorizado como díades.

Prioritariamente, na família, o vínculo nasce, cresce e se atualiza. Quando uma criança vive na miséria familiar, mas não lhe falta afeto e deslumbre com sua cultura, ela pode encontrar os dois elementos estruturantes dos processos de resiliência: vínculo e sentido “Sem vínculos significativos e sem história, como poderíamos nos tornar nós mesmos?” (CYRULNIK, 2005, p.5).

Para Cyrulnik (2005), diante da perda, da adversidade e do sofrimento, inevitáveis em algum momento da vida, várias estratégias são possíveis, desde a entrega à posição de vítima até a tentativa de transcender.

O gesto criativo orientado pelo sentido da vida, ancorado em vínculos expressivos e aprendizados socialmente compartilhados, podem favorecer o movimento resiliente. Isso foi sendo visualizado durante a coleta de pesquisa por meio das fontes primárias já que, um estudo autoetnográfico de abordagem qualitativa o tempo de coleta é também um espaço de reflexão sobre resultados que se mostram de maneira processual.

⁸⁰ John Bowlby: psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico, notável por seu interesse no desenvolvimento infantil e por seu trabalho pioneiro na teoria do apego. Em: CYRULNIK, Boris, 2006. (p.9-10).

2.3.1 Transcendência: o livre-arbítrio de uma história bonita e inventada

Em instante de experiência íntima, escreveu Adélia Prado⁸¹: “O transe poético é o experimento de uma realidade anterior a você... É seu próprio olhar pondo nas coisas uma claridade inefável. Tentar dizê-la é o labor do poeta” (PRADO, 1979, p.10).

A palavra transe para significar o instante sentido, experimentado e acontecido eleva a poetisa a contemplar a realidade inexprimível. Desse lugar, transcende o olhar que ultrapassa e supera toda e qualquer inteligência.

Ao transpor as barreiras da emoção para encontrar o pensamento que tece seu labor, a poeta ascende, diferencia-se dos seus iguais, apaga as barreiras do tempo, dos fatos, dos conceitos. Ela expande.

Essas primeiras palavras pretendem refletir sobre o que significa transcender para alcançar a liberdade de uma história inventada e de um futuro bendito. O momento de transcendência exige, portanto, viver a experiência do si mesmo de maneira consciente, com a lucidez de quem organiza os fatos, acomoda objetos, equivale os tempos e dá sentido aos acontecimentos.

Nesse sentido, pensa Cyrulnik (2006) que é necessário dar sentido aos fatos e objetos que falam ao si mesmo. E o relato é o meio de apreensão desse conhecimento. Ele escreve: “A metamorfose do acontecimento em relato se faz por meio de uma dupla operação: pôr os conhecimentos fora de si e situá-los no tempo” (p.78).

Isso para dizer que organizar e reinventar os fatos continuamente é transformador, gera sentido de felicidade, uma escolha que se faz num percurso elástico da existência. O que corresponde a imaginar a beleza da vida para dar sentido aos eventos inscritos nela.

Sobre a beleza de tal imaginação, depõe Cyrulnik (2010):

⁸¹ Adélia Prado, Adélia Luzia Prado Freitas. É poetisa, professora, filósofa e contista brasileira ligada ao Modernismo. Seus textos literários retratam o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela fé cristã e permeados pelo aspecto lúdico, uma das características de seu estilo único. Em: PRADO, Adélia, 1979.

Penso que o remanejamento do passado é um fator de resiliência e que aqueles que não adotam tal ponto de vista permanecem prisioneiros de sua história. Eles só vêem e vivem o horror do real, a ferida interior, a inquietude, a angústia. (...) Muitas crianças abandonadas me confirmam que, naqueles momentos terríveis, estavam sempre no afluxo da beleza, mesmo no meio das piores atrocidades. (Je me souviens. Odile Jacob: 2010. (p.83)

Assim dito, a imaginação torna real o inexistente, dá forma e faz possível a presentificação do que não existe, pela percepção sensível daquele que inventa.

A imaginação, em Bachelard (2006), quer dizer aquilo que cria. Imaginar aponta para a atividade do espírito ocupado com a criação, quer dizer, com o aparecimento da imagem nova, original. Possivelmente a transformação da experiência em expressão artística, autônoma e detentora de natureza própria. Uma manifestação da transcendência.

Acreditou Adélia Prado (2006, p.63):

A poesia me salvará.
 Falo constrangida, porque só Jesus
 Cristo é o Salvador, conforme escreveu
 Um homem – sem coação alguma
 Atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança
 De Congonhas do Campo.
 No entanto, repito, a poesia me salvará.

Transfigurada diante da realidade, a poeta desvela, mistérios da vida cotidiana descobertos com beleza, invenção e arte. Sua obra é vestida pela atitude poética da transcendência e a partir da força expressiva de imagens e devaneios edificadas ao longo do seu fazer lírico.

Autora de uma literatura que resgata a obra de arte em sua perfeição e desenha acontecimentos, elabora uma estética que distribui os resíduos da linguagem cotidiana.

Adélia é uma voz que ecoa com singeleza pomposa e é entendida como transcendência do ordinário. Feito transportado para a poesia, na arte da construção de uma linguagem poética.

A beleza de sua arte, afirma Adélia é aparelhamento para sua salvação. Justifica Bachelard (2001, p.199): "... compete ao poeta o dever de ensinar-nos a incorporar as impressões de leveza em nossa vida, a dar corpo a impressões quase sempre desprezadas". Completa Langer (2006, p.221), "É tarefa do poeta criar a aparência de experiências".

Assim sendo, o devaneio poético de Adélia transporta o leitor à similaridade de acontecimentos vividos e sentidos e o faz organizá-los de modo que arrumem uma realidade legítima e inteiramente experimentada. Nesse lugar está o caráter transformador, inovador e reconstrutor da memória.

Ao entender e explicar a memória, Bosi (1994), afirma que nos amparamos no presente para resgatar a imagem das lembranças; não há como retomá-las inteiramente, pois a pessoa muda não permanece intacta desde os acontecimentos rememorados. Impraticável que um adulto archive de forma estática todo o sistema de representações da infância para reviver, no conjunto, tempos anteriores.

A partir de tal compreensão, escreve a autora: lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias do hoje, as experiências vividas. "A memória é trabalho" (BOSI, 1994, p.19).

Nesse sentido, num esforço livre de invenção e em instante poético, a poesia adeliana impulsiona a escritura de uma história nova e bela. Uma arte que prova a infinita sede de beleza do humano. Aliás, todo gesto de escrita e leitura pressupõe uma transcendência para alcançar os possíveis sentidos, sempre um movimento de ultrapassagem.

Uma história livre e bonita de resiliência em família carece então de uma experiência poética. É necessário experimentar o acontecimento, memorar lembranças em tempo presente para organizar a imagem da vida futura.

3 MÉTODO

Um espaço aberto para o acontecimento e deu-se o instante que consagrou o método como autoetnográfico. Um dia de aula, uma proposta de pesquisa sobre irmandade. O nome dos irmãos seria uma ideia interessante para compor um trabalho e escrever a trilogia dos nomes.

Seria mais um livro sobre nomes, escrito no Programa de Pós-Graduação em Família e Sociedade Contemporânea, em mais um semestre da disciplina Contextos Familiares.

O primeiro com título, Nomes de família: nomeação, pertencimento e identidade (2011); o segundo, Nomes de família: subjetividade, genealogia, juridicidade e historicidade (2013) e finalmente o último da trilogia, em elaboração.

Como aluna da turma, portanto orientada para a tarefa e tendo realizado uma pesquisa com a irmã, a decisão foi entrevistar o irmão sobre a história do nome dele. Marcado o encontro. Em casa dele, horas antes, é consultada sobre o horário da reunião pela irmã, na sequência, pela filha que disse ter sido convidada pelo primo, filho do irmão. Essa história vale conferir por meio de um relato em primeira pessoa. Uma pausa para a escuta:

Como fora dito antes, a ideia que orienta as próximas linhas, é que se possa conhecer a história dos nomes deles: dos irmãos da pesquisadora. Aliás, que fosse contada a história do nome de A. Mas em casa de família, as coisas acontecem. A palavra acontecimento salta do texto para significar transformação de uma experiência pensada, em instante poético, portanto con-sagrado. Com a expressão Pierron (2009) refere-se à família como o lócus da capacidade de doação devido à hospitalidade primária que a distingue de outros grupos sociais. E por falar em hospitalidade, convocado para a entrevista sobre seu nome próprio, A resolve, decide, marca e realiza um agasalhado encontro de família. Estava eu preparando-me para a entrevista a dois, eu e ele, quando a nossa irmã AV, telefona e pergunta se estou pronta para o café na casa de A. Não entendi, mas procurei saber dos fatos: A havia convocado alguns para o café da irmandade. Como? Resolvi encontrar os dois: AV e A. (...) Pronta para sair do quarto, minha filha mais nova, vestidíssima para sair, pergunta-me se está na hora do café? Que café? Ela também iria? Disse que foi convidada pelo primo JE, filho de A. Agora tudo podia mesmo acontecer. Aceitei o desafio. Rumo à casa do irmão, ao caso de família, a oportunidade de apropriar-me da dimensão poética, importante recurso para estudar a família, “a arte para a vida humana” (PETRINI, 2012, p.10). A espontaneidade e entusiasmo do momento reuniu irmãos, dois primos adolescentes, uma cunhada, uma farta

mesa de café, fotos para o *facebook* e uma tarde longa que se estendeu até a noite. (...)⁸²

O fato culmina com uma participação de todos os presentes que dirigem com autonomia a entrevista. Entrevistadora e entrevistados diluíram-se em vozes participantes de um acontecimento imprevisto. Os achados transcenderam às possibilidades hipoteticamente afirmadas. Todos eram autores de discursos, textos, histórias criadas que se alinhavam por ocasião de fatos lembrados e distanciavam-se como resultados de diferentes imagens percebidas pelas vidas experimentadas em tempo presente. Mais uma anotação:

Desligado o gravador, J E disse gostar do nome dele, G diz que gostaria de ser Mariana. A entrevistadora propõe: - alguém quer gravar? Nesse espaço de silêncio e ruídos, lembranças de família entrecortaram a cena e nada mais pôde ser dito ou aberto. Afinal o tempo mudou, a imagem que se desenhava na sala era uma mistura de acontecimentos e sentimentos que diluíam o foco, ofuscavam a lente, confundiam as falas. O que foi a partir desse instante guardou-se para o *making of*, literalmente traduzido por “a feitura” de uma mesa de café, um caso de família em um instante poético.⁸³

A experiência, já naquele instante, sugeriu a possibilidade de uso da técnica para apreensão de dados da tese. Daí a resolução de estudar sobre tal metodologia de pesquisa. Foi um caminho longo de leituras, aprofundamentos, questões, orientações, partilha. Uma semana depois, o irmão pediu que fosse repetida a experiência mais vezes. Sentia um bem estar saudável, desde aquele momento. Como se tivesse curado de uma dor. Havia compreendido o que parecia confuso, sem resolução.

O depoimento foi imprescindível para definir e estabelecer o método de pesquisa para o tema resiliência. A experiência comentada e entendida como um

⁸² Texto: Os nomes da irmandade. Não publicado e de autoria da pesquisadora, foi escrito em 2014 para cumprir uma tarefa na disciplina citada, em ocasião do Doutorado. Referências utilizadas: RABINOVICH, Elaine; SILVA, Carmelite; SOUZA, Cinthia; TORRES, Ogvalda. **Nomes de família: Nomeação, Pertencimento e Identidade**. Universidade Católica do Salvador. Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea. Salvador, 2011. RABINOVICH, Elaine Pedreira; BASTOS, Ana Cecília de Souza (orgs.). **Poética da família e da comunidade**. São Paulo: Annablume, 2012. RABINOVICH, Elaine Pedreira; AZAMBUJA, Rosa Maria da Mota; SOUZA, Cinthia Barreto dos Santos; NEVES Sinara Dantas. **Nomes de Família: Subjetividade, Genealogia, Juridicidade e Historicidade**. Salvador: Quarteto, 2013.

⁸³ Idem. Outro fragmento do texto não publicado e referenciado anteriormente.

acontecimento poético capaz de curar, criar uma história de beleza e consagrar um futuro feliz mostrou-se como benefício possível para quem propôs o estudo.

Achou-se então, a pesquisadora diante da narrativa autobiográfica, finalmente da autoetnografia. Sobre esse aporte teórico, metodológico, por meio de um estudo qualitativo de raciocínio indutivo e mergulho profundo no espaço de uma família origem, a beleza da história de resiliência de três irmãos será contemplada na forma de uma tese. O texto acadêmico certamente será noticiado para o bem do conhecimento científico.

3.1 O AUTOETNOGRÁFICO: A PRONÚNCIA DE UMA CACOFONIA

A autoetnografia supõe a escrita sobre a pessoa e suas relações com a cultura. Ao explorar uma vida particular abre-se a compreensão para um modo de viver. É uma possibilidade de acesso às interações entre o eu e o outro na relação intercultural e entre as sucessivas gerações.

Nesse sentido, a autoetnografia expõe múltiplas camadas da consciência. A projeção do olhar para o externo tem como foco aspectos sociais e culturais de uma experiência pessoal. O olhar para dentro e para fora, oportuniza a exibição de um eu vulnerável, movido por, e que pode mover através. Refratar e resistir a interpretações culturais (ELLIS, 2004).

O trabalho autoetnográfico agrega requisitos como: ação concreta, emoção, corporeidade, autoconsciência, introspecção, espiritualidade, registrados por meio de diálogos, cenas, intrigas, tramas. Narrativas autobiográficas individuais e ou colaborativas.

Esse evento combinado a uma escrita literária e a um gesto de sobreposição da arte e da ciência, já que se trata de um método de pesquisa, constitui-se maior que a pura arte ou a exata ciência. Diz a autora referida antes: similar à etnografia, refere-se ao processo e ao que é produzido nele (p.32).

Completa Chang (2008): a autoetnografia tende a ser apreendida como um método qualitativo que narra os fenômenos sociais humanos com alicerce no trabalho de campo. Coloca em primeiro nível a subjetividade do pesquisador em vez

de limitá-lo, como na pesquisa empírica. É o próprio autoetnógrafo, o principal participante e sujeito da pesquisa, no processo de escrever histórias pessoais e narrativas.

A subjetividade, adverte o autor, carece de obediência para não trazer prejuízos à pesquisa autobiográfica, pois exibida por meio da memória, pode desencadear repulsa às experiências desagradáveis ou embelezar momentos de felicidade. Daí a necessidade de regular o foco da observação.

Deve-se aproximar a afastar a lente que capta as lembranças que se destinam ao objetivo último, do feito autoetnográfico: a compreensão cultural sob uma experiência autobiográfica. Ou seja, o entendimento do eu densamente perpetuado no outro, entre gerações e em sociedade. Nesse espaço individual e coletivo, a pessoa universaliza-se, abarcando o benefício do conhecimento para o todo.

A fim de perseguir a natureza do método, bem como, os objetivos particulares da pesquisa, os autoetnógrafos desenvolvem suas técnicas de coleta de dados. Instrumentos esses, que são aperfeiçoados e no caso específico do procedimento autoetnográfico, aplicados simultaneamente à análise e interpretação de achados. As etapas do estudo ocorrem geralmente de maneira entrelaçada, concomitante, gradual e ininterruptamente (CHANG, 2008).

O conteúdo em circunstância gradativa e progressiva de coleta é resultado de contos confessionais, concentram-se na pessoa que fez a experiência e não no fato concreto, linear, cronológico. A matéria concentra-se no esforço investigativo e sensível para estudar a cultura de si e do outro, em relação com a comunidade de humanos.

Em particular, desponta como um exame minucioso de si na relação com os participantes. Exige o registro sistemático de dados refletidos e indagados insistentemente, progressivamente em textos de campo, diários de si, descrição fotográfica de acontecimentos, experiências sentidas, pensadas, ditas inesperadamente expressas em instantes programados ou não.

Grande experiência narrativa e confessional fez Agostinho,⁸⁴ em *Confissões*.⁸⁵ Segundo Galle, Olmos, Kanzepolsky e Izarra (2009, p.9), o gênero autobiográfico teve origem nas confidências de Santo Agostinho (354-430), entretanto, o desenvolvimento moderno do gênero, associado à emergência do romance deu-se na segunda metade do século XVIII.

Por meio de reminiscências, reflete Agostinho, enquanto narra a verdade que busca, sobre sua própria existência:

A alma será sempre um mistério. Muitas outras realidades sobre as quais pensamos também o são. O tempo... “Se ninguém me pergunta, sei; mas se quero explicá-lo a quem me pergunta, não o sei”. “Não se diz com propriedade: três são os tempos: passado, presente e futuro; talvez fosse mais apropriado dizer: presente das coisas futuras, presente das coisas passadas, presente das coisas presentes. Porque essas três presenças têm algum ser na minha alma, e é somente nela que as vejo. O presente das coisas passadas é a memória; o presente das coisas presentes é a contemplação; o presente das coisas futuras é a expectativa” O tempo é, assim, “uma espécie de extensão da nossa alma”.⁸⁶

Ao pensar o mistério da alma humana, indica o tempo como outra realidade sobre a qual diz não saber, até que outro o pergunte a respeito. Ele então recomenda a experiência de explicar o tempo.

⁸⁴ Uma das maiores personalidades da história universal, Santo Agostinho foi um grande retórico, filósofo e santo da Igreja. Sua obra vasta e profunda exerceu e tem muita influência em toda a cultura ocidental. Retórico, homem do mundo, carnal, fez um longo esforço para encontrar a chave da inquietação que o devorava. Foi um homem do seu tempo. Versado em todas as artes clássicas, jogou com as palavras num malabarismo que conseguia sempre escapar à superficialidade. A filosofia agostiniana é uma constante busca da verdade, que culmina na Verdade, em Cristo. É um movimento incessante, uma paixão, e, precisamente, a paixão principal: o amor. Amor meus, “o amor é o peso que dá sentido à minha vida”. Verdade e Amor. “Fizeste-nos, Senhor, para Ti e o nosso coração estará inquieto enquanto não descansar em Ti”, diz nas *Confissões*. Incita a ter fé para entender. Nada nos pode fazer duvidar da possibilidade de chegar à verdade. A verdade está no interior do homem. “Não queiras sair para fora; é no interior do homem que habita a verdade” (SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, IN-CM, Lisboa, 2001).

⁸⁵ *Confissões* é o título de um livro autobiográfico escrito por Agostinho de Hipona, no qual relata a sua vida antes de se tornar cristão e sua conversão. Comentando sua própria obra, Agostinho diz que a palavra *confissões*, mais que confessar pecados, significa adorar a Deus. É, portanto, um hino de louvor. Comentário de autoria da pesquisadora.

⁸⁶ *Confissões*. O livro é considerado um clássico, tanto da literatura mundial, quanto da teologia cristã e até mesmo da filosofia. Na primeira parte do livro, Santo Agostinho confessa quais foram, outrora, seus desregramentos. Nos cinco primeiros capítulos faz a invocação de uma epopéia teológica, sobrenatural. É um apelo do ser humano ao Ser Divino (Deus). Do sexto ao oitavo capítulos, discorre sobre sua infância e do nono ao vigésimo sobre a educação. Em: AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrosio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Sobre o presente do tempo passado, lembra Agostinho que tal alcance é possível por meio da memória. O tempo presente o leva à contemplação e o futuro, à esperança.

Com essa expectativa, Agostinho de Hipona dá-se a investigação, faz a experiência de compreender como a mente e a memória trabalham na representação e entendimento da realidade.

Em exercício semelhante Cyrulnick (2013, p.76), conclui que “o significado que se atribui ao presente se enraíza num acontecimento passado”. Tais lembranças íntimas participam da construção da identidade da pessoa.

O autor, para ilustrar a afirmação, rememora uma escalada, brincadeira aparentemente perigosa, que vivida ao lado de um amigo, representou para ele, liberdade e para o amigo que perdeu os sapatos, a fúria da mãe. Um acontecimento feliz para um e triste para o outro, afinal havia uma beleza fantástica no fato de poder experimentar o livre-arbítrio. Por meio da lembrança, enxerga a possibilidade de compreender a representação da realidade acontecida, explorada e apreendida.

Assim fez Agostinho para explicar a pergunta sobre a qual não sabia a resposta, tinha apenas o conhecimento do fato, foi preciso rememorar. Seria, portanto essa, a possibilidade da voz do autoetnógrafo, um ruído que remonta à cena do acontecimento para aclarar os riscos que contornam a trama? Se o pesquisador não se questionasse, talvez pudesse dizer da informação comum, notória, óbvia, mas ao perguntar-se sobre aquilo que experimentou e desejar explicar o sentido oculto, intocável, mas carente de representação, verá que falta saber.

Parafraseando Agostinho, o desejo do pesquisador explica-se nas palavras: “Existo, conheço e quero. Existo sabendo e querendo; e sei que existo e quero; e quero existir e saber” (AGOSTINHO, 1996, p.43).

A partir do dito, a existência do querer possibilita o nascimento de um pesquisador. Ele existe na medida que persegue o saber, busca uma explicação para o mistério e faz-se desbravador do próprio querer.

Do mesmo modo, Guimarães Rosa⁸⁷ escreve seu romance Grande Sertão: Veredas⁸⁸. A partir de uma dimensão confessional e testemunhal, o jagunço Riobaldo expõe as cenas de sua vida ante um leitor letrado.

A narrativa é escrita com sotaques e jeitos sertanejos. O narrador conta a história a um interlocutor desconhecido, a quem chama “Senhor”, “Moço” ou “Doutor”.

Riobaldo, ao tecer a história, elabora um discurso de descoberta e autoconhecimento. Revela o sertão-mundo e revela-se a si mesmo. Como se o sertão fosse ele próprio a fim de reconhecer-se nele. Nessa ameaçadora travessia, Riobaldo confronta as forças do bem e do mal, retoma, num fluxo de memória, a linha de sua vida e narra as amplas lutas dos bandos de jagunços. Descreve os feitos e atributos de personagens e revela os indicadores de honra e de costumes do sertão.

Como em muitos textos de forte conteúdo testemunhal, a fragmentação da memória e a sua espacialização conduzem o influxo da narrativa. Oscilando entre testemunho e confissão, o texto consente uma leitura literária como uma encenação teatral da memória catastrófica. A fala é um elemento evidente do testemunho e da confissão, no romance.

Riobaldo, depois da morte da mãe, uma mulher pobre e agregada em uma fazenda, passa a morar com o padrinho. Decepcionado com o qual, possivelmente, seria seu pai, foge de casa. Riobaldo se junta a um movimento jagunço e reencontra o amigo de infância, Diadorim. O narrador passa a perceber que existe entre eles, uma relação distinta da que se podia haver entre os jagunços. Após tragédia que vitima Diadorim, Riobaldo desiste da vida de jagunço e adota um comportamento de devoção espiritual. Casa-se com Otacília e torna-se proprietário, ao receber duas fazendas de herança, assumindo a condição almejada de homem definitivo. Ele transforma-se.

⁸⁷ João Guimarães Rosa foi um dos mais importantes escritores brasileiros da literatura. Os contos e romances escritos por Guimarães Rosa ambientam-se quase todos no chamado sertão brasileiro. Comentário da pesquisadora.

⁸⁸ O romance foi reconhecido pelo autor como sua autobiografia irracional. O grande sertão é o acontecimento do milagre no “vai-vem da vida burra” e cética, descrente de si. É a constatação plena de que “viver é negócio muito perigoso”. Como autobiografia, é a proposta de se viver de forma transcendente à limitada condição humana: ao invés de “viver para contá-la”, o autor vai “contar para vivê-la”. Comentário da pesquisadora.

A experiência de Guimarães Rosa explora a oportunidade de transcendência do homem, diante da vida que transcorre limitadamente. Por meio da arte literária, o autor faz da escrita, seu confessionário; do conto, seu testemunho; da memória, um tempo presente; do leitor, uma invenção que dura para que possa a viver a vida futura.

Os benefícios alcançados pelas confissões do Agostinho ou pelos testemunhos confessionais do Guimarães, talvez possam ser avistados nas vantagens da pesquisa autoetnográfica para o pesquisador/participante ou autoetnógrafo.

A forma amigável do texto que se compartilha com o leitor, a nítida compreensão do vínculo cultural entre o si e o outro e, em companhia, a potencialidade do encontro intercultural do si e do diferente, o conhecimento profundo de subjetividades em rede, via nacionalidade, etnia, educação, situação social, espacialidade geográfica, gênero, idade, entre outros fatores de intersecção do si e do outro, promovem tal faceta metodológica que toca vastamente as experiências pessoais e culturais do si mesmo e, conseqüentemente, da cultura geral de uma sociedade.

Numa sociedade multicultural, tal enfoque de apreensão do conhecimento implica em uma abertura para a construção de encontros interculturais. A perspectiva é de acolhida das pessoas em posições antagônicas, o que permite conectar o passado individual ao presente coletivo, compreender a lógica que explica enraizamentos com os outros e em territórios aparentemente alheios.

Segundo Reed-Danahay (1997, p.2), o termo autoetnografia compreende três variantes: antropologia nativa, autobiografia étnica, etnografia autobiográfica. A última variação a que se pretende, particulariza-se especialmente pelas experiências pessoais lançadas na escrita etnográfica.

No que se refere à complexa rede de procedimentos que envolvem o fazer autoetnográfico, Ellis e Bochner (2000, p.733) discorrem sobre o esforço tríplice que realiza o pesquisador ao dar ênfase ao processo de escrita, grafia; à cultura, *ethno* e no eu, *auto* (p.740).

Tal destaque pode variar em direção ao fazer etnográfico ou na interpretação da análise cultural e ainda no debruçar sobre autonarrativas. O equilíbrio entre as

tendências, defendem os autores, encontra-se na aplicação da etnografia enquanto procedimento metodológico, na análise interpretativa cultural e coleta de conteúdo autobiográfico. O tratamento de dados deve preconizar a compreensão cultural do si e do outro.

Interessa saber que tal entendimento, nesse estudo, foi verbalizado pelo irmão que escreve no prefácio sobre a cultura familiar da irmandade. Ele, de maneira análoga, associa a relação fraterna à imagem de uma ponte que vincula o passado individual e coletivo e faz dos irmãos adultos suportes de aprendizados e experiências da infância.

Partindo dessa premissa e já atendendo ao clamor do trabalho autoetnográfico que possibilita lançar mãos das etapas da pesquisa científica em movimento simultâneo, emerge a fala de uma das filhas da família lócus desse estudo. A mesma afirma, ao analisar criticamente os castigos destinados aos filhos, especialmente os físicos, que tal disciplina severa destinada a ela e aos irmãos, pode ser concebida como um elemento de permanência da geração anterior. Ou seja, herança da avó que também fazia uso da punição física como principal ferramenta de educação da filha. Em situação atual, a mãe dos filhos pesquisados.

Tal invocação pode ser um prognóstico de um hábito aprendido e repetido na geração posterior. A assertiva fomenta a composição de um texto autobiográfico que, em segunda análise, expande-se para a observação cultural necessária para consolidar o trabalho etnográfico.

Ao tratar a composição de procedimentos exigidos pela pesquisa em questão, a intenção seguinte será delinear o trajeto metodológico, retomar os objetivos estabelecidos e recuperar o objeto de estudo para justificar o feito autoetnográfico como proposição.

Objetivando compreender a beleza na superação do sofrimento dos filhos de uma família, cujo casal expunha-os a um relacionamento tenso e sofrido, o exercício científico parte da coleta de relatos autobiográficos, escritas de si como instrumento de apreensão do modo como, cada pessoa, enfrentou na memória, a representação do próprio sofrimento e deu sentido ao acontecimento infeliz, a dor, tomando um novo caminho de vida. O que se concebe como resiliência.

As narrativas pessoais reunidas devem permitir a exposição de acontecimentos capazes de promover o desempenho resiliente da prole, os recursos pessoais e/ou sociais, internos ou externos aproveitados pelas pessoas, a partir do eu-narrador.

O caminho metodológico sagra o diálogo entre subjetividades distintas, garante a audição e interpretação das múltiplas vozes que ressoam dos textos de campo⁸⁹ autobiográficos, que remetem a pessoa à ordenação de suas experiências, enquanto (res)significa os episódios da vida.

O trabalho de campo autoetnográfico envolve a cada passo, outros, na lembrança e reflexão dos pesquisadores, salienta Chang (2008). Acrescenta o autor que os autoetnógrafos podem combinar técnicas para ativar as lembranças, organizar memórias e compor textos de campo: ferramentas visuais, desenhos livres; inventariar pessoas, artefatos, valores e provérbios sociais e familiares, experiências multiculturais e atividades favoritas; narrar a própria história educacional, dia típico, ciclo anual de vida; ler e responder a outras autoetnografias; coletar poemas, histórias de outros, diários pessoais, notas de campo, cartas, entrevistas, histórias de família, documentos, fotos, outros (CHAG, 2000, p.101).

Em especial, ao autoetnógrafo, recomenda desenvolver técnicas particulares para atender objetivos do seu estudo (p.102). A recomendação foi atendida ao longo da pesquisa já que os instrumentos planejados para coleta foram sendo adequados às necessidades da elaboração de informações dos participantes.

A observação participante também é um recurso significativo na medida em que o pesquisador observa-se e documenta seu comportamento, acessa experiências sigiladas por meio de uma auto-observação ou autointrospecção interativa.

Na introspecção interativa, os pesquisadores e os outros podem entrevistar uns aos outros "como iguais que tentam ajudar um ao outro a reviver e descrever suas lembranças de experiências emocionais" (ELLIS, 1991 *apud* RODRIGUEZ, N. e RYAVE, 2002).

⁸⁹ Textos de campo: denominação usada por Clandinin e Connelly para referir a "dados". Em: CLANDININ, D. J. e CONNELLY, F. M., 2000.

A experiência proposta por Ellis (p.8), nomeada autointrospecção interativa, parece inevitável num estudo de natureza autoetnográfica, vivência que tem sido frequentemente desencadeada em situações de encontros de irmão, como já foi anteriormente relatado. Durante as entrevistas, os participantes, pesquisador e pesquisados alternam-se mediante a força das lembranças comuns ou pessoais.

O trajeto a ser percorrido foi delineado de modo que se possa: ouvir individualmente ou coletivamente as histórias de vida ditas pelos participantes da pesquisa; entrevistar os filhos sobre como eles pensam ter vivenciado as desavenças diárias dos pais; perguntar sobre como fizeram para superar, ou não, a tensão causada pelo relacionamento do casal; ouvir dos filhos entrevistados a história de suas famílias atuais: o que eles repetiram e o que mudaram, o que não gostariam de ter repetido e o que permaneceu da família de origem; o que aprenderam com a experiência em família, que serviu ou serve de ensinamento para seus filhos.

O estudo é de característica qualitativa. Os participantes serão os irmãos da família lócus da investigação. Serão utilizados entre os instrumentos plausíveis e particulares: histórias de vida, entrevistas individuais, encontros com os irmãos da família, diário da pesquisadora, entre outros que em ambiente de coleta, possam emergir.

Nota-se, portanto, que o modelo qualitativo e autoetnográfico desse estudo, pressupõe que processos de coleta, instrumentos e técnicas, análises e interpretação de dados sejam lançados simultaneamente para que se possa verificar de que modo o eu percebe, pensa, age, avalia, relaciona-se, movendo-se entre o si e os outros, fazendo os dados submergirem e emergirem em animação de zoom.

Quando ao escrito autoetnográfico, Van Maanen (1988) caracteriza os estilos com os quais o pesquisador pode identificar-se e comunicar os resultados do estudo. Chama de contos realistas, aqueles que focam no feito; confessionais, os que enfocam sobre quem fez e impressionistas, o escrito que aponta para o fazer do trabalho de campo. Mais importante que os jeitos, acrescenta, é não perder a visão da identidade da autoetnografia como estudo cultural do eu e dos outros. Diante da recomendação eis que emergem as vozes participantes desse estudo.

3.2 AS VOZES QUE NARRAM: DOS AUTORES/PARTICIPANTES

Metodologicamente, a autoetnografia é benéfica ao pesquisador já que a primeira fonte de dados é o si mesmo, além da familiaridade inicial sobre tais subsídios, a possibilidade de profunda análise e interpretação dos mesmos. É um escrito envolvente tanto para o autor quanto para os leitores, pois liberta os investigadores de escritos abstratos, afirma Nash (2004), e toca a vida dos leitores.

A autoetnografia mostra-se ainda como excelente exercício de autoconhecimento e conseqüente conhecimento do outro. Trata-se de uma reflexão sobre as forças que moldam o sentido do eu, requerem a descoberta do si e do outro, transforma pesquisadores e pesquisados.

Escreve Foster (2005) apud Foster McAllister e O'Brien (2005), sobre possíveis transformações da autoetnografia sobre os autoetnógrafos. Diz que outro tipo de autotransformação pode acompanhar as curas das cicatrizes emocionais do passado.

Ao fazer a experiência de partilha com os outros acerca da dolorosa experiência de crescer com uma mãe com esquizofrenia e compreender a origem cultural de suas dores Foster vivenciou a libertação e o consolo do fardo de isolamento, solidão e vergonha. A força libertadora da autoetnografia foi o base para sua autocapacitação.

A ideia é de que o aumento da consciência de si e dos outros, por meio da representação de um acontecimento passado e rememorado, capacita o eu a resolver mal-entendidos culturais, alarga a sensibilidade intercultural e responde às penúrias dos outros de forma ativa.

Um relato compartilhado pode causar o remanejamento da história da vida passada, provocar um movimento de mudança da representação para compreender o acontecimento vivido. Segundo Cyrulnick (2013, p.114), há duas formas de relato de uma lembrança: o despertar do sentimento doloroso na forma de uma queixa ou o reativar da memória sofrida remanejando a representação do passado.

Ao trazer a reflexão, o autor explica que a felicidade atual pode ser construída pelas boas recordações do passado. Movimento que as circunstâncias do tempo de

vida podem facilitar. Como protótipo, o autor idealiza e transcreve a seguinte afirmação: “aqueles castigos corporais me tornaram forte, eu os superei”. Isso seria inverso a “aqueles castigos corporais me destruíram” (p.115).

A declaração confessional, autobiográfica do autor sugere uma interpretação favorável à cura da dor. Ele deixa a posição de vítima pra alcançar o lugar da resistência. Ele concebe o acontecimento e recria-o de forma benéfica, curativa, libertadora.

Em transe poético, Clarice Lispector, em forma de representação, descreve as possibilidades de fazer a sua felicidade:

Mas de mim depende eu vir livremente a ser o que fatalmente sou. Sou dona de minha fatalidade e, se eu decidir não cumpri-la, ficarei fora de minha natureza especificamente viva. Mas se eu cumprir meu núcleo neutro e vivo, então, dentro de minha espécie, estarei sendo especificamente humana. (LISPECTOR, 1998, p.29)

Movida por um desejo de conhecimento, transformação e cura, perguntou-se inicialmente a pesquisadora sobre o que leva as pessoas à superação e ao movimento de resiliência ao longo de suas vidas? Por agora, pode ser que queira saber como os castigos físicos, a dor, os conflitos puderam tornar alguém mais forte a ponto de promover superação e fatal remanejamento da memória de dor para uma compreensão humana, efetiva e necessária de si e do outro?

Para além das questões levantadas pela pesquisadora, estão os outros participantes, as fontes externas à autoetnografia, as vozes que narram em sintonia, alternância e distinção os fatos passados, as memórias presentes, os instantes de transcendência.

Todos movidos pela proposta de pesquisa orientada para a procura cuidadosa de como se deu o acontecimento capaz de gerar o desempenho resiliente dos filhos da família selecionada. Quais recursos pessoais e/ou coletivos, internos ou externos foram mobilizados pelas pessoas e podem ser evidenciados a partir do eu-narrador.

Entre as vozes estão os filhos do casal Batista e Valverde⁹⁰. Ele e ela, setenta e dois anos cada um, seis meses de diferença de idade. Em convivência comum, aproximadamente quarenta e oito anos. O par tem três filhos: Valesca, 47 anos; Alzira 46 e André, 45.⁹¹ Todos os filhos casados. A mais velha, tem trinta anos de casamento. A segunda, vinte e nove e o caçula, vinte e cinco. Todos com famílias constituídas. As filhas têm três filhos cada uma, sendo dois casados da primeira filha e um casado da segunda filha. O filho mais novo tem um adolescente de dezoito anos. As filhas do casal de origem são avós. Cada uma tem um neto.

A descrição detalhada justifica-se para que se possa evidenciar fatos que possivelmente, possam contribuir para a análise na qual se pretende identificar acontecimentos que possam ter sido promotores do desempenho resiliente. Exemplo: as filhas casaram-se aos dezesseis anos, já são avós e notadamente mostram-se em harmonia com a relação conjugal. O contentamento nupcial também é válido para o filho mais novo. O indicador destaca-se a priori, entretanto deve ser analisado a seguir. Isso porque o modelo dos relacionamentos cultivados pelos filhos destoa da relação parental.

Em texto de título precauções, enviado como escritos costumeiros, correspondências trocadas entre o pai JB e a filha Alzira, o pai adverte sobre o relacionamento conjugal:

Dizem que, quando ficamos velhos, temos todas as respostas, mas ninguém nos pergunta nada. Estou velho, e não tenho todas as respostas. Pelo contrário, cada dia tenho mais dúvidas e questionamentos. Certo, porém, é que ninguém me pergunta quase nada. Assim mesmo, proponho-me a falar algo a respeito do comportamento humano, ainda que ninguém se disponha a observar. Falo o que penso, o que vivo e o que vejo, e é isso o que somos individualmente. Dessa forma, registro, despretensiosamente, alguns pensamentos para reflexão, especialmente dos jovens que, natural e supostamente possuem menos experiência, e **procuram um relacionamento conjugal.**⁹² Observe bem o comportamento, as ações e reações da mulher com quem pretende se casar ou ter um relacionamento sério e duradouro. Reflita profundamente e analise se você será capaz de aceitar e conviver durante toda a sua vida com o que lhe parecer incompatível naquele momento com a sua maneira de ser. As mulheres façam o mesmo com relação aos seus pretensos parceiros. E que o façam com rigor e racionalidade. A paixão, o entusiasmo, o encanto, a empolgação do namoro, o propósito de agradecer – e até de enganar, tendem a minimizar,

⁹⁰ Os nomes não correspondem exatamente à realidade.

⁹¹ Os nomes não são verdadeiros.

⁹² Grifo para salientar o objeto de análise.

ou mesmo camuflar fortemente fundamentais recíprocos defeitos. As pessoas estão sujeitas a mudanças de caráter, porque querem e se esforçam para tanto, ou por força das circunstâncias, mas a personalidade, o gênio (bom ou mau), a natureza, dificilmente, talvez jamais, serão mudados. São qualidades ou imperfeições inerentes a cada um que podem incomodar grandemente o outro, se compartilhadas de forma ininterruptas. Até mesmo as qualidades próprias podem ser, eventualmente, intoleráveis, pelo que devemos considerá-las na análise, caso a caso. Negligenciar, ou não racionalizar, tais cuidados na ocasião oportuna, pode trazer sérios e irreparáveis danos ao casamento no futuro. Levar a uma separação prematura e, conseqüentemente, frustrar expectativas de felicidade do casal.⁹³ (Carta encaminhada por e-mail em 30 julho de 2015)

O texto em tempo de desabafo destaca além da voz silenciada que clama por um ouvido prudente e confiável, precauções gratuitas em forma de respostas não evocadas, ou pouco úteis aos que interessam fazer saber. O fato é que a dor ininterrupta e intolerável de um engano cometido dura toda uma vida, é escolha sem volta, é uma impossibilidade expressa nos termos “jamais serão mudados” ou “sérios e irreparáveis danos”.⁹⁴

Como consequência da frustrada história de vida conjugal, JB reflete a vida dos filhos:

... Pior, ainda, levar à formação de uma família desestruturada com **prejuízos para a o equilíbrio psicológico e físico dos filhos**⁹⁵, que são responsabilidade dos pais e não pediram para nascer. Foram uma opção dos pais. Se não, no mínimo, correram do risco de tê-los. E, uma vez tendo-os, obrigam-se moralmente a dedicar-lhes atenção e cuidados. Os filhos Não fizeram escolha quanto a isso, mas **vão sofrer inexoravelmente das mazelas advindas de um relacionamento frustrado, tumultuado e desrespeitoso**⁹⁶. Os filhos são frutos de uma união e de amor de duas pessoas. Essas pessoas se equivalem, portanto, a uma árvore frutífera e uma árvore dá bons frutos quando tem idêntica qualidade. Os filhos, como os frutos, regra geral, são bons quando a origem é boa e são bem cuidados. São melhores, na medida em que haja harmonia, respeito, sabedoria, ética, entendimento, responsabilidade e consciência dos pais. Filhos bons, bem criados, por si só, podem ser motivo – e são – de felicidade de um casal. Ou seja, podemos ser felizes apenas em razão dos filhos, mas a felicidade completa-se com a harmonia entre os pais. (Fragmento seguinte do texto anterior, julho, 2015)

⁹³ Pai e filha costumam trocar cartas de teor semelhante, os diálogos são respondidos e os textos arquivados em pasta digital. Julho de 2015.

⁹⁴ Aspas para remeter ao texto na íntegra.

⁹⁵ Grifo para realçar o objeto de análise do texto.

⁹⁶ Grifo para salientar elementos do texto. Vale salientar que o registro do texto no estudo foi autorizado pelo autor.

Ao remeter-se aos filhos, o marido e pai manifesta a consciência de prejuízos psicológicos sofridos pelos filhos mediante convivência conflituosa do casal. Responsabiliza-se por ter decidido tê-los e até por ter corrido o risco de deixá-los nascer. Diante do feito, assume o compromisso do cuidado na forma de um modelo de ético, reto, piedoso, firme na disposição determinada de obter as qualidades virtuosas para que seus frutos sejam capazes de suportar qualquer desarmonia.

Resistência percebida pelos seus filhos, em especial pela filha mais velha, quando objetivamente responde à pergunta feita: “– alguém ensinou a você resiliência? – Meu pai, meu pai. Ele é modelo de resiliência, eu aprendi com ele, não tenho dúvidas...”⁹⁷

E continua o homem a fazer prevenções:

Uma fase importante no casamento, a que apenas pouquíssimos jovens costumam vislumbrar, cuja harmonia depende da intensidade do amor, da compreensão e fundamentalmente da índole dos indivíduos, é a maturidade da vida. Quando não somos mais tão saudáveis, fortes, bem dispostos e independentes; quando os filhos já se foram de casa, têm sua própria família, vivem sua vida. Um processo natural a que todos os pais estão sujeitos e, longe de constituir um abandono, afigura-se como uma realização, a qual ainda deve ser abençoada... (Fragmento do texto que revela os afetos experimentados no presente da existência de JB)

Em apelo sentido, finaliza o marido saudoso dos filhos e autor de um presente não construído:

Assim sendo, quando formos idosos, sem a presença física constante dos filhos, é quando mais vamos precisar da atenção, da aliança, da cumplicidade, da afeição do companheiro; da conversa amena, agradável, amiga; da solidariedade, do cuidado, da delicadeza. Essencialmente, do respeito e da valorização... Seria por isso que alguns, referindo-se a esse ciclo da vida, chamam-no de “melhor idade”? Acredito que pode ser, também e principalmente... É hora de, juntos, acompanharmos o crescimento dos netos e, quiçá, se a força do “Arqueiro” for bastante, bisnetos, e até trinets, completando o nosso ciclo da vida com alegria e qualidade. (Página final)

⁹⁷ Valesca em entrevista, janeiro de 2015. Caderno de campo.

Sobre o tempo, ele lembra: o passado não se repete, não se vive outra vez, não se conserta; cuidemos portanto para ter um presente feliz, ele será passado amanhã e lembrado com saudade e sorriso.

É possível que quisesse ele transcender para além do fato vivido, da representação construída para o remanejamento da lembrança e alcance da resiliência. Seria autor de seu destino, assinaria sua própria história, se pudesse. Tal expectativa existe?

Quanto às vozes autoras desse estudo, os filhos de Batista e Valverde devem discorrer sobre a experiência de um convívio familiar conflituoso em função da desarmonia dos pais, das brigas rotineiras, dos castigos físicos e tensão emocional, mediante desordem familiar.

As vozes prioritariamente ecoarão das narrativas autobiográficas ou textos de campo, que provavelmente condensarão fatos e lembranças subjetivadas, remanejamento de sentimentos vividos, representados e variados, além de avaliações, análises e leituras elaboradas pelo eu na relação com o outro. A partir do modelo metodológico, destaca-se mais uma vez, a sobreposição de etapas da pesquisa: coleta, análise, interpretação de dados e resultados.

Diante de variadas e particulares fontes de natureza autobiográfica, acessadas via memória, representações, acontecimentos e outros subsídios, a autoetnografia que se desenha carece de estar atenta ao foco da investigação, entretanto não poderá furtar-se de imprevistos, achados, ocorrências, circunstâncias compostas, arrançadas, facilitadas por situações ocasionais e úteis.

A oportunidade que se deseja explicar pode ser ilustrada pelo momento narrado a seguir:

A pesquisadora foi convidada para um café, num final de tarde, em comemoração ao aniversário do filho único de André, na casa da avó. Antes da canção de parabéns, a avó do aniversariante, sugere que a pesquisadora, enquanto Mestre no assunto família, diga sobre o que significa o agrupamento. A pesquisadora, então sugere que seja feita uma rodada de opiniões, que cada pessoa presente, diga o que representa a família para si. Nessa ocasião, estavam reunidos: o casal JB e Liu, seus filhos, netos, com exceção dos dois casados. Além de esposa do neto mais velho e nora do casal de origem. Na oportunidade, foram ditas palavras que num esforço de memória e sem auxílio de um gravador, talvez possam ser registradas, em ordem: segurança, união, tesouro, suporte... Até que André, irmão mais novo, filho caçula da família e pai do aniversariante, resolve

relatar. Diz que se sente distante das irmãs, principalmente porque vive longe, fora do Brasil, a maior parte de sua existência de adulto, fala dos cunhados, da separação parental, emocional que sente e revela, insistentemente o quanto os ama. Primeiro por fazer suas irmãs e sobrinhos felizes, por serem grandes homens, honestos, amorosos, responsáveis, dignos. Não importa para ele o espaço que os coloca distantes, mas o bem que fazem. Diz que ama as irmãs em pensamento e todos os dias. Busca a esposa para que confirme seu relato: – Não é fulana? Falo delas todos os dias, quero que sejam muito felizes. Sei que discordamos, geralmente com Valesca não é? Elas se juntavam contra mim, quando eu era criança, Valesca dava as ordens e eu obedecia, ela sempre exerceu sobre nós a autoridade, era a mais velha, nos respeitávamos ela, ainda hoje é assim, eu não brigo com ela, mesmo quando discordo, ouço sem contestar. A irmã mais velha confirma e diz que os irmãos agem assim. A irmã do meio diz que reconhece a obediência e age assim porque a tem como protetora, uma imagem que construiu na infância, quanto não entendia quem era naquela família. Até perceber que ela era a filha mais velha do casal, por ela, era cuidada. Obedecê-la é uma dívida de vida. (diário de campo da pesquisadora, em outubro de 2015)⁹⁸

O desejo de ter um gravador, de puder ter previsto o acontecimento, ter pedido consentimento para gravar ou quem sabe, ter gravado sem autorização mesmo, passou pela cabeça da autoetnógrafa, enquanto eles falavam, ela se autoanalisava e interpretava os sentidos disponíveis. O diálogo interno travou-se, misturou-se com as vozes que soavam. Aindaurgia a necessidade de falar depois deles. O que diria?

A pesquisadora, aproveitando-se das falas que impactaram diretamente ou automaticamente, pois não havia tempo para organizar ideias, expressa o desejo de que a família seja o lugar do acolhimento total da pessoa, independente das particularidades ou diferenças. Falou como se tivesse que abraçar a singular oportunidade de unir-se ao depoimento do irmão mais novo, que na leitura subjetiva do sentimento evocado, parecia desculpar-se por não ser exatamente o que a expectativa do outro exigia dele. Ou talvez, a sua própria expectativa. A escolha pela felicidade parecia estar diretamente vinculada à vida distante, muito longe da família de origem. Um recurso de resiliência para viver um presente e um futuro venturoso? Quem sabe.

⁹⁸ O diário de campo foi usado para anotações resultantes de observações e conversas imprevisíveis que emergiram como acontecimentos importantes para a pesquisa. Notados os instantes, a pesquisadora solicitou autorização para anotar pontos relevantes e posteriormente, transcreveu os dados de forma que pudesse refletir, perguntar, sentir e concluir sobre eles. O texto de campo será usado para apontar anotações feitas durante ocasiões previstas para esse fim.

Convencida de que a pesquisa autoetnográfica chega a ser um acontecimento, a pesquisadora imagina que não há como escapar do movimento à deriva que surpreende, convoca, exige concentração, paciência, introspecção, labuta. A pesquisadora decide organizar as observações em escritos distintos: diário de campo e textos de campo. Foi no primeiro suporte que registrou com permissão da família, recortes das falas dos irmãos, expressões mais nítidas, sentimentos revelados e impressões particulares do instante acontecido.

Juntando as palavras pesquisa e acontecimento, Fonseca, Kirst, Oliveira, D'Ávila e D'Ávila (2006) escrevem o artigo, Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado em vista de pensar as singularidades do acontecimento, rondá-lo dia e noite para fins de adentrar-lhe a carne e romper as evidências que se assomam ao olhar do investigador científico. Um feito que exige a audição de vozes que têm a feição do silêncio e guardam o mistério da resposta.

Que assim sejam ouvidas as vozes dos irmãos enquanto filhos, pais, família. E que escapem as vozes de outros participantes que queiram estar presentes. Não há como contê-las. Seria como descartar um achado, é como desobedecer o limite da seleção de participantes recomendados pelo delineamento ordeiro de uma pesquisa. Fazer o quê?

Convencida pela face do estudo descrito, fotografado, é preciso deixar-se render e ouvir quem fala. Nem que seja apenas, escutar.

3.3 EM FAMÍLIA: O LÓCUS DA PESQUISA

A família e a cultura constituem-se para a ciência em contextos proeminentes para a compreensão do indivíduo em sua singularidade. Para Dessen e Silva (2000, p.191-192), focalizar a singularidade e a complexidade da rede relacional familiar permite enxergar a família como um grupo particular em desenvolvimento, plantado em um contexto cultural também em desenvolvimento.

Desse modo, a atuação dos pesquisadores acadêmicos privilegia a investigação sobre o desenvolvimento dos estudos para essa especialidade. As questões que norteiam as intenções dos cientistas apontam para o conhecimento de

métodos, instrumentos de pesquisa e resultados que comportem compreender como as famílias funcionam. Sobretudo pensar sobre quais são as funções da família, que papéis são a ela atribuídos e exercidos por essa rede relacional.

Atenta a essa realidade, a pesquisa pretendida entende que tal compreensão carece do ponto de vista de cada um dos membros da família, bem como, de uma perspectiva social e cultural. Resposta a ser formulada pelo método autoetnográfico que se ocupa em interpretar dados elaborados a partir da conexão cultural entre o eu e os outros, em sociedade.

De maneira mais ampla, o autoetnógrafo ocupa o lugar de pesquisador e pesquisado atendendo ao interesse pessoal dos esforços de pesquisa, como escreveu LeCompte (1987, p.46): “todos os esforços de pesquisa são autobiográficos”.

Ao compreender tal proposição, a pesquisadora reflete sobre o modo de relacionamento da família pesquisada. As imagens, crenças, comportamentos, heranças e rupturas que servem de base para a atitude resiliente dos irmãos investigados. A respeito de valores que definem funções familiares, papéis sociais, moldam competências, sustentam escolhas, escrevem e reescrevem histórias de superação e beleza.

Considerando a diversidade e a especificidade das famílias contemporâneas, a pesquisa zela pela compreensão de dados particulares da família em estudo, tecendo dados de perto e junto a ela para compreender o indivíduo em sua singularidade e em família.

A expectativa alarga as investigações feitas pela maior parte dos estudos em família. Aqueles que consideram seus participantes as mães, os pais, o casal, os filhos, um ente, em separado. Ou ainda, um fato que atinge diretamente uma pessoa, afeta a todos, mas restringe e dirige o olhar do pesquisador para determinada realidade factual. A espera é de que se possa ouvir a família, a partir de cada pessoa dos irmãos.

Estudar a família, promovendo o encontro de seus membros, reunindo os dados coletados entre irmãos para refletir sobre a complexidade desse projeto, são aspectos a serem obrigatoriamente, considerados. Serão cuidados essenciais:

verificar as implicações metodológicas; manusear as informações recolhidas com rigor científico.

O campo de abrangência desse estudo é a congregação de irmãos. Garantir a totalidade desse subsistema para que se possa ter um grau de certeza sobre o conhecimento produzido, a respeito da realidade recortada.

Será imprescindível apreciar os níveis de envolvimento de cada pessoa dos irmãos, já que cada um pode prover contribuições exclusivas para o desenvolvimento desse estudo. Finalmente, carece entender o trajeto desenvolvimental de cada indivíduo em diferentes etapas do ciclo de suas vidas e ao longo das gerações. Precisa-se compreender o amadurecimento familiar dos participantes inseridos no contexto básico cultural de organização da sociedade humana: a família.

Os estudos científicos com famílias ostentam, na contemporaneidade, grande relevância nos distintos campos de conhecimento. Eles caracterizam-se pela heterogeneidade e embaraçam diferentes disciplinas. A integração de visões complementares permite a análise de complexidade natural do objeto família. Já que esse se edifica de pessoas em relação.

Os resultados de estudos com famílias progressivamente adquirem importante papel comunitário, tanto que diversos setores públicos e privados orientam seus projetos de intervenção e aperfeiçoamento social a partir dos dados divulgados cientificamente sobre a instituição.

A relevância social está na evidencia de que as pesquisas possibilitam a problematização teórica de aspectos e situações que envolvem a família e legitimam o incremento de uma visão crítica sobre preconceitos, crenças e representações aleatórias a propósito das famílias.

Assim sendo, o contexto dessa investigação é a família de origem dos irmãos pesquisados. A cerca da procedência deles, mostram-se os dados: Batista e Valverde casaram-se aos 26 anos de idade cada. Ele, filho de família muito pobre, de uma cidade no interior mineiro. O pai e provedor único da família de Batista, trabalhava na estrada de ferro, criava os filhos com dificuldade, ao lado da esposa

com quem tinha um relacionamento harmonioso.⁹⁹ Sobre a percepção que os filhos tinham do pai ferroviário, segue publicação de Batista:

Dizer o quanto é gratificante e quanto emociona saber que o nosso pai falecido prematuramente, conseguiu produzir tal impressão... Naqueles que nem o conheceram pessoalmente. É verdade, reforçada a partir desse fato, que não morremos nessa vida enquanto alguém se lembrar de nós na terra... Nunca conheci ninguém que o desmerecesse. Professor Juvenal Caldeira Durães em sua autobiografia com título “Experiências de uma vida”... Nas páginas 107, 108 escreve: – M L aplicava em mim as doloridas injeções, diariamente, e... Juvenal estava tuberculoso... Ninguém espontaneamente queria qualquer contato físico... Era tanto e terrível o preconceito que levou o professor a afirmar: – Ali eu estava isolado e desolado.¹⁰⁰

Os pais de Batista tiveram nove filhos. Após a morte do patriarca, o filho mais velho, aos 18 anos, passa a prover o sustento da família. Sem estudo completo, mas com longa experiência de trabalho, Batista sempre trabalhou para ajudar a família como balconista das Casas Pernambucanas¹⁰¹, resolve fazer concurso para um banco federal e é aprovado. Nesse estabelecimento, enquanto desenvolve habilidades e conhecimento, o banco o transfere para um interior da Bahia onde ele conhece a futura mulher e faz carreira ascendente como bancário.

Ela é uma moça conhecida pelo sobrenome. Pertence a uma família de bons recursos financeiros. O pai, também provedor da casa, representa e negocia tecidos em uma empresa grande e reconhecida na região sertaneja e capital. Ao conhecer o futuro esposo, pretende casar-se com ele. Apesar da diferença social e econômica entre as famílias, unem-se e passam a viver juntos.

O casal, já nos primeiros tempos de casamento, sofre com as dificuldades financeiras, pois ela está acostumada a um padrão de vida superior ao dele e reage às impossibilidades de consumir o que não pode ser pago com o salário do marido. Ela recorre sempre ao pai que é impelido pela esposa a satisfazer os desejos da filha.

⁹⁹ Escrito por alguns filhos do pai de Batista na página da família Santos, em rede social. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/435596149843145>>. Acesso em: 18 abr 2013.

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://www.facebook.com/groups/familiasantos>>. Acesso em: 18 abr 2013.

¹⁰¹ As Casas Pernambucanas foi uma rede de lojas de tecido. O depoimento foi disponibilizado por Batista em conversa informal com a filha do meio. Outubro de 2014.

Importa dizer que Valverde estudou música em escola superior e formou-se professora. Deu aulas por muito tempo, tinha emprego estadual e salário razoável, mas nunca conseguiu administrar receita e despesa.

Após dez meses de casados, Batista e Valverde têm a primeira filha e onze meses depois, a segunda. Após dois anos, nasce o terceiro filho. Mudanças rápidas e desafiadoras vivem o casal e seus filhos. Recurso financeiro limitado, transferências de residência em função do trabalho do marido, filhos pequenos e desacordos passam a fazer parte da rotina do casal.

Eles contam com uma rede de apoio materna que cuida da filha mais velha em ocasiões de férias e outras circunstâncias e com as tias avós que cuidam da filha do meio durante bom tempo, após o nascimento dela, de igual modo, em época de férias e em muitas outras ocasiões. O filho mais novo fica sempre na companhia dos pais.

Em ambiente familiar tenso, as crianças são educadas. Presenciam muitas brigas dos pais, são castigadas frequentemente por motivos comuns, enquanto suas histórias de vida são escritas e até o dia em que podem reescrevê-las.

Declara André¹⁰² sobre sua visão da família, enquanto criança e filho: “A gente tinha tudo pra ser uma família feliz. Não faltava nada, se não fossem as brigas. Todo dia a mesma coisa, eu ficava pensando: por quê?”

A fala de André é repetida em muitas ocasiões de coleta para essa pesquisa, essa pareceu ser a compreensão mais exata de como os irmãos, crianças que foram, viam a família de origem e elaboravam a afirmação primeira que insinuou uma demanda de estudo: não eram felizes. Tinham tudo, não eram felizes porque o conflito era enorme, podia ser sentido rotineiramente.

3.4 A ÉTICA E A PESQUISA AUTOETNOGRÁFICA EM FAMÍLIA

A pesquisa científica é de maneira especial um trabalho sistemático, ordenado e criterioso. Nesse sentido, o cuidado para com a aplicação de procedimentos éticos, qualificam o estudo, asseguram resultados satisfatórios, e

¹⁰² Filho caçula. Texto de campo. Março de 2014.

garantem a proteção do pesquisador e pesquisados envolvidos no contexto da investigação.

No que se refere ao trabalho autoetnográfico, o estudioso precisa estar atento à emboscadas que comprometem o fazer eficiente e ético ao longo do processo. Alerta Chang (2008), é preciso desenvolver um olhar atento. Afastar a exagerada centralização em si de forma isolada dos outros; priorizar a narração à análise e interpretação cultural de dados; usar apenas a memória pessoal como fontes de informações; descuidar dos padrões éticos em relação aos outros, nas autonarrativas; e aplicar inadequadamente o termo autoetnografia.

A experiência metodológica eleita para esse estudo é essencialmente de natureza autobiográfica e exige cuidados especiais no que se refere à eficácia do procedimento, ruptura com o senso comum, validade da análise, relacionamento próximo com os participantes, abordagem, entre outros.

O momento de coleta de dados exige do pesquisador uma grande sensibilidade no acolhimento ao outro e respeito aos aspectos éticos e culturais, sua liberdade de expressão e autonomia. Nesse tipo de pesquisa, pesquisador e pesquisados constituem-se autores. A disponibilidade da pessoa ao elaborar suas narrativas, sofre grande influência da postura do pesquisador.

Nesse sentido, Freser e Gondim (2014, p.139) afirmam que a relação intersubjetiva, entrevistador e entrevistado é de fundamental importância para permitir o acesso aos significados atribuídos pelas pessoas, aos eventos do mundo.

Quando o ambiente da pesquisa é a família, especialmente a história que será contada sobre ela, questões éticas emergem. Os termos de consentimento e responsabilidade devem ser devidamente aplicados. Os participantes são antecipadamente informados sobre os detalhes da pesquisa, os propósitos do exame, sua contribuição para a ciência e a sociedade.

Assim sendo, a pesquisadora esclareceu os aspectos éticos do estudo, conforme instrui a Resolução 466/12 que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos. De acordo com esta Resolução, deve ser garantida ao informante, a participação livre, a preservação do anonimato, a confidencialidade dos dados, a possibilidade de se recusar a responder as perguntas e o direito de abandonar o

estudo sem sofrer nenhum prejuízo. De pedir esclarecimentos ao pesquisador sempre que tiver necessidade.

Toda comunicação humana envolve um jogo de poder e há uma de influência mútua entrevistador/entrevistado (DEMO, 2001). O pesquisador não é neutro, não está emocionalmente isento de sua subjetividade. A empatia, a seriedade, respeito e sensibilidade serão ferramentas importantes para o estabelecimento de um vínculo de confiança, proporcionando, assim, o encontro interpessoal entre pesquisador e pesquisado.

Importa dizer também que essa atividade dialógica é normalmente envolvida por sentimentos de ansiedade tanto do pesquisador, em razão do interesse da pesquisa, quanto dos participantes, que se deparam com uma situação de desvelamento de si para um outro e por essa ser uma experiência nova. Sendo assim, o contato sensível será decisivo para a conquista da confiança, a instauração ou afirmação de vínculos e a abertura para uma comunicação intra e interpessoal.

A reflexão elaborada constituiu-se em exercício significativo para a compreensão de que as narrativas autobiográficas, entrevistas, encontros de família serão procedimentos complementares para o estudo que se pretende fazer, uma vez que as narrativas motivarão os questionamentos necessários para alcançar o objetivo de pesquisa e as entrevistas para evidenciar os aspectos obscuros por meio de questões cruciais e diálogo esclarecedor entre entrevistado e entrevistador.

Conciliando instrumentos tipicamente qualitativos de pesquisa, o percurso desse estudo será no sentido de analisar os significados interpretativos produzidos pelas pessoas, enquanto narram suas histórias de vida, em família. Em interação com os outros, no espaço das circunstâncias experimentadas, selecionando e examinando o conteúdo poético, belo que as levam a agir e criar o novo. O que pode ser.

Um estudo no âmbito da família, afeta a intimidade familiar impactando positivamente ou não sobre as relações. A partir de tal pressuposto, a pesquisadora entende por si mesma, que fez todo o esforço necessário para proteger o si e os outros na relação com a mesma.

3.5 AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

As narrativas autobiográficas contam sobre histórias vividas, organizadas, ditas, e inventadas. Nessa direção e a partir das narrativas são construídas teorias sobre a realidade (OCHS; TAYLOR, 1992, p.302). As realidades narradas atenderiam à necessidade de “fuga através da qual se torna possível à apreensão do cotidiano” (MENDONÇA; GUIMARÃES; VAZ; VEIGA, 2001, p.6).

Para Thomson (1997, p.57), “ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser”.

Assim sendo, as narrativas autobiográficas são recursos metodológicos que admitem explorar histórias de vidas e podem produzir dados para construção de conhecimento científico.

A narrativa autobiográfica mobiliza a recordação de um instante doloso, que apesar do embaraço e tristeza, permite ter a emoção provocada em um tempo e voltar a manuseá-la para fazer dela, uma representação de si intimamente aceitável. Um trajeto que identifica o sujeito e lhe permite tratar emoções.

Contar é obter a permissão de ocupar um lugar no mundo, fazer parte dele por meio de uma narrativa repartida. O que é intimamente aceitável articula-se ao socialmente partilhável. O resultado deste duplo efeito é que as histórias íntimas ou culturais podem criar no mundo psíquico, um equivalente sentimento de pertença segura.

A narração discursiva pode ser traçada intencionalmente pelo trabalho de psicoterapia, de criatividade artística ou por um debate sociocultural. Todos estão obrigados a seguir este caminho, o de construir identidades e ocupar um lugar no mundo, em família.

Brockmeier e Harré (2003) destacam duas qualidades no ato de contar histórias: a abertura e flexibilidade para avaliar com precisão, aspectos da experiência humana e a virtude de relacionar o desconhecido ao conhecido como

numa analogia. As narrativas trabalham mediando indivíduo e padrão generalizado da cultura.

Para explicitar como o procedimento constitui-se, os mesmos autores apontam para a importância de reconhecer que o conhecimento sobre o discurso narrativo e a mente interpretativa se firma na tradição de pesquisa realizada pelos teóricos da linguística e da literatura, pelos historiadores literários e pelos semióticos da cultura.

Brockmeier e Harré (p.27) citam a extraordinária influência que as teorias de Bakhtin (2009) relativas aos discursos presentes nos romances, tiveram sobre os estudos culturais, a Psicologia e a Educação e destacam que a literatura, como todas as artes, podem ser vistas como laboratórios nos quais as possíveis realidades humanas podem ser imaginadas e testadas.

Os referidos autores, ao aproximarem as ideias de mundo real e fictício, insistem que a Literatura é o meio de exploração dos dois mundos: o possível e o real (p.534). Declaram, dizendo irem mais longe: “a linguagem literária e poética é em si mesma uma encarnação da plasticidade do ser humano” (p.535).

Diante do que foi dito, caberia considerar finalmente que a mente, por um gesto literário, pode ler significados que orientam para possibilidades de ação e condutas. A narrativa como arte e atitude subjetiva preenche a condição humana com sua particular abertura e plasticidade.

As narrativas autobiográficas coletadas para essa pesquisa estão disponíveis em gravações, diários e textos de campo, entrevistas promovidas em família e particularmente dirigidas às pessoas, em separado.

A fonte autobiográfica nessa pesquisa constitui-se em material documentário de reconstrução histórica de saberes psicológicos, resgatados pelos irmãos Valesca, Alzira e André¹⁰³ ao contarem suas histórias de vida.

Ao narrarem suas experiências a partir de percursos pessoais e elaborarem compreensões no âmbito da cultura, devem transmitir conteúdos emocionais e mentais tendo em vista o conhecimento histórico de acontecimentos vividos.

¹⁰³ Nomes criados para substituir os nomes originais dos filhos e irmãos pesquisados.

O gênero autobiográfico, desde a experiência de Agostinho de Hipona¹⁰⁴, na Idade Média até a Modernidade tem grande propagação na cultura ocidental. Recurso de apreensão e elaboração da experiência humana, a autobiografia caracteriza-se por ser um conhecimento reflexivo no qual o autor faz seu próprio experimento. Busca sentir para racionalizar. Numa perspectiva fenomenológica, explicita Massimi (2011) que a elaboração do saber ocorre quando o conteúdo motivacional é recebido pelo sujeito como pergunta destinada a si mesmo.

Na experiência de Agostinho, o texto de gênero autobiográfico busca o conhecimento do si mesmo a partir da memória e reflexão filosófica. Um movimento exigente de tornar-se visível ao olhar de outro. Quando o eu exhibe-se, mesmo que para si mesmo, estabelece uma relação intersubjetiva. Na atualidade, a expressão da subjetividade carece da busca de algo que sustente e ilumine a existência na esperança do encontro com o que não se possui (ZAMBRANO, 1946/2000).

A cerca da escrita de si como exercício autobiográfico, recomenda Hadot (2005, p.72). Ao escrever sobre o si mesmo, a pessoa reconhece o eu no contexto da universalidade. O escrito, portanto, é um recurso importante da cura de si, pois ela coletiviza o eu. “Quem escreve sente-se de algum modo observado, mas não está só, é parte da comunidade humana, silenciosamente presente” (p.175).

Sintetiza Massimi (2011, p.16) A relação do eu com a totalidade como contexto adequado para o conhecimento de si mesmo obtido pela narrativa parece ser a característica peculiar da autobiografia.

Quanto à diversidade das fontes autobiográficas a autora lista: diários, memórias, autobiografia, confissões, reflexões ou ensaios, correspondência epistolar (p.13).

No que se refere ao uso metodológico de apreensão e elaboração de conteúdos psicológicos, a modalidade oferece além de riqueza expressiva dos saberes, o desafio do pesquisador posicionar-se diante da própria experiência para empreender o processo do conhecimento, posicionando-se enquanto sujeito e objeto de concepção.

¹⁰⁴ Agostinho revela a importância da experiência do autoconhecimento como ordenador da vivência pessoal.

Nessa pesquisa de natureza autoetnográfica as narrativas autobiográficas na forma de memórias, reflexões, diários entre outras fontes, constituirão no suporte dos dados oferecidos para análise e elaboração teórica do conhecimento científico.

4 A ANÁLISE REFLEXIVA DAS VOZES: ACHADOS EM MEIO AOS INVADIDOS: EIS QUE APARECE A AUTOETNÓGRAFA

Durante um tempo limitado pela realidade cronológica dentro da qual essa pesquisa devia ter fim, foi possível ouvir vozes. Emocionadas emissões que narraram memórias consanguíneas de uma infância compartilhada. Fraternidade que vinculou os participantes dessa pesquisa e tornou possível esse invento científico.

Alzira: a pesquisa vai falar sobre resiliência em família. A ideia é entender como numa mesma família, os membros, após terem compartilhado de sofrimentos foram capazes de superar dores e angústias e recriaram suas vidas de modo que pudessem ser mais felizes. Achei que somos um exemplo disso. Acho que nem todos têm a mesma sorte. É comum ver irmãos que fazem escolhas diferentes, um escolhe caminhar em direção a um futuro melhor, outros sucumbem, vivem murmurando, não fazem nada para mudar, outros se entregam às drogas, a prostituição... Se vocês aceitarem, podemos pensar juntos. Acham que podemos fazer isso? Que essa ideia de que somos resilientes é verdade? Se sim, como conseguimos isso? Por que não escolhemos outro caminho? Que força nos motivou? Alguém? Quais foram nossos recursos? (Voz da irmã nascida após a primeira filha e antes do caçula, a filha do meio. Gravação: fevereiro de 2014. Texto de Campo)

Declarado o desejo investigativo, posta a questão silenciada, aclarado o objetivo central do estudo, vozes de dor revelaram acontecimentos particulares, colhidos pela emoção mais intensa, resignificados pela necessidade de saber, instantes de escuta do si mesmo e do outro, num movimento ondulatório de reciprocidade, autoconhecimento e entendimento do trajeto de vidas entrelaçadas em família.

As vozes dos irmãos insinuavam contar as mesmas histórias, não exatamente do mesmo jeito ou com a mesma emoção, talvez fatos comuns. Mas os desígnios foram únicos, as escolhas inusitadas, as verdades conhecidas, os vazios preenchidos, os silêncios interrompidos.

“Ninguém dá o mesmo significado a um fato...” diz Cyrulnik (2013, p.42). Em uma mesma situação, cada um constrói lembranças diferentes.

André: acho ótimo, acho que nos três somos resilientes, (risos...) como é mesmo? Resilientes, quer dizer que superamos, não é? Olha como a gente é feliz hoje, eu amo minha família, faço tudo pelo meu filho. Quero viver em paz. Eu não preciso de muita coisa, ter dinheiro, ter coisas boas, preciso ter uma casa confortável, pagar os estudos de J e viver bem com minha mulher. Quando eu casei, passei seis meses acordando pela manhã e agradecendo a Deus. Era uma paz. Não tinha barulho, gritos, eu perguntava pelos gritos...

Valesca: mas eu acho que, apesar de tudo, eu tive uma infância feliz: tinha aniversário, natal, roupinhas, presentes. A gente sempre estudou em escolas boas. (Falas dos irmãos: a primogênita e o caçula. Texto de Campo, fevereiro de 2014)

Quase sempre o esforço foi de tentar ampliar a visão para compreender as dores expressas pelo si mesmo, enxergar a beleza que fez os irmãos transcenderem de um lugar sofrido, na direção do sentido de suas existências.

Para realizar tal movimento, as vozes dos irmãos regressaram ao presente vivido no passado comum, diria o filósofo (AGAMBEM, 2009). A experiência dos irmãos permitiu a recordação voltada para construção de um futuro promissor e para uma estética da existência enquanto obra de arte, imaginação. Reconstruíram-se ao fazerem o experimento de si para consigo, arriscando-se a não serem mais os mesmos após contarem suas histórias.

Tecer acontecimentos guardados na memória para ver melhor. Agora munidos de uma consciência adulta, narraram histórias para enxergar como as coisas aconteceram e marcaram a subjetividade. O convite era para que entrassem no mais profundo de si, sentir para desvelar as camuflagens e até mesmo outras vozes presentes na construção do si como pessoa.

“Sem acontecimentos, o que poderíamos colocar na memória?” (CYRULNIK, 2012, p.42) “Sem acontecimento exterior, não há o que colocar no mundo interior. A clara representação de si permite planejar condutas futuras” (p.43) O significado que atribuímos ao presente tem raiz no acontecimento do passado.

Reflete e comprova a filha do meio:

Alzira: resolvi estudar, meu pai gostava de estudar também, achei que ele tinha orgulho disso. Era uma forma de mostrar e ter afeto. Estudar também era uma possibilidade para alcançar um futuro protegido e principalmente a liberdade para fazer o que quisesse. Sempre achei que pudesse ter uma família nova. Parecida com a imagem de relacionamento familiar que eu projetava quando arrumava minha casa de bonecas. Eu queria que a minha

casa tivesse silêncio, a harmonia e amor no cuidado dos filhos. Eu estudei muito, não consigo parar de estudar, eu vou estudar para sempre. Minha vó Franca¹⁰⁵ queria que eu fosse doutora. Vou ser. (Voz da filha do meio. Diário de campo, janeiro de 2015)

Presumível é afirmar que a autoetnógrafa escreve a história para marcar seu lugar na pesquisa, espaço ocupado pela única, entre as irmãs, capaz de publicar esse texto enquanto pesquisadora. Com a curiosidade científica apropriada para elaborar conhecimento em favor de si e da humanidade, a filha faz-se pesquisadora.

Momento de usar literalmente as palavras do autor: “Eu não sabia que teria que fazer minha vida com essa história” (CYRULNIK, 2012, p.11). “Adaptar lembranças para suportá-las sem angústia” (p.37).

Nesse sentido, “fazer o relato da vida não é em absoluto expor um encandeamento de acontecimentos, é organizar as lembranças a fim de por ordem na representação do que aconteceu e modificar o mundo mental daquele que escuta” (p.70). “Esses filmes íntimos ao nos contar nossa própria história, participam da construção de nossa identidade” (p.76).

Ao recuperar, nesse trajeto escrito, os fatos de uma história vinculados às memórias, o passado se atualiza como invenção de novas possibilidades no presente.

Em direção ao vivido, ela, a pesquisadora e seus irmãos contemplam a consciência expandida, percebem emoções afloradas de dor e de beleza, captam o enigma do conhecimento desejado. Dessa maneira, sentimentos e ideias adequaram-se ao sistemático modo de pensar científica e academicamente.

Dar a permissão para fazer a experiência, sentir a emoção e contemplar a memória que desnuda o achado para explicar o desconhecido e viabilizar a expressão do si, materializado na escrita. Afinal, “nada se apaga, acreditamos ter esquecido, apenas isso” (CYRULNIK, 2013, p.11).

Jura! Ela te bateu muito! Porque você não ligou para...

¹⁰⁵ Franca: sobrenome da bisavó. Opção de uso para garantir o anonimato. O imperativo ético do sigilo de identidades.

- ... Liguei, ele disse para não ir mais lá até o fim das férias. Pelo menos isso, eu fiquei livre de ter que voltar lá.
- ... Eu não lembro de ter sido uma surra grande...
- Ela quebrou o chinelo de sola em mim. Colocou numa sacola e eu tive que mostrar o corpo marcado e o chinelo para quem ela quis contar sobre a surra...
- Eu também não me lembro disso não. Se fosse meu filho, nunca mais deixava voltar lá. (Os irmãos sobre memórias de um fato contado pelas três vozes... texto de campo, abril de 2015)

O que havia de fato em cada evento? Adaptar a memória, tornar o horror suportável e transformar em vantajoso (CYRULNIK, 2013, p.47). Foi assim que pensou a menina depois do castigo. Acreditou ter vencido a briga. Apanhou, mas obteve a vantagem de passar os últimos dias de férias longe de quem a surrou.

As narrativas particulares, entrevistas individuais, encontros coletivos, eventuais e ou planejados transcorreram ao longo dos dias. Eram prioritariamente para acontecer conforme cronograma agendado, entrevistas individuais, algumas motivadas, de característica estruturada. Mas o controle da aplicação e uso de instrumentos de coletas era rotineiramente modificado pelos irmãos. Desobedientes, compareciam ao mesmo tempo para os encontros, produziam narrativas em colaboração, planejavam longas tarde de cafés e gravações, solicitavam ser entrevistados e determinavam início e fim das reuniões.

O caos extraordinário causou alguma apreensão na pesquisadora que, aos poucos, entendendo a fluidez necessária para realização de um estudo de matriz subjetiva e face inovadora, cuidou de organizar, ordenar e compreender a atributo dos dados com rigor científico e característica qualitativa.

Era preciso vigiar as memórias para que uma representação de si coerente e tranquilizadora fosse construída pelos participantes. “Essa representação coerente de mim me dá confiança” (CYRULNIK, 2013, p.41).

Foi preciso acolher uma memória sadia. Conforme Cyrulnik (2013), na memória sadia, a representação de si conta a maneira de viver que permite ser feliz. Diferente de um rompimento insensato que fixa a imagem passada e baralha o pensamento (p.42). Encapsular o sofrimento impede a partilha de emoções e o entendimento. “Eu me pergunto por que não sofri dessa memória?” (p.43). Por que

todos escolheram ser felizes? Perguntaram-se os irmãos, muitas vezes e outras tantas responderam:

Desabafou o caçula: – Foram coisas loucas, um povo que brigou por bobagem, se Deus não tivesse misericórdia da gente, a gente tinha enlouquecido... Completou a irmã mais velha: – painho salvou a nossa vida. (Dois dos irmãos em conversa, texto de campo, janeiro de 2014).

Importa dizer que os dados transcritos das vozes nítidas ou entrecortadas desnudam acontecidos ou acontecimentos percebidos pelos irmãos pesquisados. Sejam eles ordenados, inventados ou incógnitos pela dispersão ou pelo sigilo familiar protegido, entre ditos e reescritos o que se sabe é que as vozes falam de uma família que tem uma história de um relacionamento sofrido, resultado de frequente desarmonia conjugal.

A irmandade conta sobre uma tensão presente na vida familiar que esboçou o modo de vida das pessoas, os fez pensar na necessidade de reagir diante da dificuldade, vencer e projetar a vida de maneira a romper com o modelo experimentado. A vivência também motivou o pensamento: “– A gente tinha tudo para ser feliz e não era”.¹⁰⁶

Durante a elaboração das narrativas, a afirmação refletida muitas vezes, especialmente por André, coincide com a intenção de compreender a problemática que sustenta o esqueleto desse estudo: como os irmãos romperam a continuidade do modelo familiar vivenciado? Como foram capazes de superar a dor e transformar a experiência de sofrimento em possibilidade de uma vida equilibrada? Escaparam do infortúnio? Com que recursos? Que expectativas de família vivenciam? Segundo André, ele parece convencido: “– Acho que nós três somos exemplo de superação”.

Enfrentar na memória a representação do sofrimento, compreender o que aconteceu para dominar a representação. “O acontecimento trágico é inscrito em um relato de si para dar a ele um sentido e para tomar um novo caminho na vida. Só então se pode falar de resiliência” (CYRULNIK, 2013, p.78).

Nesse sentido, importa particularmente para esse trabalho científico as vozes que narram o domínio dessa representação. Movimento que se apoia nas tragédias

¹⁰⁶ Dito e repetido pelo irmão, muitas vezes, durante o curso das entrevistas.

vividas, mas que excede o efeito da superação. Daí, a memória anacrônica para trazer a tona o sentimento e o entendimento, a construção de uma identidade capaz de extrapolar a superação e alcançar a resiliência.

Percebendo que a história de vida atribui afetividade aos acontecimentos presentes (CYRULNIK, 2013, p.56), a direção do olhar para a análise será no sentido de elucidar instantes poéticos de transcendência, a beleza como elemento novo que descortina e mobiliza a emoção necessária à compreensão, histórias de dor que fazem sentido na busca de uma esperança fixada, que se constitui a partir de um vazio de identidade, que se reconstrói na relação com o outro, que é força, cura e salvação.

Os achados e perdidos serão organizados, analisados e articulados aos descritores: resiliência, dor, poética, beleza.

4.1 ENCONTROS POÉTICOS REVELAM RESULTADOS

As próximas linhas desse curso revelam os resultados desse estudo. São análises de dados recolhidos de narrativas dos participantes da pesquisa. Foram obtidos em encontros surpreendentes, uma vez que as histórias narradas trouxeram a novidade exclusiva de acontecimentos vividos coletivamente e sentidos individualmente. A poética extraordinária dos instantes de reinvenção de biografias solidárias, bem como, o entendimento da dor e do sentido da vida de cada um ou da irmandade.

Em comum e em separado, os irmãos foram capazes de experimentar o relato como possibilidade de encontro consigo mesmo e com o outro, capturar instantes de beleza que motivaram transformações, acolher dores silenciadas e escutá-las, significar e ressignificar acontecimentos e reconhecerem-se pessoas resilientes por enxergarem não só a vida presente transformada, mas também por afirmarem ter um perfil de pessoas dispostas a construir um futuro de felicidade para suas vidas, em vista de qualquer adversidade e em movimento devotado.

Sobre o advento da beleza, cabe ilustrar o argumento apanhado no conto Amor, de Lispector (2009), a imagem do instante em que a personagem Ana, de

dentro de um bonde, depara-se com a figura de um homem cego. Da representação imagética, captura a beleza que lança:

O bonde vacilava nos trilhos... O bonde se arrastava... Estancava... Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que estava realmente parado. Era um cego. Olhou o cego profundamente como se olha o que não nos vê. Mascava goma na escuridão, sem sofrimento. A mastigação parecia fazer o cego sorrir e parar de sorrir como se a insultasse. Ana olhava-o, se fosse vista daria a impressão de que estava com raiva, mas continuava a olhá-lo até que arrancasse subitamente o motorista, Ana foi arremessada, as compras jogadas, Ana foi alvo de riso, o cego ficou para trás, mas o mal estava feito. O mundo se tornara um mal – estar. (Fragmento de texto em: Laços de família, 2009, p.37)

O trecho faz alusão à imagem de beleza experimentada pela personagem que ao deparar-se com o cego mascando chiclete, reflete sobre a possível alegria manifesta pelo movimento que simula um sorriso de um homem cego. Devia ele ser triste, não via. Como podia apresentar-se em sossego?

A personagem parece ter-se colocado na posição do cego para imaginar o tamanho de sua possível dor. Afirma Cyrulnik (2013, p.140) “Em toda obra de imaginação há um relato de si. Em toda autobiografia há um remanejamento imaginário”. Ana contou-se a si mesma como seria sua história. Nesse instante de beleza, de novidade e de possibilidade poética, ela transcende.

Ana foi expulsa de seus próprios dias... As pessoas eram periclitantes... A crise viera, parecia haver uma ausência de lei, agora olhava as coisas com um prazer intenso, o calor era mais abafado, as vozes mais altas... Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que não explodisse, mantinha a serena compreensão... E um cego despedaçava tudo isso. Através da piedade aparecia uma vida cheia de náusea doce. (Fragmento de texto em: Laços de família, 2009. p.37)

A analogia ao texto de Clarice Lispector desenha as experiências de beleza e os instantes poéticos narrados pelos irmãos, diante de suas próprias histórias de vida. Momentos que tiveram a dor como suporte e a solidariedade fraterna como possibilidade de superação. Relatar tais imagens para chegar à compreensão de como o acontecimento resiliente foi construído, foi um trajeto necessário, sentido e pensado sistematicamente.

Foi preciso um esforço nos moldes da ciência para olhar e acolher o objeto de estudo, fazer a pergunta que não cala até que seja decifrada e todas as outras subsequentes. Daí deu-se a exploração de conceitos, a experiência que coloca à prova todas as possíveis afirmações antes que qualquer verdade seja dita.

Perfazendo esse caminho metódico e necessário, foi presumível escrever estas penúltimas páginas para esclarecer sobre a construção dos conceitos estruturais da tese, identificando e analisando falas que correspondem ao conhecimento produzido.

Em tempo algum, a relevância esteve em comprovar o caso de família enquanto exemplo de sofrimento para justificar o tema da resiliência ou aplicar o conceito mestre que orienta o pensamento sobre o assunto. O título, a poética da resiliência, é possível quando se concebe o movimento resiliente como processo contínuo e transformador, um estilo de vida focado na criação e recriação progressiva, incansável que aponta para o sentido de viver. Isto é, algo que pode auxiliar na autotranscendência da existência humana (FRANKL, 1989).

“A experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, deste transcender-se sem cessar em que reside precisamente sua liberdade essencial” (PAZ, 1970, p.134).

A poética se estrutura através de uma experiência e compartilha de algo que vem da corrente dos seres humanos anteriores e posteriores: ela alimenta-se da história que transcende. A poética seria uma dimensão humana comum a todos os homens em que a pessoa transcende a sua própria história.

Irmão mais novo, ao anunciar mais uma mudança de residência, do Brasil para os Estados Unidos: – Estou indo embora mais uma vez. Voltei, tentei morar aqui junto de vocês, de meus pais, mas não dá. Sou feliz lá fora. Trabalhei, ganhei muito dinheiro. Posso fazer isso em qualquer lugar. E se não der certo, o que não acredito, volto e começo tudo de novo. (Diário de campo, fevereiro de 2014)

Com apoio no título que expande a cada palavra e anuncia o pensamento estruturante desse estudo, encontra-se o contexto da pesquisa: em família. O lugar privilegiado da relação, do compartilhamento de vidas, emoções, pensamentos. “Compartilhar uma crença é trabalhar um sentimento de familiaridade” (CYRULNIK,

2013, p.174). A representação de si num grupo de pertencimento inscreve-nos em uma filiação (p.174).

Os participantes da pesquisa são irmãos e filhos de pais em comum. Nesse contexto familiar, na família em que experimentaram a existência juntos, os acontecimentos constituíram-se em identidade coletiva da irmandade. Os rituais lembram histórias do grupo. “Lembra quando quebramos a cama, sabíamos que a gente ia levar uma surra, Valesca correu, eu quase não apanhei, mas você sempre ficava, tinha medo, em você era descontada toda raiva”¹⁰⁷.

As vozes de dor proclamadas na pesquisa foram as mesmas vozes que narraram a beleza e a poética da resiliência. A injunção verbal veio da pesquisadora, de seu esforço autoetnográfico, da vontade de verificar a emoção provocada pela lembrança, entender a representação do passado a partir da verdade conhecida. “Na memória de si, a verdade das coisas é parcial... Fazemos uma representação com esses quase nada que dão uma forma imaginada ao que sentimos” (CYRULNIK, 2013, p.105).

As vozes de dor expuseram as lembranças impedidas pelo silêncio. Algumas vezes, foi preciso defender um ou outro irmão, da dor.

André: – Valesca, ele realmente tinha uma coisa diferente por ela, ele também tem um amor por mim. Ela tinha um papel de liderança e ele achava isso bonito. Eu ficava muito tempo com eles, pra onde eles fossem eu ia. Eles de alguma maneira se apegaram a mim também... Eu acho assim sobre Alzira. Via nela uma menina mansa... e ela não aguenta ver uma pessoa mais mansa que ela detona, se ela achar um manso ela manipula, bota cólera, monta em cima. Mas eles amam você. (Fala dos irmãos sobre o papel de cada filho na família. Texto de campo, março de 2014)

“A representação do passado depende tanto da pessoa que somos no momento em que pensamos quanto da pessoa com quem falamos” (CYRULNIK, 2013, p. 113). Nesse momento, confirma-se a hipótese da pesquisadora sobre o sentimento de não pertença expresso pela filha do meio. Entre as filhas, ela se mostra a mais afetada pelos conflitos de família. Diz ela sobre seu sentimento de não pertença familiar:

¹⁰⁷ Diário e campo, dezembro de 2013.

Estou buscando o momento no qual me fiz parte de uma família. Aceito a dificuldade extraordinária para obter esse minuto de pertencimento. Mas tenho pressa... Em ritmo acelerado, tenho a impressão de que poderia dizer que me senti família aos dezesseis anos, depois de me apreciar casada, dona de um ambiente familiar e meu. Era assim que eu idealizava. Agora tudo seria como eu quisesse: e eu queria ser muito feliz. (Escrito pela filha do meio em ocasião em que foi perguntada: quando se sentiu parte de uma família. Relato registrado em experiência de pesquisa no grupo Família (Auto)Biografia e Poética. Março de 2015)

Em experiência de escrita como esta, os irmãos contaram-se suas próprias histórias de dor, enquanto experimentavam emoções, imagens poéticas elaboradas particularmente ou não, os lançou para a busca de superação. Surpreenderam-se ao perceber o bem-estar que sentiam após cada entrevista. Diz Cyrulnik (2013): “o que provoca bem-estar não é a infelicidade passada, mas a representação da infelicidade dominada”.

Eles amavam a gente do jeito deles... Como sabiam. Não tiveram as mesmas oportunidades, na época deles, as coisas eram assim. Ele fazia um esforço enorme, mas ela foi educada assim. Queria as coisas e pronto, achava que ele podia e tinha que dar... Ele sempre foi pobre, não achava que precisava de tantas coisas. Passou tanta necessidade, mas na família dele tinha amor. Não tinha dinheiro, tinha amor... (Diálogo entre os irmãos, março de 2014)

Eis que se mostra a beleza, as narrativas eram sempre apresentadas de uma forma nova. A representação da existência convvida era mudada, isso permitiu dominar a perturbação interior e comunicar a emoção, sob a forma de um belo acontecimento compartilhável (CIRULNIK, 2013).

Assim sendo, precipitar o passado possibilitou organizar a futura exposição da memória. Ao imaginar a história presente, buscando o passado no eu ou no entorno de cada pessoa, foi possível revelar os silêncios, acender as lembranças. Enfim, disse a filha do meio com todo sentimento: “Nessa pesquisa, minha memória voltou a viver”.¹⁰⁸

¹⁰⁸ Fala da filha da autoetnógrafa ao avaliar sua participação na pesquisa.

Desse modo, usando o discurso livre dos participantes sobre suas próprias vidas os resultados de pesquisa indicam quanto ao conceito de resiliência, algumas categorias de análise que organizam a compreensão sobre o estudo.

4.1.1 Compor uma nova família

A composição de uma família nova que rompe com o modelo conflituoso de casal e inabilidade de lidar afetivamente com os filhos, cuidar, proteger, responsabilizar-se pelo desenvolvimento emocional, em particular, ganhou um significado futuro para os irmãos. Foi uma imagem cultivada, elaborada. Probabilidade de transformação da vida, renascimento.

A expectativa dessa possibilidade os fez olhar na direção de um sentido para suas vidas. As coisas podiam mudar, a família podia ter outra imagem. As pessoas podiam ser mais felizes em uma nova formação familiar.

Frankl (1989) ao referir-se ao “sentido da vida”, propaga:

O desejo de sentido seria não só uma genuína manifestação de humanidade do homem como também um plausível indício de saúde mental, afirmando que o ser humano deve sempre “estar endereçado”, apontar para qualquer coisa ou qualquer um diverso dele próprio, ou seja, um sentido a realizar, ou para outro ser humano a encontrar, para uma causa a qual consagrar-se, ou uma pessoa a quem amar. Somente na medida em que consegue viver essa autotranscendência da existência humana, alguém é autenticamente homem e autenticamente “si próprio”. (p.12)

A propósito do que declara o autor sobre o fato do homem estar sempre “endereçado” a uma possibilidade ou para o encontro com o outro, essa destinação pareceu uma cobiça latente entre os irmãos quando descreveram o futuro ideal. Todos idealizaram uma vida conjugal harmoniosa, duradoura, filhos emocionalmente saudáveis e em companhia das famílias formadas, esforço diário por uma experiência familiar agradável.

Sempre sonhei com uma família minha, feliz, sem brigas, acordar, levantar em paz, trabalhar, levar os filhos na escola e ter vontade de voltar pra

casa... Eu queria acordar sem ouvir gritos, viver bem com minha mulher, é por isso que eu acho melhor morar longe, não dar certo ficar muito perto. Não gosto quando destratam minha mulher, vou estar sempre por perto, mas não dar certo... essa coisa de invadir minha casa, querer mandar na empregada, tratar mal a pessoa que tá trabalhando... (Falas de dois dos irmãos participantes. Texto de campo, fevereiro de 2014)

As narrativas levam a crer que os irmãos compactuaram de um sentimento de esperança, buscaram dar um sentido para a existência a partir de um propósito futuro. Foi possível pensar que as ocasiões de dor constituíram-se em trampolins na direção de um rumo imaginado, um sentido novo. Em ocasiões de experiências de angústia face à inospitabilidade do mundo, buscaram um foco, no qual apoiaram-se para seguir em frente.

Critelli (1996) desenvolveu seus trabalhos com base na ideia heideggeriana do “sentido da existência” – o rumo – a propósito da experiência humana da vida que é, originariamente, o experimento da fluidez constante, da mutabilidade, da angústia. Referida como a experiência da inospitabilidade do mundo quando o sentido anterior se evade.

A criação de sentido resulta na própria trajetória da vida, se constitui em alvo e orienta as ações. A vida teria seu sentido dirigido para um plano que os incitava. Um projeto possível os fazia acreditar, ter esperança e atitude de conquista.

Para Frankl (1991), o homem só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo a serviço de uma causa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio.

Além da ideia de sentido da vida, outro conceito favoreceu o incremento de imediatas categorias relevantes de análise, suporte teórico que compôs a denominação das classes a seguir. Trata-se do conceito de ponto fixo.

A respeito do “ponto fixo” conceito que ampara as próximas categorias neste estudo, Damergian (1988) expõe seu entendimento sobre o termo a partir da crença de que um bebê necessita de um ponto fixo para construir um universo, isto é, seu mundo interno, sua identidade. O ponto fixo seria o objeto bom que lhe deve ser oferecido pelo meio (mãe ou substituta). Sem isto, não haveria a estruturação do núcleo do ego, a personalidade não se desenvolveria, a identidade não se

construiria. “Eu queria muito estudar... Eu sabia que tinha vocês duas, apesar de saber que vocês eram mais próximas... Eu tinha que proteger vocês, eu era mais velha...”.¹⁰⁹

As narrativas ilustram pontos fixos comuns e particulares. O estudo, a proteção das irmãs mais velhas, o cuidado com os irmãos. Cada representação de si e do lugar do outro na relação, foi elaborada como pontos fixos de ancoragem. Os irmãos listaram recursos, pessoas, temporadas, lugares, eventos que foram pensados como categorias de análise nesse estudo.

4.1.2 Solidariedade fraternal

Essa categoria de análise reflete a força recíproca de um vínculo consanguíneo que se constituiu num ponto fixo para a irmandade. As falas reveladas no passado e no presente indicam que cada irmão tinha a responsabilidade de proteger o outro, ser solidário, compartilhar dores e promover tranquilidade. Vontade profunda de compartilhar caminhos, angústias, sucessos. A salvação ou a perdição do outro era também do eu, de todos.

Muitos acontecimentos rememorados podem compor a prova que sustenta a hipótese de que a solidariedade fraternal é uma verdade entre os irmãos participantes. Tanto que mesmo vivendo em famílias próprias, casados e fixados em suas casas, experimentam cotidianamente a partilha da vida que acontece em cada residência. Independente da distância física ou não.

Conclui a irmã mais velha, em sua última entrevista para esse estudo:

Não tinha pensado nisso, mas acho que casamos com irmãos para não nos separarmos nunca. Não saberia viver sem você. Temos a mesma sogra, os mesmos cunhados, os filhos são primos irmãos, sempre estudaram na mesma escola, sou madrinha de seu filho e você do meu, meu marido é padrinho de crisma do meu afilhado e seu marido de minha filha. Não nos separamos nunca, acho que isso foi de propósito, inconsciente, mas foi intencional. Não precisamos ficar longe no natal, nas festas de família porque temos a mesma família. Estou pensando nisso agora, não é surpreendente? (Texto de campo, fevereiro de 2015)

¹⁰⁹ Falas dos irmãos que denotam prováveis pontos fixos. Texto de campo, abril de 2014.

Sim, foi uma descoberta surpreendente. Não tinha pensado nisso. O fato é que dividiam a vida como antes. Em um texto publicado com o título *A poética da fraternidade*¹¹⁰, escreveu a irmã do meio:

No relacionamento íntimo cativado pelas duas, cabe o instante con-sagrado pela poética da família... A entrevistada falou o tempo inteiro na primeira pessoa do plural: “nós” ou como se usa costumeiramente “a gente”. Uma fusão de pessoas, uma terna confusão! Um “eu” e um “tu” inseparáveis de um “nós”... Daí uma vontade insistente de entrega total àquelas memórias imagéticas, tão comuns, tão próximas e tão cúmplices. (SOUZA, 2012, p.152)

Ainda sobre a entrevista, para marcar a evidência da solidária fraternidade, decorre citar a fala da irmã mais velha, a entrevistada, quando ela refere-se aos filhos das duas: “... eu não consigo identificar meus amores, todos meus filhos, meus filhos e sobrinhos, eu não tenho diferença entre eles, tá bom porque se não eu choro...” (SOUZA, 2012, p.158)

As evidências presentes resultam em lembranças de outra entrevista realizada com os irmãos sobre seus nomes de batismo. O texto não foi publicado, mas o acontecimento está à beira das linhas que seguem. Era para ser um encontro com o irmão mais novo, entretanto, André cuidou que fosse uma incidência da comunhão fraterna. Juntou os irmãos em casa dele e protagonizou uma tarde de narrativas das histórias de vida.

Com esse modelo fraterno e solidário de encontro, destinado às narrativas de memórias e entendimento das existências, emerge uma estratégia fixada na infância dos irmãos que permanece como possibilidade de criação da vida que enquanto dura, exige acomodação, superação, resiliência.

Ao abrir as cortinas de lembranças vividas para comprovar a tese suposta, resta transcrever:

¹¹⁰ Texto publicado em: *Poética da Família e da Comunidade*. (2012, p.151-162). O texto faz parte de um tema de pesquisa realizada pelo grupo de pesquisa: Família, Poética e Autobiografia/FABEP/UCSAL, estudo que usou como instrumento de coleta, entrevistas sobre álbuns de família.

Vocês eram uma dupla, uma pela outra. Valesca tinha minha avó, Alzira minhas tias e eu? Todos os dias acordava com aquela confusão... Tenho uma lembrança terrível de Alzira, em Conquista, ela (a mãe) tirou a menina da cama, pra perguntar por uma maçã. Ela acordou assustada e eu chorei... (Irmão caçula falando da relação de solidariedade entre eles. Texto de Campo. Março de 2014)

A narração ilustra a proximidade entre a dupla de irmãs ao mesmo tempo em que afirma a compartilha das dores, mesmo quando foi impossível interceder um pelo outro, era possível sentir o sofrimento comum. Ser solidário.

O conceito de solidariedade, nesse contexto, pode ser entendido como compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas às outras e cada uma delas, a todas. Na fraternidade, entre os irmãos, a atitude em prol do outro, corresponde ao bem próprio. A um estado de espírito benéfico. André confessou em um fim de tarde, servindo um chocolate quente a irmã pesquisadora: “– fico feliz em ver que vocês estão bem de vida, nós estamos, não tão bem quanto... mas todos têm uma vida confortável”.

Como crianças costumavam planejar o futuro sempre e especialmente após eventos de angústia. “... é melhor aceitar, quando a gente crescer, seremos livres...”, dizia uma das irmãs. Nesse depoimento fica claro que o sentido para as vidas era na direção da vida adulta, um tempo no qual o controle sobre os acontecimentos seria garantido. Inocente percepção, entretanto o pensamento fixo permitiu continuar a luta, uma batalha vivida em fraterna solidariedade.

A composição do sentido da vida dos irmãos também foi ancorada em pontos fixos que sustentavam de maneira particular os planos individuais. É possível dizer que, de alguma maneira, eles sofreram influência de outros, especialmente as meninas que passavam as férias na companhia da família extensa.

Partindo do pressuposto, escola era lugar de sossego para os irmãos, entretanto tinha uma finalidade maior para a filha do meio. Ela realça com insistência os benefícios da escola enquanto lugar de refrigério e possível realização futura. Até mesmo como porta para liberdade. Férias, família extensa, fé e igreja também foram portos de ancoragem para os irmãos.

4.1.3 O sossego da escola o passaporte para a liberdade

A escola era sempre uma oportunidade de refúgio, um lugar seguro, repleto de gente adulta e afetiva. Os irmãos sempre estudaram em ótimas escolas, aquelas consideradas as melhores da cidade. Tinham todo o material novo, bem organizado, bonito para o primeiro dia de aula. Além do mais, estando na escola, estariam protegidos da tensão peculiar.

Na escola, entre os filhos, a menina do meio era quem mais se destacava. Eram bons alunos, mas o mais novo não gostava de fazer tarefas, acordar cedo, estudar. E como isso não era muito cobrado, faltava às aulas constantemente. Afinal, estava sempre com os compromissos sem fazer. As meninas cumpriam as demandas escolares sem problema. Frequentavam as aulas diariamente, só faltavam quando a ordem era ficar em casa.

A importância da escola é muito evidente na fala da irmã do meio. Para ela, estudar era um comando importante. Além dos recursos pessoais que a favoreciam, era sempre um destaque em desempenho, entendeu que só podia ser livre para ter sua família, se estudasse. A escola seria o meio correto para atingir seu projeto futuro de vida.

A menina foi fortemente influenciada pela bisavó que repetia o ensinamento sempre, durante o período de férias. Ela, na condição de idosa e sabendo do enorme amor da bisneta por ela, fazia a garota prometer que seria doutora. Apoiada nesse ponto de fixação, a menina teceu sua vida escolar. Seu empenho recebia o reforço de professores, colegas e do pai quando era elogiada pelas notas obtidas.

No caso da filha do meio, a pesquisadora segue estudando, ensinando e aprendendo, o espaço acadêmico é o lugar diário de realização. Quanto aos irmãos, todos concluíram os estudos. A irmã mais velha foi professora de História da Arte por muito tempo até se tornar decoradora reconhecida no mercado. O menino é pastor, fez a formação nos Estados Unidos. Todos os filhos dos irmãos foram direcionados para a formação superior.

Importa dizer que a escola sempre foi uma referência de conforto, sossego, alegria. Professores, colegas, diversão, relacionamentos felizes.

4.1.4 As férias como porto de calma

Já foi dito que as férias das meninas eram na casa da família extensa, avós maternos onde a mais velha ficava e bisavó e tias avós, também maternos, hospedavam a filha do meio. O filho ficava com os pais. O período de recesso escolar tinha início em novembro e finalizava em março, portanto era um tempo importante.

Esse tempo era muito desejado e correspondia a um intervalo de tranquilidade, muito afeto e de certa liberdade. Definitivamente as férias significavam segurança, conforto emocional, apesar da separação das meninas. O que ponderou a irmã mais velha com sentimento de saudade:

Eu adorava ir pra casa de minha avó, a gente chamava ela de mãe, ela não gostava de ser chamada de vó. Era jovem e bonita, muito vaidosa. Imagine, minha neta me chamando de mãe. Acho que isso já era um problema. Quando era pequena, não entendia, eu gostava de chamar ela assim. Agora vejo que não era uma coisa saudável. Ela exigia ser chamada de mãe. Quando ia passar as férias, sabia que ia me separar de minha irmã, sentia muitas saudades dela e não entendia porque não podíamos ficar juntas. Eu era de minha avó e minha irmã de minhas tias e bisa. Eu só via ela quanto minha avó mandava ela ir passar o dia comigo. Ela preferia não ir, mas era obrigada. Eu sentia muito a falta dela, mas era melhor pra nós duas. Era um tempo que não podia abrir mão. (Texto de campo, abril de 2014)

A fala evidencia a importância do tempo das férias, pois a saída da casa da família trazia um alívio. As meninas viviam os meses letivos com foco nas férias. Já na penúltima unidade estavam aprovadas e fazendo as malas. Estudar também significava antecipar as férias. Para a filha do meio, a ansia de estar com a bisa e tias era saciada mais cedo, já que uma das tias ia buscar as meninas na cidade onde moravam. Diz a mais velha:

Tia Nita ia buscar a gente, quando ela chegava a gente ficava feliz. Acho que isso me fazia gostar mais dela do que de tia Dete. A gente entrava no ônibus de manhã e chegava meio dia, quando a gente foi morar em Fortaleza, ela pegava o avião e ia. Ou ia pra Salvador esperar no aeroporto. Ai no outro dia, a gente pegava o ônibus... (Texto de Campo, março de 2014)

Em depoimento sobre esse evento, ficou evidente que esse tempo foi importante para o desenvolvimento emocional das meninas, pelos vínculos estabelecidos com a família extensa, pela presença de pessoas que se constituíram em referências, aprendizados ensinados e exemplos de vida. Além disso, nesse tempo era possível experimentar outros modelos de dinâmica familiar. Formas de convivência que aparentou ser a forma correta de relacionamento.

Na fala da irmã mais velha, por muitas vezes, ela elabora narrativas nas quais ela afirma que pensava o casamento dos avós maternos como modelo perfeito de harmonia. Em tempo, ela reflete estranhamentos que causaram reflexão na vida adulta:

Quando meu avô chegava, ele assobiava de um jeito que a minha vó respondia. Eles se encontravam no beco da entrada, chamava ele carinhosamente de M. pareciam muito felizes. Mas agora lembrando, me pergunto como é que eu dormia as férias toda no quarto deles. Ela colocava uma cama de armar, chamava cama de campanha, nos pés da cama deles. Eles dormiam de valete. Ela dizia que era para proteger a cirurgia. Ela não tinha um dos seios, por causa de um câncer e não tirava a roupa na frente de ninguém. Fico pensando como é difícil uma mulher tão bonita e mutilada. Ele fazia tudo que ela queria. Acho que coisas até o que não podia fazer, ele obedecia. Mas ela cuidava dele, era boa dona de casa, cozinhava bem, mas gastava muito. Coitada, quando ele morreu, ela enlouqueceu. (Texto de campo, janeiro de 2014)

Para a menina, a convivência do casal era harmoniosa, o modelo era ideal, tudo era feito para evitar conflitos. Isso para a criança era o bastante. Ela não percebia, no tempo vivido, algo de errado. Ela diria que eles eram muito felizes. E ela podia experimentar essa realidade, ser parte disso, como se fosse filha.

Para a filha do meio, a casa das férias era um paraíso. Exemplo de fraternidade e maternidade. Duas filhas senhoras e solteiras que perderam o pai quando jovens e com trabalho e dedicação, sustentavam a casa. Um ambiente confortável, não faltava nada, mas tudo era aproveitado. Havia um cuidado com a despesa. Havia um orçamento. A prioridade era com a necessidade de todos ou de alguém. Uma irmã ficava sempre feliz com a conquista da outra. A mãe era puro amor. E a menina, a filha que elas não tiveram, mas alguém que as teve como mães.

Para fixar o olhar nas férias como âncora, porto, ponto fixo que motivou a luta e reinvenção da vida e do sentido projetado, melhor direcionar a análise para o tempo de férias e antes de qualquer conclusão, ouvir o que diz o irmão sobre esse tempo.

Elas iam embora e eu ficava, não tinha como concorrer com elas, estavam juntas, apesar de cada uma numa casa, sabia que elas estavam sempre juntas. Isso fez com que elas fossem tão unidas. Eu gosto de saber disso. Uma apoia a outra. Nesse tempo, eu ia pra todos os lugares com eles. Parece que as coisas ficavam mais calmas. Acho que é porque a gente passeava mais. Eu sentia falta de minhas irmãs e um dia, me mandaram passar uns dias lá. Eu me senti sem casa, sem lugar, andava de uma casa pra outra e eu aprendi a gostar de tia Dete. Eu gostava delas porque cuidavam de minhas irmãs. Tia Dete perguntava se eu queria alguma coisa, me dava dinheiro para comprar o que eu quisesse, se preocupou comigo, achei isso o máximo. Eu não falei nada e ela percebeu que eu estava me sentindo só. Resolvi ficar mais lá, na casa delas e de minha irmã. Eu e ela nos aproximamos mais. (Texto de Campo, janeiro de 2014)

Durante a narrativa dos irmãos sobre as férias, resulta a impressão de que ela significava um período de separação ao mesmo tempo muito aguardado. Os ciclos das vidas eram cronologicamente marcados pelas temporadas de escola e férias. Uma estação de luta e outra de parada para descanso. As meninas tinham a sensação de que chegavam abastecidas para novos combates.

Para a filha do meio que era levada de volta, junto com a irmã, pelas mesmas mãos que as libertavam por um tempo, a partida da tia era um momento de muita dor. De uma coisa tinha certeza, voltaria à casa que escolheu como sua, precisava estudar, quanto maior a dedicação, mais cedo retornaria, mais o tempo passaria rápido. Precisava evadir, tinha munição, estava abastecida de conselhos, presentes, objetos que a levavam de volta, receberia cartas e podia enviar outras. Dormiria mais cedo e sonharia com o retorno.

A menina notava que ela parecia a mais triste entre as duas. A irmã manifestava alegria com o material escolar, a farda, a mochila. Ela tinha um sentimento de agonia, aflição, se pudesse ficaria lá para sempre. Não entendia muito o porquê de sua dor ser maior que a da irmã, era o que se podia inferir. Pertencia menos, é o que parece agora.

Sobre esse achado, é possível afirmar que o período das férias além de separar os irmãos, assinalou diferenças entre eles. As irmãs estavam expostas à alteridade das famílias extensas. O irmão não teve a oportunidade de experimentar outro modelo. Nesse sentido, as falas que ecoaram das narrativas, enunciados que manifestam alguma repulsa ao desejo do irmão em partir, são carregadas de sentimentos e ou julgamentos de incompreensão. Ver vozes: “– Acho que sempre vai embora pra longe e nós é que ficamos aqui pra cuidar deles. Eles estão velhos e precisam de nós. – Se precisar eu venho. Não sou feliz aqui, não dá certo”.¹¹¹

É preciso entender o que de fato explica a escolha do irmão. Por que morar tão distante, em outro país, afastado da família. É fato que ele disse estar feliz junto com a esposa e o filho, como se isso bastasse, mas não é o suficiente se, a essa ocorrência, for feita uma relação entre as férias que não teve e a temporada de refrigério vivida pelas irmãs. Nunca se ausentou. Isso pode ter feito a diferença.

Casou aos vinte e quatro anos e morou na mesma cidade que os pais até a sua primeira mudança para os Estados Unidos. As irmãs saíram de casa aos dezesseis anos, foram morar em outra cidade. Os pais retornaram para morar no mesmo município de residência das filhas, um bom tempo depois. O menino foi quem mais conviveu com os pais, considerando o tempo cronológico.

O componente pode esclarecer os motivos pelos quais o irmão precisa ausentar-se para recompor-se, algumas vezes. Já que a relação conjugal perpetua-se nos moldes em que foi consolidada e o casal mais do que antes carece de convivência e cuidados dos filhos. Curioso é que ele sempre volta. Não existe uma definição sobre onde morar. Por alguma razão, ele retorna ao Brasil. Sua família é brasileira, nesse país estão todos os quais eles pertencem.

A partir desse elemento é aceitável concluir que a efeito de pertencimento no menino é correspondente ao fato de sua morada ter sido, ao longo do crescimento, a casa dos pais. Essa evidência reafirma a hipótese anterior sobre os sentimentos de pertença dos irmãos em relação à família e indica que tanto a irmã mais velha pelos motivos já postos, quanto o irmão caçula são os que mais pertencem à família nuclear.

¹¹¹ Texto de campo, janeiro de 2014.

As informações historiadas indicam diferenças nos trajetos de vida dos irmãos quando a categoria de análise é o tempo de férias como ponto fixo, uma vez que o irmão não partilhou desse lugar de abrigo e de calma.

4.1.5 A família extensa

Em termos psicológicos, um ponto fixo nasce como um aspecto do apego seguro (BOWLBY, 1984)¹¹², a base de onde a pessoa pode se constituir. A família extensa para as irmãs, principalmente, era um lugar de apego e segurança.

Apego¹¹³, no sentido em que o autor citado propõe, é um conceito impregnado nas relações das irmãs com a família extensa. As pessoas integrantes das duas famílias das férias eram figuras de apego na medida em que ofereciam respostas às necessidades de cuidado e proteção, proporcionando um sentimento de segurança e fortalecendo o relacionamento que se consolidou na convivência diária, evoluindo para a formação de vínculos benéficos.

Quando a pergunta dirigida provocou uma resposta para o tópico: recursos usados para o desenvolvimento da resiliência... Pode-se ouvir: “– Minha vó e meu avô; – minhas tias e minha bisá”¹¹⁴.

Outros recursos e pessoas foram lembrados, inclusive o pai, pessoa considerada resiliente pelos irmãos. Entretanto, por hora, é pertinente focar nas

¹¹² As observações sobre o cuidado inadequado na primeira infância e o desconforto e a ansiedade de crianças pequenas relativos à separação dos cuidadores levaram o psiquiatra, especialista em psiquiatria infantil, e psicanalista inglês John Bowlby (1907-1990) a estudar os efeitos do cuidado materno sobre as crianças, em seus primeiros anos de vida. Bowlby impressionou-se com as evidências de efeitos adversos ao desenvolvimento, atribuídos ao rompimento na interação com a figura materna, na primeira infância (AINSWORTH & BOWLBY, 1991). Os estudos iniciais de J. Bowlby (1940; 1944), além dos trabalhos de outros pesquisadores proeminentes que o influenciaram, deram origem às primeiras formulações e aos pressupostos formais da Teoria do Apego (TA).

¹¹³ De acordo com J. Bowlby (1973/1984), o relacionamento da criança com os pais é instaurado por um conjunto de sinais inatos do bebê, que demandam proximidade. Com o passar do tempo, um verdadeiro vínculo afetivo se desenvolve, garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como pela consistência dos procedimentos de cuidado, pela sensibilidade e responsividade dos cuidadores. Um dos pressupostos básicos da TA é de que as primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida (BOWLBY, 1989).

¹¹⁴ Falas dos irmãos sobre recursos disponibilizados no processo de construção da resiliência, considerando a experiência dos três irmãos.

peças das famílias extensas para compreender o ponto fixo vincular estabelecido pela oportunidade de relações maternas.

Sobre as pessoas e as famílias ficou nítida a impressão que tinham os irmãos sobre a relação entre os dois núcleos. A família da avó e a das tias¹¹⁵. As células familiares mantinham uma convivência à distância. As crianças não sabiam exatamente o que acontecia. O fato é que os segmentos não costumavam frequentar um a casa da outro. Havia um silêncio sobre o fato. Contudo, as meninas declararam:

– ... Quando eu ia passar o dia na casa de minha avó com você, não gostava de ouvir falar que minhas tias eram velhas encruadas, cafonas, beatas, mal amadas porque não tinham marido... – Eu quase não ia à casa de minhas tias, mas já ouvi tia Nita falar mal de minha vó. Minha vó dizia que elas tinham ciúmes de meu avô. (Texto de campo, abril de 2014, fala das irmãs sobre o relacionamento familiar)

As falas indicam que cada irmã esteve apegada e vinculada às pessoas de seu núcleo extenso, tanto que se importam sobremaneira com a imagem caricaturada delas. As irmãs expressam lealdade na defesa dos entes queridos. Com eles, compartilharam suas histórias de vida em formação e desenvolvimento.

O trajeto das biografias das meninas foi marcado pelos cuidados e responsabilidade desses adultos e parentes, desde a primeira infância. Elas beneficiaram-se de múltiplas experiências nos diferentes contextos sociais onde cresceram e conviveram em relação.

Na companhia desses adultos rotineiramente, fizeram-se próximos, íntimos e até cúmplices. Sobre a marca da convivência com a família acolhedora, diferenciaram-se pelos modelos oferecidos e relacionamentos particulares.

O impacto dessas famílias sobre o desenvolvimento das meninas certamente determinou o que aprenderam e o que têm a oferecer como contribuição ao meio social. Elas constituíram-se em paralelo aos pais, em pessoas mais próximas e mais experientes que informaram como agir diante da vida e do mundo.

¹¹⁵ A família da avó representa a família com a qual a irmã mais velha passava férias. O casal de avós maternos e um tio solteiro, irmã da mãe. O casal teve dois filhos. A família das tias corresponde à casa da bisavó materna e das tias avós onde a irmã do meio passava férias.

Segundo Bronfenbrenner (2005), as condições ambientais e sociais são indispensáveis para o desenvolvimento humano como o envolvimento delongado com adultos que cuidam e interagem em atividades com a criança. A pessoa precisa ser cuidada, amada e ter oportunidade de relação parental. Nesses termos, a família extensa exerceu papel fundante no desenvolvimento das irmãs. Elas tiveram acesso a moradias distintas e a parentes submergidos no crescimento delas.

– Eu queria que a casa de minhas tias e de minha vó, fosse a minha casa. Lá eu me sentia segura, eu era amada e aceita como eu era. Eu era tudo para elas... Motivo de alegria, felicidade, elas faziam tudo que eu gostava de comer, esperavam minha chegada... Eu era muito feliz nessa temporada. – Na casa de minha avó todo domingo tinha macarronada, galinha assada e limonada. Ninguém fazia um molho de macarrão igual a ela, ela que preparava, fazia questão. A gente sentia o cheiro da porta da rua. Quando meu avó chegava, dava duas batidinhas na janela da sala e assobiava. Ela já sabia que era meu avó... (Texto de campo, janeiro de 2014. Fala das meninas sobre o ambiente e as pessoas da família extensa)

As lembranças desse acontecimento explicam a relação entre os recursos de resiliência usados pelos irmãos e a presença ou ausência da família extensa como elemento dinamizador dos processos individuais e coletivos nas histórias de vida narradas. Isto porque, escreve Moreira (2013, p.93): “os elementos mais importantes do ambiente na formação do curso do crescimento psicológico, são aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação”.

A família extensa significava a possibilidade de morar em harmonia, ter uma rotina saudável, conviver respeitosamente. As irmãs aprenderam modelos de relação observando, interagindo e erguendo díades.¹¹⁶

¹¹⁶ A díade apresenta-se na forma observacional; de atividade conjunta e/ou complementares; díade de reciprocidade: modelo capaz de acelerar o aumento da complexidade de processos, atividade conjunta capaz de produzir efeitos desenvolvimentais poderosos; equilíbrio do poder; alternando o poder na relação em favor da pessoa em desenvolvimento; relação afetiva: provável desenvolvimento de sentimentos positivos, negativos, ambivalentes e assimétricos. Quanto mais positivos forem os sentimentos experimentados, maior potencial de desenvolvimento humano, relação capaz de ocasionar a formação de uma díade primária. Esse tipo primário de díade adiciona poderosos recursos ao desenvolvimento. Nessa relação, a presença física pode até deixar de existir, mas a relação perpetua-se, chega a ser mais forte que outra relação em que só existe quando as pessoas estão juntas, materialmente. Uma díade primária fornece o recurso de continuar em relação por meio do pensamento, sentimentos emocionais hábeis a ponto de influenciar o outro, mesmo na ausência, para a motivação da aprendizagem e na orientação do curso de desenvolvimento. Na concepção do teórico as díades combinadas provocam grande impacto desenvolvimental (Texto explicativo elaborado pela autora com base em Moreira (2013, p.91-106)).

A presença das díades nas relações experimentadas com a família extensa funcionou como elementos organizadores do desenvolvimento ao longo do ciclo da vida dos irmãos. Notadamente a relação avó materna e irmã mais velha; bisavó, tias e irmã do meio promoveram positivamente o amadurecimento das meninas. Imagens da força vincular entre neta e bisavó, podem ser evidenciadas na fala da irmã do meio.

A coisa que eu tinha mais medo na vida era de minha vó morrer, vez em quando ela me fazia prometer coisas do tipo: – quando eu morrer promete que você cuida de Lourdes¹¹⁷, não abandona ela. – Quando você crescer vai ser doutora, estudada... Se não for para casa, como vai estudar? Vá e estude... Quando isso lhe acontecer, lembre dos conselhos de sua vizinha... Quando as férias chegaram você volta, passa rápido e você estará ocupada estudando... (Texto de campo, fevereiro de 2014. Transcrição de uma conversa entre irmãos sobre morte na família: a morte da avó materna)

A imagem na memória, tempos depois, foi acordada com força vital quando a irmã do meio ouviu nos versos da canção:

Dona Cila

De todo o amor que eu tenho/Metade foi tu que me deu
 Salvando minha alma da vida/ Sorrindo e fazendo o meu eu
 Se queres partir, ir embora/ Me olha da onde estiver
 Que eu vou te mostrar que eu to pronta/ Me colha madura do pé
 (...)

Me mostre um caminho agora/ Um jeito de estar sem você
 O apego não quer ir embora/ Diabo, ele tem que querer
 Ó meu pai do céu, limpe tudo aí/ Vai chegar a rainha/ Precisando dormir/
 Quando ela chegar/ Tu me faça um favor/ Dê um banto a ela, que ela me
 benze aonde eu for... (Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mariagadu/dona-cila>>. Acesso em: 19 abr 2012)

No período dessa audição, ela compreendeu o sentido do apego que não permite partir sem dor e a sólida vinculação afetiva que tem o poder de ser presença norteadora da vida, mesmo quando o limite é a distância entre a terra e o céu.

¹¹⁷ Pessoa que veio morar em companhia da bisavó e das tias quando jovem. Hoje, após a morte delas, mora com a neta, conforme promessa feita e escrita pela menina, após ser alfabetizada. A vó costumava ditar cartas para ela escrever. Elas eram destinadas à própria copista.

A vida com as adversidades, sentimentos, atitudes ao longo do desenvolvimento dos irmãos foi então norteadas pelos ensinamentos na família extensa, evocados diante das desordens desenvolvimentais. Sistemas caóticos caracterizados por Bronfenbrenner (2005) como atividade frenética, falta de estrutura, atividades cotidianas imprevisíveis, alto nível de estimulação ambiental, escassez de rotina crescente.

Sobre isso Cyrulnik (2013, p.54), escreve: Pode-se deduzir que os dois fatores de proteção mais preciosos são: vínculo seguro e a possibilidade de verbalizar. Ele acrescenta: “minha mãe impregnou em mim um vínculo seguro” (p.58). Esse estilo relacional que facilita o encontro e a palavra.

O autor alarga a explicação sobre os fatores refletindo sobre a importância de verbalizar, contar a vida para dar uma coerência aos fatos e permitir a continuidade do desenvolvimento. Nesse estudo, a palavra permitiu atualizar o passado como invenção de novos possíveis no presente.

A família extensa do passado também foi lugar onde a voz podia ser ouvida, com alguma restrição, é certo. Afinal a depender de quem dizia e de onde era dito, a palavra era franqueada. A irmã do meio era ouvida e podia arriscar sem medo, qualquer palavra, na casa da bisavó. É muito provável que o mesmo tenha acontecido com a irmã mais velha, com diferenças. Esse é mais um dos achados dessa pesquisa.

Na partida, quando as hipóteses estavam em formulação, não se podia pensar na conclusão que segue. Em breve afirmação, será possível constatar que mais um dado mostra-se para agregar sentido à ideia de que a irmã do meio foi, entre a irmandade, a pessoa que menos se sentiu pertencente à família núcleo. Nesse instante emerge a interpretação de que a convivência com a família extensa tenha definido esse resultado.

A afirmativa fica cada vez mais evidente enquanto as linhas vão sendo escritas. A intenção de enxergar e promover aproximação confortável desfaz-se e surge a explicação provável. Ser bisneta e sobrinha em grau de proximidade sanguínea é diferente. Apesar da irmã do meio sentir-se completamente privilegiada pela sorte de pertencer à família extensa da bisavó, a relação neta e sobrinha é também menos próxima que a de mãe e filha.

A consideração de que a mãe das meninas era filha da avó materna importa para entender as semelhanças de transmissão de valores advindos das duas educadoras. Considerando a feição das personalidades e o padrão social que estimula a ideia de uniformidade entre comportamentos de pais e filhos, é compreensível que a avó primasse pela proteção da filha, que não julgasse com rigor responsabilidades, escolhas, atitudes. Diferente das tias. Elas não tinham a mesma culpabilidade, sentiam-se mais livres para emitir opiniões, apesar de não se ocuparem com isso.

Além do mais, a menina reconhece que ficou sob os cuidados dos segundos cuidadores imediatos da rede de apoio familiar. Isso foi observado, pois o modelo perpetuava-se: estava sempre em segundo lugar. Não era a primeira, tão pouco a caçula, ou o menino enfim nascido, sempre desejado.

Diante do ponto fixo família extensa, houve muito a dizer, entretanto o indispensável está dito: a família extensa nutriu positivamente o desenvolvimento dos irmãos, favoreceu diretamente as meninas e indiretamente o irmão que ocupou o espaço do filho, objeto de desejo do pai e prova de amor da mãe pela relação do casal.

4.1.6 Deus, igreja, fé

Antes de tratar esse dado, é preciso fazer silêncio e ouvir vozes da ciência que pedem cautela, cuidado com os conceitos, com o ordenamento e tratamento de achados. É preciso lidar com a dificuldade de escrever sobre o que está no interno mais profundo do eu, porque é mistério da fé. E vem então a inspiração de pensar na Gaia Ciência¹¹⁸ de Nietzsche, uma ciência leve que permite refletir a densidade emocional da vida, sem abrir mão de fundamentar tudo academicamente ou matar a inspiração.

¹¹⁸ A Gaia Ciência é o último trabalho da fase positiva de Nietzsche, aparentando-se a “Aurora” e a “Humano, Demasiado Humano” pelo estilo leve, ameno e florido em que é composto. A Gaia Ciência (1882) é um de seus livros mais lidos. Nela está reunida grande quantidade de poemas do autor (NIETZSCHE, 2003).

Após essa audição, basta olhar desse e para esse ponto fixo. Lugar seguro de ancoragem dos irmãos. Eles foram a Deus apresentados, desde o nascimento, como ensina a Igreja Católica Apostólica e Romana. Informaria a avó materna dos irmãos que cultivava o hábito de ir às missas todos os domingos, na Igreja Matriz de Santo Antonio. Católica religiosa. A neta mais velha acompanhava a avó nesse rito.

Quanto à irmã do meio, era acostumada ao ritmo diário de orações na casa das tias e bisas: terços coletivos depois do jantar, missa na Igreja da Imaculada Conceição, novenas de natal, visitas aos enfermos, abrigo de idosos, famílias carentes e outras atividades da igreja das quais as tias participavam rotineiramente e a menina acompanhava.

As irmãs encontravam-se para a catequese, pois nessa tarefa de férias, tia Nita era quem acompanhava as duas. Em casa, os irmãos não tinham hábitos religiosos regulares. Eles presenciavam uma fluência de inovações. Conheceram ritos de variadas procedências que eles entendiam como religiões. De consistente, ficou a crença e orientação das famílias extensas referidas.

Na casa da família geradora, morando distantes da Bahia e estando em fase de transição para a adolescência, as irmãs, por intermédio de uma colega da mais velha, frequentaram o movimento conhecido como Encontro de Jovens com Cristo. Nessa temporada, tiveram uma experiência de beleza que descrita em palavras, escapam relevantes informações. Ainda assim, em tentativa controlada para cumprir o ritual da síntese científica, deve-se correr o risco da descrição.

Era um dia de domingo, estavam às irmãs na praia e com elas a colega que as iniciaria no movimento dos jovens católicos. A convidada diz que precisa estar em casa as quatorze horas, precisava arrumar-se para o a Igreja. Ela convida as irmãs para irem juntas. Elas aceitam. Ao chegarem para o encontro, percebem-se muito crianças em relação aos que lá estavam. Mas acabam ficando.

Aqueles jovens exalavam felicidade. Cantavam lindas canções enquanto esperavam os outros do grupo. Na hora referida, em círculo e no meio da rua, oraram e partiram cantando, tocando instrumentos, movimentando o corpo coreograficamente.

Dançando, cantando, tocando seguiram até o Cristos (colégio onde se reuniu para o encontro). Ficamos impressionadas. Um sentimento de perplexidade, paz e alegria contagiava as pessoas que assistiam o percurso dos jovens. Dentro do colégio, em uma sala iluminada a luz de velas, sentaram-se todos em almofadas e em círculo. Agora cantavam, dançavam e oravam com emoção. Leram a bíblia, interpretaram, agradeceram e pediram. Tudo acontecia ordenadamente, sem qualquer interrupção, combinação, desconcentração. Uma cena simplesmente linda, ela começou a chorar... Eu também chorei... Fomos abraçadas, acolhidas. Meu coração batia acelerado, eu nunca tinha experimentado a presença de Deus como naquele dia. (texto de campo, dezembro de 2013. Narrativa de uma das irmãs)

Aos domingos, enquanto moraram no Ceará, as irmãs repetiram a experiência do encontro com os jovens que iam ao encontro com Deus. Da casa da amiga para o Cristos, do colégio para a missa. Eles faziam o percurso coreograficamente, exalavam pelas ruas da cidade, em procissão, uma alegria indescritível. O corpo, a música e a arte da palavra são para Agostinho expressões de beleza possível no âmbito da experiência humana.

Para as irmãs, o tripé em sua totalidade, foi capaz de fazer eclodir o sentimento de felicidade extrema que compensava e sustentava toda e qualquer surpresa que a existência pudesse desenhar, no dia seguinte, nos próximos dias. O domingo foi consagrado ao feliz encontro com Cristo. Ouçamos:

A missa começava quanto a gente chegava porque nos que cantávamos durante a celebração. A gente comandava tudo. A gente entrava pelo corredor central da igreja cantando: louvado seja o meu Senhor, louvado seja o meu senhor... As pessoas levantavam e batiam palmas. Eu adorava ouvir: os galhos secos de uma árvore qualquer, onde ninguém jamais pudesse imaginar. O Criador ÔÔÔ... fez, uma flor, brotar... Eu lembro de Carlinhos... Ele era lindo... (Texto de campo, dezembro de 2013, voz da irmã mais velha)

Afetados por essas vivências, os irmãos estabeleceram-se cristãos, experimentaram a fé, excepcionalmente quando precisaram acreditar no futuro. Um tempo abstrato e ao mesmo tempo concreto no plano de vida da irmandade. Isso pareceu tão certo que enquanto contaram suas histórias de superação professaram a fé em Deus, a certeza da misericórdia do Pai Celestial para com eles e a família de origem e a certeza de quem sem Deus não teriam conseguido vencer às adversidades.

Narrou o caçula: Deus, sem Ele não sei o que seria de mim. Ele tinha um plano na minha vida, na vida de vocês, Ele teve misericórdia da gente. Tudo que eu sou e tenho, agradeço a Ele. Eu precisei chegar no fundo do poço para enxergar o propósito de Deus para minha vida. Ele me livrou da maldição. O que agente viveu, eu acredito, foi uma maldição hereditária. Deus quebrou essa maldição da família (ele diz o sobrenome da família, cita nomes, exemplos) Deus teve misericórdia de nós e quebrou essa maldição. (Texto de Campo, dezembro de 2013)

Ele falou com convicção sobre a maldição e sua preleção ressoou na voz da irmã mais velha. Ela também acredita na salvação, nos moldes descritos pelo irmão. Os dois tornaram-se evangélicos. Ele é pastor, foi quem primeiro converteu-se e convenceu a mãe a frequentar a igreja dele. A irmã mais velha fez a opção faz pouco tempo. Quanto à filha do meio, manteve-se católica, mais uma vez, diferenciando-se.

Essa distinção leva a crer que a formação religiosa da irmã do meio resulta da influência da família extensa, durante as férias. Ela parece fixada em ensinamentos muito sólidos que sustentam escolhas, sem permitir desvios. Ela compactua com a ideia de que Deus interceptou a continuidade de um modelo familiar conflituoso que se perpetua entre gerações, mas essencialmente entende que pode e deve clamar por Deus em todas as situações da vida porque ele é poderoso, bom e amoroso.

Sobre o significado de Deus na história dos irmãos é dado que eles desenvolveram uma confiança enorme em alguém que tem o poder de realizar, mudar o rumo da vida, fazer nova todas as coisas. Eles expressam a fé em Deus, cada um em sua igreja e em suas casas. Em comum, contaram que fixados no poder de Deus, encontraram a força e o discernimento indispensável para a luta, a conquista, a edificação de uma vida sustentada pela oração.

Para Cyrulnik (2013, p.155) relatos compartilhados, mitos relatados, preces recitadas lado a lado são excelentes tranquilizantes culturais.

A oportunidade de exercer a espiritualidade como condição humana possibilitou aos irmãos experimentar a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade. Falar de existência, na sua dimensão espiritual, significa falar, sobretudo, do “ser-responsável” e do “ser humano consciente de sua responsabilidade” (FRANKL, 1993, p.52).

A dimensão espiritual mostra-se, portanto, como uma dimensão não determinada, mas determinante da existência (COELHO JR. e MAHFOUD, 2001).

Nesse sentido, Deus, Igreja e Fé foram pontos de fixação determinantes para o exercício livre e responsável de tessitura da vida em relação. Quem está seguro na sua fé dispõe das mãos livremente e as estende para os seus semelhantes, com os quais está em comunicação existencial (FRANKL, 1978, p.280). Para os irmãos a fé em Deus representava ver um sentido para suas vidas e assumi-las como uma missão a ser cumprida, busca do encontro com a instância divina.

A experiência religiosa para os irmãos lhes permitiu explorar a força da dimensão espiritual (COELHO JR. e MAHFOUD, 2001). Essa grandeza nutriu a possibilidade da superação da existência humana.

4.1.7 Instantes poéticos

Olhar com retenção os instantes poéticos como categoria de análise, faz-se imprescindível antes de findar o entendimento desse estudo. Isso porque, como foi dito, não interessou saber sobre o conceito de resiliência por si só, mas da poética que se alimenta do movimento de transcendência da pessoa. Um ato de humanidade, felicidade de quem soube ter honrado a existência para inovar a história da vida.

Nesse sentido, a poética nutre-se da história que transcende (RABINOVICH E TASSARA. 2001). A experiência da poética em família promove o instante único, inédito e conduz ao novo enredo incessantemente.

A poética se estrutura através de uma livre experiência essencialmente humana. Ela pode ser ativada e dada ao conhecimento científico se apanhada na dimensão da subjetividade expressa. Para Safra (1999) a subjetividade existe como um campo de expressão.

Assim sendo, a poética seria a capacidade de comunicação humana que ocorre, conjuntamente, com o próprio existir humano (RABINOVICH e TASSARA. 2001).

A subjetividade expressar-se-ia através das figuras que representam as imagens que, por sua vez, alimentam o pensamento que se expõe através de falas. O que se conhece do sujeito é aquilo que ele vai ser capaz de expressar a respeito destas imagens que compõem o seu acervo experiencial, mediado pela linguagem, que não o define, mas o veicula. Tal processo é interativo.¹¹⁹

A expressão da subjetividade foi, portanto um exercício científico de expulsão poética. As falas comunicaram imagens, sentimentos, sensações atualizadas pela oportunidade de espelhar diante do outro os fundamentos do si mesmo e da existência vivida.

O acesso às expressões poéticas por meio da locução e testemunhos desvelados permitiu o ingresso à subjetividade, a posse dos conteúdos imagéticos, aos espaços e lugares de invenção da vida. Sobre essas imagens, espaços, lugares de transcendência pelo vínculo da novidade poética, importa demonstrar os instantes que possibilitaram a poética da resiliência em família.

Entre os instantes consagrados pela transcendência crível, os irmãos narraram o episódio: o dia do casamento. Fixados pela ideia de uma família nova, eles chegam à data marco da consumação do projeto de vida. Foi assim que pensaram, especialmente as meninas, as primeiras filhas casadas aos dezesseis anos de idade.

O que ressoava na comunidade local era a precocidade de ambas, a coincidência dos fatos e a prevista ruína de suas escolhas. Isso não se confirmou. Afinal elas sabiam que projetaram a vida para a adultez, para o futuro, quiseram renascer. Casaram-se para sempre, apesar da imaturidade dos anos vividos. Diria Cyrulnik (2013, p.179): “a maturidade precoce não é sinal de bom desenvolvimento; é na verdade uma prova de gravidade anormal... Não é experiência, é perda de vitalidade”.

A ideia do autor é de que a maturidade precoce de crianças feridas por doenças graves, desgraça familiar, colapso social, entre outras adversidades,

¹¹⁹ Este texto é parte do capítulo denominado “A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro da Barra Funda”, publicado em: Panoramas interdisciplinares: para uma psicologia ambiental do urbano, organizado por Eda Tassara, São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001, pp.211-267.

estimula capacidades intelectuais e pouco habituais (CYRULNIK, 2013). Daí o estranhamento social.

Os irmãos, desde muito cedo, habituaram-se mediante conflito familiar intenso, a pensarem sobre um modo novo de refazer continuamente suas vidas, sobreviverem ao caos de um relacionamento conjugal, à indefesa de suas infâncias, a dor, a tristeza, ao medo. Eles racionalmente planejaram o futuro e posicionaram-se de forma madura diante da responsabilidade assumida consigo mesmo e com suas histórias de vida.

O dia do casamento foi, portanto, descrito como um dos dias mais felizes da vida:

Filha Mais velha: Eu queria muito casar, ser livre, eu amava ele e me sentia muito amada. Não esqueço esse dia. Eu escolhi meu vestido, usei meus cabelos cacheados como ele gostava, quando vi (nome do esposo) na minha frente, acho que foi o dia mais feliz da minha vida. Filha do meio: Depois que minha irmã saiu de casa, me senti muito só. Busquei ter certeza de que ele me amava e me inspirei na coragem de minha irmã. Não pude escolher nada do meu casamento, nem a música de entrada. Mas usei meu cabelo cacheado pra contrariar. Fiz três permanentes (rsss) tive que usar preso, mas cacheado. Foi a única coisa que escolhi. Eu contei as horas para aquele dia chegar. Tive que esperar muito na porta da igreja, minha mãe atrasou. Quase casei sem ela. Mas quando entrei na porta daquela igreja, eu era a pessoa mais feliz do mundo. Foi um dia muito feliz. Posso ouvir a música, não enxerguei ninguém, só a minha felicidade. Não sei o que o padre disse, queria que a cerimônia fosse rápida, queria começar a vida nova. Disse para mim mesma: estou livre. (Fala das irmãs sobre o dia do casamento. Texto de campo, novembro de 2014)

Elas disseram ser impossível descrever o sentimento, estavam entorpecidas. Foi a sensação do instante. Ainda assim, foram solidárias em afirmar a poética que promoveu o renascer da vida. Para as meninas, o dia do casamento foi como renascer. Ter uma nova chance de recomeçar. Foi um novo encontro com o mundo. Um nascimento racional, intelectualizado, elaborado, sonhado.

Segundo Cyrulnik (2013, p.180), "... nessa hipnose psíquica, persistem duas bases da resiliência: compreensão e sonho". Elas compreenderam que precisavam erguer um projeto novo de família, sonharam com isso e experimentaram o instante em êxtase. Quanto a capacidade de sonhar, escreve o mesmo autor (p.181), quando o real é desencorajador, sofremos para encontrar o caminho, refugiamo-nos em um

devaneio diurno excessivo. Quando o real é amargo, proporcionamo-nos sonhos doces (p.181).

Na sequência, não parece possível deixar de transcrever do autor: “quando um meio não propõe modelo de felicidade, o sonho corrige esse mundo intolerável e inventa um romance que encena um ideal por realizar” (p.181).

Não foi diferente o pensamento do irmão quando verbalizou:

Eu casei para sempre, minha família é tudo para mim. Eu sonhei tanto em casar e ser feliz, ter paz. A gente não briga, não é... ? (nome da esposa que traz um café). Faço tudo para isso não acontecer. No dia do nosso casamento, me senti super feliz, minha mulher estava linda, meu pastor disse palavras lindas, eu chorei... Eu me senti muito feliz, eu sabia que agora era com a gente, eu nunca vou esquecer aquele dia. Foi no São João, aniversário de meu pai, o dia mais feliz da minha vida. (Voz do irmão. Texto de campo, dezembro de 2014)

O irmão sonhou com a nova família, decidiu por ela e trabalha para realizar o desejo de realizar-se a partir dela. Arremataria Cyrulnik (2013, p.194): a marca do passado os ensinou que superar o sofrimento leva à liberdade. “Todo sonho com o futuro metamorfoseia a maneira como suportamos o presente” (p.195).

Os irmãos trocaram de lugar de filhos para o lugar de pais, mudaram a partir do que foram, em um encontro verdadeiro com o outro interagiram, modificando e sendo modificados mutuamente.

Já em nova relação, fixaram outro elo de verdadeira solidariedade. O dado que se mostra aponta para relacionamentos com forte marca de adesão de histórias: “eu sou filha do meio, ele também. Parecemos tão diferentes, mas nos vejo cada dia mais parecidos. Também nos criamos. Temos mais tempo juntos do que vivemos em nossa família de origem”.¹²⁰

Disse a irmã mais velha em uma entrevista: “queria tanto escolher uma foto com (nome do esposo), não me vejo sem ele”. Eu e (nome da esposa) somos tão parecidos, gostamos tanto de viajar pelo mundo. Também conheci (...) com 17 anos.¹²¹ As vozes marcam relações fundadas na solidariedade e no renascimento,

¹²⁰ Diário de campo da pesquisadora, dezembro de 2014.

¹²¹ Vozes da irmã mais velha e do irmão caçula, na sequência. Em diário de campo da pesquisadora. Dezembro de 2014.

após formar uma nova família, como pontos fixos, desde que eles aparentam e verbalizam a existência de outro com quem a vida tornou-se nova, possível e futura.

A seguir, depois de demonstrar instantes sustentados pelo eixo da poética, importa conceber os disparadores de tais imagens poéticas: a beleza única de um objeto dado à experiência pessoal que perdura enquanto a história se faz e refaz.

4.1.8 Belezas disparadas

Buscando as palavras, acomodando imagens, compondo roteiros, eu acabava experimentando um sentimento de beleza (CYRULNIK, 2013, p.142).

O eclodo de um sentimento de beleza permitiu contemplar as histórias de vida contadas e ouvidas nesse estudo. Imagens emocionais pelo significado único que um objeto pode expressar. A Praça da Bandeira, por exemplo, tinha uma beleza que deixava a menina, irmã do meio, em estado de perplexa felicidade. Tanto que escreveu e publicou:

... De volta à praça, posso ver a chegada da menina. Subiu as escadas correndo, encontrou a porta já aberta, e o colo mais amoroso que ela já pôde experimentar. Sentia-se muito, muito feliz. Visitava uma das janelas de vidro e contemplava a praça. Ela era o cenário de um tempo afortunado. Poderia desenhar, se pudesse. Tomara eu descrever com perfeição a imagem que miro através da lente. Se, ao leitor, tivesse como emprestar um olho, seria tão prático e tão óbvio que não caberia numa narrativa. Imagens são assim, impossíveis metáforas que deixam curiosos os que primam pela exatidão das coisas... Portanto caro leitor, desista! Só a saudade que tenho é capaz de tamanha lembrança e ricas miudezas. (Texto publicado de autoria da irmã, publicado em Família e Poéticas da Infância: relatos autobiográficos. Juruá, 2013, p.46)

A beleza única refletida em olhos que sentem, desenharam a praça com tamanha beleza. Vista de um modo particular, em um tempo singular, pode-se dizer que a novidade do retrato assegura o caráter da beleza que não se confunde com bonito, culturalmente aprendido.

A beleza do lugar não tinha relação alguma com a realidade representada. Entretanto o elo entre o ambiente e a menina foi descrito como quem faz uma declaração de amor ao objeto historicizado.

Imagens de beleza foram disparadas ao longo desse estudo, entre elas, os momentos de encontros de irmãos. O início da contação das vidas compartilhadas em fraternidade acendeu lembranças, acontecimentos, pessoas e coisas adornadas de uma beleza extraordinária.

Para Cyrulnik (2013, p.220), O processo de historização é intencional, deve buscar lembranças, explorar documentos e provocar encontros que permitam remanejar a representação do passado, mudar de opinião e a maneira de ver as coisas. O que propõe pensar numa estilo íntimo de ver as coisas.

Exclusiva era a beleza do mandacaru, visto antes mesmo de adentrar à Rua Riachuelo, nº 99. Às vezes, era cortado, mas ainda assim, belo. Ele significava o retorno das meninas ao tempo das férias, o lugar seguro para esconder o cigarro do avô e garantir a paz do velho querido. Vez em quando estava florido, tinha flores cor de rosa, ele era diferente de todos os mandacarus do sertão. Ele era único pela amizade terna. O vegetal era cúmplice das crianças da rua, da avó fumante, da neta.

Mandacaru é planta forte, afronta ao calor e faz-se alimento para que o sertanejo possa resistir à fome. Cortada, renova-se, em movimento de continuidade. Tem um temperamento resiliente e a beleza de uma natureza divina.

O mandacaru identificava a casa de minha avó. Ele ficava na frente, dentro do murinho. Era esconderijo também, guardava as carteiras de cigarro de meu avô. A gente sempre sentava na porta para conversar perto dele. Ele ouviu de tudo (rss e emoção). Quem se escondia e onde quando a gente brincava de um, dois, três salve todos. Era alto e para não alcançar os fios do poste, precisava ser cortado. Ficava uma cicatriz com uma casca, como uma ferida, até ele ficar verde de novo. (Irmã mais velha, Texto de campo, novembro de 2013)

Foram tantas imagens de beleza em instantes poéticos. Figuras conceitos, elementos desencadeadores de dinâmicas afetivas e processos cognitivos, como elaborou Agostinho de Hipona (2005). Vivências absolutamente pessoais que promoveram ponderar o valor da existência.

Os irmãos experimentaram, em uma tarde de nostálgicas narrativas, listar objetos de beleza que se mostram aos sentidos: cheiros, sons, sabores, cores, vestimentas, moradias entre outros. Coisas repletas de significados afetivos e reflexivos que participaram da vida dos três ou de cada um em especial. Eles

ativaram memórias do passado no presente e causaram emoções pela beleza do sentimento atribuído a cada lembrança revivida:

Irmã mais velha: ninguém fazia um molho de macarrão igual o da minha avó. Todo domingo tinha macarronada, galinha assada e o suco de limão. Quando eu sinto cheiro de molho, lembro minha infância. Tem cheiros que me levam direto à infância. Você agora deu pra usar esses esmaltes em tons de rosa (dirigindo-se a irmã). Toda vez que eu olho, eu me lembro de minha vó. Ela só usava essa cor. Eu fico o tempo todo olhando... As músicas de Roberto Carlos têm som de infância e férias, tem barulho de domingo...

Irmã do meio: eu não como doce de leite, nenhum tem o sabor do doce que comia na casa de minhas tias. Eu tenho um desejo enorme de comer o doce de mamão maduro com manga que tia (...). Eu posso sentir o sabor dele só de pensar, ver a cor. Era lindo, um abóbora transparente, parecia vitrificado. (Texto de campo, julho de 2014)

A tarde foi sendo vencida por lembranças únicas que se fizeram muito presentes pela possibilidade de usar os sentidos para produzir imagens belas. Em Proust (1992) a contemplação da essência das coisas, por ser retirada do tempo, é sempre fugidia. O tempo é fugaz e não seria por meio da lógica ou da inteligência com suas verdades diretas e claras, mas superficiais em relação à profundidade da vida, o meio de resgatar o tempo passado, num instante presente.

Nessa busca faz-se necessário tentar interpretar as sensações como signos, tentando transformar o sentimento em seu equivalente. Único meio de fixar a essência fugidia e comunicar a realidade temporal das coisas. “por meio de uma qualidade comum a duas sensações, lhe extrair a essência, confundindo-as, para subtrair às contingências do tempo, ligando-as pelo laço indescritível de uma aliança de palavras” (PROUST, 1992, p.56).

Esse foi um exercício que teve um curso de beleza, pois causou sensações como boca salivando, olhos lacrimejando, ouvidos experimentando canções escutadas, imagens metaforizadas. Um tempo presente escrito no futuro a ser contemplado com sentimento e pensado a partir da emoção.

5 CONSIDERAÇÕES EM PRIMEIRA PESSOA

“Eu vivi os acontecimentos, eu, eu, eu, entretanto precisava (...) transformar o eu em ele (...) sabia que, se não escrevesse na terceira pessoa, não escreveria coisa nenhuma” (KA-TZERNIK, 1990 apud CYRULNIK, 2013, p.144).

Foi assim escrito esse estudo, em terceira pessoa. Até que, ao cabo, em instante possivelmente poético, assumo a autoria da palavra já dita e assino as páginas finais. Sou eu, em primeira pessoa, vou falar.

Em um texto que nomeiei Fernando Pessoa, em pessoa e na pessoa de seus heterônimos¹²², busquei entender o que quis o poeta contar, em nome de outros. Alberto Caeiro, Alvaro de Campos, Ricardo Reis. Posso transcrever as primeiras linhas da escritura publicada:

De quem falo, escrevo para entender a razão do poeta mais fingidor que os outros iguais. Capaz de batizar distintos e assinar seu próprio nome de forma invisível. Fernando Antônio Nogueira Pessoa, o ortônimo Fernando Pessoa. (SOUZA, 2013, p.82)

Desprovida do fingimento poético de natureza literária, recurso de quem usa a palavra em forma de arte, mas intencionalmente destinada, disciplinada, imbuída de esforço acadêmico para escrever um estudo científico, escolhi registrar, até então, essa autoetnografia em terceira pessoa. Nomeei a irmã do meio como locutora de mim e ouvi ela narrar no presente, a história da menina que fui.

Não posso dizer que me tornei invisível, melhor, inaudível. Mas também acredito que agi eticamente, como deve ser um estudo em família, pois me revelando, exibiria todos os meus outros. Seria ingênua se imaginasse que os meus leitores, destinatários, acolhessem o método selecionado, sem reconhecer-me. Mesmo assim, segui minha intuição.

Tenho ainda outros motivos. Apesar de saber que não usei os moldes canônicos de divulgação da investigação metódica, acreditei que, em terceira pessoa, podia garantir informações mais puras, objetivas, racionais sobre o tema

¹²² Em Nomes de Família: Subjetividade, Genealogia, Juridicidade e Historicidade. Quarteto, 2013.

recortado. Considerando as especificidades do procedimento, dos instrumentos de coleta, dos participantes, do lócus da pesquisa e de outras convenções que asseguram a articulação perfeita dos elementos básicos que norteiam uma pesquisa acadêmica científica, no campo das humanidades.

Sobre a feição de uma tese em exemplar pouco canônico, li, copiei e devo citar:

“... seja como for, o fato é que os benefícios desse empreendimento pouco canônico são para o público leitor, inquestionáveis (...), como também um trabalho exemplar em termos sociológicos(...), *ethos* fundado na solidariedade e na prevalência da relacionalidade sobre a individualização”. (DUARTE; GOMES, 2008 apud SALEM, 2010, p.227)¹²³

Sobre a avaliação do público, devo ouvi-la em banca de defesa da tese que chamei: A poética da resiliência em família: vozes de dor que narram à beleza da superação. Posso dizer que senti dor nesse tempo de superação, principalmente porque não conhecia todos os fatos da minha vida vivida e precisei ouvir meus pares e a minha própria voz sobre mim mesma. Silêncios interrompidos à custa da tentativa de mais uma escrita, de uma história nova.

Foi preciso fazer o esforço resiliente, buscar pontos de ancoragem, sofrer e sentir para decifrar imagens poéticas. Transcender. Foi imprescindível elaborar racionalmente, em solidariedade, em relação e pessoalmente toda beleza sentida que dinamizou o acesso aos dados mais subjetivos e humanos.

Foi uma questão de ordem, organizar as vozes, os contos. Categorizar os achados e favorecer o exercício científico que tem como objetivo final o bem da humanidade. Muitas vezes, olhei para os ditos, as teorias, os autores e apanhei nas fontes o fundamento para continuar. Trago comigo Cyrulnik (2013, p.216): Será que rearrumando os relatos em torno de mim, conseguirei expressar com serenidade o que me aconteceu? Esse é o meu legado.

Quando disse que não conhecia tudo de mim, aponto para os relatos desarmonizados e achados em silêncio que encontrei, enquanto parti em busca de

¹²³ (SALEM, 2010, p.227). A autora é Doutora em Antropologia Social. O texto pode ser lido em uma resenha sobre o livro: Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares (DUARTE; GOMES, 2008).

dados. Procurei por relatos de mim e dos outros sobre histórias de vida de três irmãos. Acreditava que eles podiam acessar e informar sobre a dor, a superação e a reinvenção da vida a partir de uma história comum. Nasceram e desenvolveram-se em uma família de relacionamento tenso, conflituoso e vulnerável.

A realidade desse contexto de desenvolvimento ressoou sobre minha vida e a dos meus irmãos. E como os três aparentavam ter superado o sofrimento e reinventado suas vidas, os escolhi como fontes primárias. Tinha a curiosidade de saber como conseguiram tal feito? Ao longo dos anos levantei suspeitas para responder ingenuamente à pergunta, até que pude interrogá-los e interrogar-me sistematicamente.

Sobre o lugar da família, esperei que tivessem as mesmas impressões que guardei, mas o estudo comprovou que em seus respectivos papéis, considerando ordem de nascimento, gênero, preferências, intimidade, entre outros, eram pessoas diferentes, percebiam e interpretavam os acontecimentos a partir de si e dos outros.

Tinham em comum o acesso a uma imagem que dizia o quanto podiam ser felizes e não eram. Reescrevo:

O irmão: a gente tinha tudo pra ser feliz, tinha escola, comida, roupas, brinquedos, casa, tinha pais, avós, tinha tudo que uma criança precisa, mas a gente não era feliz... Tinha briga todos os dias, a gente ficava atordoado, não entendia por que tanta confusão... Meu Deus, eu não entendia.

A irmã do meio: a gente não tinha tudo, a gente não tinha amor, tinha o material...

A irmã mais velha: eu achava que eles não se amavam, a gente queria que eles se separassem, mas tinha medo. Com quem a gente ia ficar? A gente torcia, rezava para eles se separarem. Talvez eu ficasse com minha avó e você com tia... E André? Mas eu tive uma infância feliz, tive roupinha, material novo pra ir a escola, estudei nos melhores colégios... (Falas dos irmãos sobre as impressões que tinham da família. Texto de campo, janeiro de 2014).

Nas falas, apenas a filha do meio diz sobre o que não tinham. Entre o eu e o eles, o eu evidencia o desafeto. Explicaria Cyrulnik (2013, p.159): “precisei ler documentos e escutar relatos exteriores ao meu para me tornar capaz de dar coerência à representação do meu passado...” A história se esclarece à luz do presente, e o próprio presente é estruturado pelo seu contexto. Em instantes como esse, eu entendi porque estava fazendo esse esforço científico.

Sempre enxerguei nesse estudo uma relevância pessoal, talvez quisesse entender entre tantas questões, por que não me sentia parte daquela família? Por que fui a mais afetada pelo conflito familiar que tinha início no casal e ecoava sobre os filhos? Quantas vezes desejei devolver o presente dado depois da surra? Como quis entender qual era minha culpa? Mas não é esse o dado que me interessa.

Recorro a Cyrulnik (2013, p.189): “Escrevi durante seis horas. Não ganhei nenhum prêmio, mas o essencial me tinha sido dado”. Como escrevi por mais tempo, alcancei o suficiente para entender o objeto de minha investigação: a poética da resiliência em família. Exercitei a autonomia para me descobrir como sujeito da minha própria destinação histórica (ARENDETT, 2014).

A primeira consideração que faço é um achado que não hipotetizei: a filha do meio, entre os três filhos, foi quem se desenvolveu sob o maior impacto da relação familiar conturbada, embora todos tenham afirmado o sofrimento vivenciado em relação familiar, na casa dos pais.

Ainda sobre o eu, penso que a família extensa, principal ponto fixo onde ancorei todas as vezes que precisei resistir, acreditar e agir, influenciou minha decisão em não pertencer por escolha, ou razão original, à família da qual nasci. Tive um modelo equilibrado na rede familiar extensa, a casa de minha bisavó e tias. Era uma raiz fincada em firme e solidária relação de amor. Encontrei um exemplo seguro, uma rotina agradável e elegi fazer parte daquela linhagem. A acolhida era recíproca, elas me adotaram como filha, já que não tinham uma. E eu fixei em mim a pertença a aquele lugar.

Quanto à pergunta central que orientou o projeto dessa pesquisa: por que os irmãos, expostos ao sofrimento familiar rotineiro, não sucumbiram, optaram por reinventarem suas vidas, planejar um sentido novo no futuro? A resposta foi sendo elaborada na medida em que os dados foram sendo obtidos. As narrativas autobiográficas permitiram a compreensão do movimento no qual estávamos eu e meus irmãos imbricados e lançados às possibilidades de reinvenção. Conhecemos também os recursos que usamos na trajetória.

A face dos expedientes que aproveitamos como âncoras capazes de nos sustentar em vista de tempestades e nos lançar após calmaria foi elucidada a partir das nossas vozes. Elas ecoaram por meio de imagens construídas para serem

decifradas. Pessoalmente ou em solidária atualização das narrativas buscamos compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez (BOURDIEU, 2005).

Identificamos pontos fixos de ancoragem coletiva e ou individual quando compartilhamos nossas trajetórias, identificamos contribuições múltiplas em nossas experiências de vida, tecidas por determinantes históricos, culturais, materiais, imagens de beleza, instantes poéticos disponíveis. Percebemos nos trajetos rupturas, desvios e reinvenções. Ao narrar a nós mesmos, deixamos de ser o que éramos e o que somos para ser diferentes do que estamos sendo.

Nesse sentido é que considero essa escritura como o grande instante poético. Ele foi deflagrado já no primeiro encontro de irmãos para destinação desse projeto autoetnográfico. Desse dia em diante, as narrativas foram instrumentos prioritários para compreender o problema de pesquisa. Fizemos a experiência da reinvenção proporcionada pela escrita dos fluxos de vida enquanto espaço de possibilidades e potência inventiva. Uma mutação criativa de mim mesmo a partir da minha família de irmãos.

Alinhados ao eixo da poética, em ininterrupta temporada de transcendência e contemplação das imagens de beleza metaforizadas, sentidas e expressas, enunciámos as vozes de dor e de superação, do sentido que encontramos para uma vida futura nova, nos julgamos resilientes a partir da história que contamos e ouvimos e pelo movimento contínuo que fizemos e fazemos diante da vida passada, da vida passando e da vida que não passou.

Devo frisar que o desenho para o andamento desse estudo por si, fez-se belo. Já que a investigação foi tomada como “algo que chama para si” (SANTOS, 2013, p.204). Não só pela possibilidade de compreensão da resiliência como fenômeno científico, mas pelo encontro com a beleza do feito autoetnográfico, com as narrativas, atraente instrumento de provocação da subjetividade.

Os irmãos foram tocados pela beleza da forma delineadora do estudo. Eles foram surpreendidos pela necessidade de relação com alguma coisa fora do si, desconhecido, mas necessário e complementar. Escreve Santos (2013, p.205): “... a busca do belo na história humana é uma constante aventura, pois a pessoa percebe

que a beleza está à sua espreita tanto na natureza quanto nas outras pessoas e na beleza...”.

Creio ter sido essa visão de beleza a imagem grandiosa em chamado que eu pude ver, ouvir e sentir ao longo desse estudo. Tanto que foi preciso renomear a pesquisa para adjetivar, modalizar, contemplar a forma exclusiva da superação descrita.

Atraídos pelo objeto que nos surpreendeu, encantou, convocou, contamos nossas histórias de superação e invenção. Apesar de nos reencontrarmos com a dor, estivemos hipnotizados pelo ideal de beleza que nos une à dimensão humana. Ao encontro de quem queremos ser, a partir do que fomos. Não que tivéssemos rancor, mágoa pelo sofrimento existencial, mas porque estivemos conectados e fisgados pela beleza da superação.

Explicaria Cyrulnik (2013, p.236): “Não temos ódio de um fenômeno da natureza, desconfiamos dele, só isso”. E, para nos preservarmos no futuro, procuramos compreendê-lo para melhor controlá-lo. Essa compreensão foi possível mediante os instantes de beleza poética.

A poética entendida como instante de nascimento coloca-se como consideração importante a ser feita, pois ao construir e analisar alegorias ordenadoras para essa tese, apontei como pontos fixos de ancoragem dos irmãos o projeto que edificaram e alimentaram ao longo da infância: compor uma nova família. Esse empreendimento, conforme explicitarei, tornaria concreto o ideal de felicidade familiar, desejada pelos irmãos.

Para nós, formar a nova família era como renascer para o mundo. Uma nova chance de tornar novo o futuro, já que o passado não pode ser mudado e nós não voltaríamos a ele, se pudéssemos escolher, creio.

Em belezas disparadas, posso enxergar e espero ter refletido, com exatidão sensorial e intelectual, o dia do casamento dos irmãos. O riso de felicidade audível, por aproximação imagética em forma de transcrição de falas e o choro que surpreende o nascido ao encontrar-se com o mundo.

Em solidariedade fraternal, reafirmo a hipótese de que numa família, quando os pais estão em conflito, os filhos se unem e fortalecem seus laços irmãos. Em complemento, teorizo que a solidariedade fraternal emergiu como ponto fixo comum

aos três irmãos em relação e individualmente. Eles apoiaram-se, foram guardiões um do outro, dividiram responsabilidades, angústias projetos de vida.

Sobre a representação da minha irmã mais velha em minha infância, escrevi em texto que intitulei: A casa da infância em: um curto tempo e muitas moradas¹²⁴:

Minha cama era bem junto da minha irmã. Ela era grande, apesar de 11 meses mais velha. Cuidava de mim, como se fosse uma boneca e parecia pertencer aos pais. Ela estava mais acostumada à rotina do casal e me escondia debaixo da cama quando ouvíamos qualquer barulho de gritos. Tenho o sentimento de que eu era uma estranha naquela família e não entendia muito os acontecimentos. (Texto não publicado, 2015)

Ainda sobre as características dessa relação, escrevi e publiquei em Poética da Família e da Comunidade¹²⁵ um texto batizado A poética da fraternidade:

No relacionamento íntimo cativado pelas duas, cabe o instante *con-sagrado*¹²⁶ pela poética da família. O universo secreto de intimidades, acordos, segredos e mistério... Uma fusão de pessoas, uma terna confusão! Um “eu” e um “tu” inseparáveis de um nós que “nos” constituiu desde uma origem mais remota... (texto publicado: ver referência imediata acima)

Nesses termos, confirmo, em primeira pessoa, a forma dessa relação e resgato, entre as falas que antecederam o meu escrito, a observação da irmã mais velha quando ela verbalizou que a solidariedade se mantém. Ela conclui que o elo relacional entre nós é tão intenso que casamos com irmãos inconscientemente para termos os mesmos filhos e a mesma sogra.

Confesso que sempre acreditei que as duas eram mais próximas e mais cúmplices entre si e o irmão, acrescido a elas. Entretanto, depois desse tempo de solidária construção autoetnográfica, deparei-me com uma verdade obscurecida pela ordem de constituição do relacionamento fraternal.

¹²⁴ Texto não publicado. Foi elaborado para uma pesquisa em fase de conclusão, no grupo Família, Poética e Autobiografia. FABEP/UCSAL, 2015.

¹²⁵ RABINOVICH e BASTOS, Annablume: 2012, p.151.

¹²⁶ Instante con-sagrado: Otávio Paz em: La consagración Del instante: El arco y la lira. In: ADORNO, T.W. et alii. El arte en la sociedad industrial, 1973.

Nascemos primeiro, duas meninas, em onze meses. Dois anos depois, o irmão. Natural que elas estivessem mais juntas, em acordo, em convivência. Isso me fez acreditar, até antes desse estudo, que a modelagem da relação triangular permanecia a mesma. Hoje, posso deduzir que o vínculo entre as duas irmãs é semelhante ao elo entre a irmã do meio e o irmão. A filha do meio parece ter ocupado a posição mediadora entre os pares na família. Ela assume no presente o lugar da conciliação e articulação da irmandade.

Em entrevistas individuais com meu irmão, pude experimentar a intimidade, aproximar ideias, reconhecer afetos. Acho que para nós dois essa oportunidade foi singular. A maior parte das reuniões de irmãos foi na casa dele. Lembro que depois da primeira entrevista, ligou para perguntar a data do próximo encontro. Disse que se sentiu leve, livre, como se tivesse sido curado de uma ferida. Também disse que gostou das entrevistas individuais, pois podia falar com maior liberdade. Foi ele quem definiu a nossa relação: “nossa irmã é mais próxima a você e eu sou mais próximo a você”.

Outras proposições destacaram-se durante a releitura das narrativas e entrevistas. A exemplo dos pontos fixos enumerados: o projeto de uma nova família, da solidariedade fraternal, a escola, as férias, a família extensa, Deus, a Igreja e a fé aparecem como resposta para a questão levantada: como superamos a dor e praticamos a resiliência?

Esses últimos portos de ancoragem já explicitados fizeram parte do repertório de recursos individuais, coletivos, culturais, pessoais e vivências que nos ajudaram a enxergar possibilidades. Tais recursos dirigiram nossas trajetórias, permitiram um desenvolvimento capaz de gerar pessoas suficientemente prontas para receber e dar conta da vida recebida como ministério humano.

A necessidade dessa compreensão me fez aceitar o desafio dessa experiência científica arriscada. Sabia o que queria entender, me instigava o fato de ter assumido junto com meus irmãos, uma posição tão certa diante da vida. Tantos escolhem o mal como alternativa. Sempre ousei dirigir-me a pergunta e respondi a ela com a única certeza que tinha. Me lancei ao desafio com o pouco que trazia para encontrar o que me pertence agora: a compreensão da poética da resiliência em família. Um espaço onde a compartilha da humanidade acontece.

O método para iluminar o percurso de uma pesquisa em família, onde pesquisadora e pesquisados estão irmanados por laços que transcendem, não podia ser outro: a autoetnografia. Uma tecnologia apropriada para responder o que outros artifícios convencionais na ciência, jamais alcançariam. Quero repetir propositalmente Petrini (2012, p.15) para expor com exatidão a natureza desse estudo:

Há uma dramaticidade nas relações familiares, que nasce da imponderável liberdade com a qual cada membro renova ou deixa de reafirmar sua adesão ao outro, impossível de apreender com as ferramentas das ciências... há uma satisfação no encontro afetivo que partilha alegrias e esperanças juntamente com sofrimentos e tristezas que escapam ao rigor da pesquisa. Há nos rostos sinais de dores sofridas que como cicatrizes, marcaram os olhares, os sorrisos, as posturas do corpo e da alma diante da vida... E há belezas nesse drama e nesses sacrifícios... nessas dores, nessa devoção... que ficam à margem do conhecimento. Essas realidades, mesmo quando são vistas, tendem a ficar no coração do pesquisador, que dificilmente encontra palavras para pronunciá-las nas categorias da linguagem acadêmica... É possível que a experiência da beleza seja reconhecida como forma racional do conhecimento? (PETRINI, 2012, p.16)

Posso dizer que olhei as dores nos olhos, no corpo, senti em mim e compartilhei. Devo garantir que fiz a plena experiência na posição de cobaia de mim mesma. Ri com os risos e fui convocada pela beleza de imagens que me chamaram. Fui conduzida e conduzi o mais atento e provocador exame científico que provei.

Inauguro o jovem palco da ciência para comprovar a beleza do conhecimento que quero agora distribuir. Quero me aproximar da beleza de outras narrativas para compreender o que eu e meus irmãos estamos transmitindo para as outras gerações sucessivas, nossos filhos e netos sobre a poética da resiliência em família.

Se alguma coisa me anima a pesquisar, a entender e a escrever é a possibilidade de que esse ato, essa experiência em palavras permita-me liberar verdades silenciadas em narrativas ditas em primeira pessoa ou em outras pessoas que queiram ceder suas vozes.

Posso dizer que ouvi, li e aprendi que ao narrarmos alguma história nossa, de algum modo, oculto ou não, estamos também contando a história do outro e de uma cultura, de um espaço/lugar erguido vincular, social e historicamente.

Fiz a experiência sobre a qual, Larrosa (2002, p.25) abalizado em Heidegger, descreve como: “deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo” (HEIDEGGER, citado por LARROSA, 2002, p.25).

E o próximo tempo dirá no que me transformei quando diante da menina que fui, interpelei a mim mesmo e me deixei ver. Atropelei a vida presente com a sombra de um passado que na encosta dos dias passantes, descansava. Despertei os meus em voz alta e corri o risco de não ser mais quem eu sou ou era.

Se me curei? Não estou certa, mas já não estou absolutamente doente, disse-me ele, por e-mail, nos últimos dias desse estudo. Posso transcrevê-lo como prova:

Querida filha,

Conheço sua luta, seu trabalho, o que você já enfrentou e venceu galhardamente, com mérito, não obstante muitos problemas terem se apresentado a você ainda quando a experiência era incipiente. Sobretudo, conheço muito bem seu temperamento dócil, ameno e conciliador. Quisera que o mundo fosse e agisse à sua maneira peculiar. Teríamos, sem dúvida, mais paz e harmonia global, conseqüentemente todos seriam mais felizes. Você não precisa de cura, uma vez que não está absolutamente doente... (Correio eletrônico, em 06/10/2015, às 16:38)

É fato, não estamos absolutamente curados, mas estamos todos bem. Não estamos livres da dor, mas somos resilientes. Posso imaginar a beleza de ter sido chamada para a vida que pode nascer todos os dias, em família e poeticamente transformada.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Biotempo Editorial, 2007.

_____. **Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental**. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrosio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

AGOSTINHO DE HIPONA. **Solilóquios e A vida feliz**. (A. Fiorotti e N. A. Oliveira, tradutores). São Paulo: Paulus, 386/1998.

_____. **Sobre a potencialidade da alma. De quantitate anima**. Petrópolis: Vozes, 388/2005.

_____. **A verdadeira religião**. (N. A. Oliveira, trad.). São Paulo: Paulinas, 389/1987.

ALVAREZ, A. M. S.; MORAES, M. C. L.; RABINOVICH, E. P. **Resiliência: um estudo com brasileiros institucionalizados**. In: 49ª Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, 1997. Anais, Belo Horizonte, SBPC, 1997. p.888-889.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião – 10 livros de poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

ARENDT, H. **A condição humana** (12. ed., Raposo, R., trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. (Ed. original 1954). 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ASSIS, S. G., PESCE, R. P. e AVANCI, J. Q. **Resiliência: Enfatizando a proteção dos adolescentes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. In: Os Pensadores XXXVIII. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **A filosofia do não; O novo espírito científico; a poética do espaço**. Gaston Bachelard; seleção de textos de José Américo Mota Peçanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos; et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

_____. **A poética do devaneio**. Trad. de Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BALANCIERI, M. F. **Promoção do processo de resiliência em enfermeiras: Uma possibilidade?** Tese de doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BASTOS, A. C. S.; RABINOVICH, E. P. (2009). Living in poverty. Developmental poetics of cultural realities. Charlotte (USA): Information Age Publishing Inc.
RABINOVICH, E. P.; BASTOS, A. C. S. (2007). Famílias e projetos sociais: analisando essa relação no caso de um quilombo em São Paulo. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 1, p. 3-11.

BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes. V.1: Prefácio, 1983.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. SP: Contexto, 2009.

BEER, F. P.; JOHNSTON, E. R., Jr. **Resistência dos materiais** (P. P. Castilho, Trad.). São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. Em: **Obras Escolhidas** Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Sobre um conceito e história**. In: *Obras Escolhidas* Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.224.

BERGSON, H. **Textos escolhidos**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BERGSON, Henri (1859-1941). **Matéria e Memória**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGT, J. **O significado da resiliência**. Nordic School of Public Health: Göteborg, Sweden, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1991.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. (Miceli, S., trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. Sociologia. 2. ed. Renato Ortiz (Org.). São Paulo: Ática, 1994.

BOWLBY, J. **The influence of early environment in the development of neurosis and neurotic character**. International Journal of Psycho-Analysis, vol. 21, pp.1-25. 1940.

_____. **Forty-four juvenile thieves: Their characters and home life**. International Journal of Psycho-Analysis, vol. 25, pp.107-127. 1944.

_____. **Apego e perda: Apego – A natureza do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, vol. 1. (1969/1990)

_____. **Apego e perda: Tristeza e depressão.** São Paulo: Martins Fontes, vol. 3. (1973/1980)

_____. **Apego e perda: Separação.** vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1973/1984.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** São Paulo: Martins Fontes, 1979/2001.

_____. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. **Apego.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRANDÃO, C. R. Escrito com o olho: anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e ideias. Em: MARTIN, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S. C. (Orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais.** São Paulo: EDUSC, 2005.

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; NASCIMENTO – GIANORDOLI, Ingrid Faria. **A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens.** Paidéia: vol, 21, n. 49, Ribeirão Preto, 2011.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Georgetown. **Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 525-535, 2003.

BRONFENBRENNER, U. Uma família e um mundo para o Bebê XXI: sonho e realidade. In J Gomes-Pedro, (Coord.). **Bebê XXI: criança e família na viragem do Século** (pp.115-126). Lisboa: Fundação Calouste GullbenKian. 1995.

_____. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados** (M. A. V. Veronese, Trad) Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Making human beings human: Biological perspectives on human development.** London: Sage Publications, 2005.

BRONFENBRENNER, U. & Morris, P. The ecology of development processes. In W. Damon (Orgs.). **Handbooh of child psychology.** 1998.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Intergeracionalidade: heranças na produção de conhecimento.** São Paulo: Rocca, 2011.

CHANG, H. **Triple jeopardy in identity formation: Korean urban girls in anevening commercial high school.** Paper presented at the Urban Girls Conference, SUNY, Buffalo, NY, 2000. (p. 101).

CHANG, Heewon. **Autoethnography as method,** Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

_____. **Autoethnography_as_method:** Raising Cultural Consciousness of Self and Others. Left Coast Press (2008). Disponível em: <http://www.academia.edu/1244871/Autoethnography_as_method>. Acesso em: out 2014.

CHANG, Heewon; NGUJJIRI, Faith Wambura; HERNANDEZ, Kathy-Ann C. **Collaborative Autoethnography.** Walnut Creek: California, 2013.

CYRULNIK, Boris. **O Homem a Ciência e a Sociedade.** Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. **Uma infelicidade maravilhosa.** Porto: Ambar, 2001.

_____. **Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. **Os Patinhos Feios.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **“O Murmúrio dos Fantasmas”.** São Paulo, Martins Fontes, 2005.

_____. **Falar de amor à beira do abismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Autobiografia de um espantalho: histórias de resiliência: o retorno à vida.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Je me souviens.** Odile Jacob: 2010.

_____. **Corra a vida te chama: memórias.** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

CLANDININ, D.J. e CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research.** San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2000.

COELHO Jr., A. G. e MAHFOUD, M. **As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl.** Psicologia USP, 12(2), 95-103, 2001.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico.** 2. Ed., São Paulo: Moderna, 2008.

COSTA VAL, Maria da Graças. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

COUTO-OLIVEIRA, V. **Vida de mulher: Gênero, pobreza, saúde mental e resiliência**. Dissertação de mestrado não-publicada. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2007.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo, EDUC/Brasiliense, 1996.

DAMERGIAN, S. O papel do inconsciente na interação humana: um estudo sobre o objeto da psicologia social. São Paulo, 1988. [Tese de Doutorado-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo].

_____. **A fala regional e o contexto social: um estudo sobre como são recebidos os falantes que se utilizam do português não padrão nordestino em um contexto onde só o português padrão é admitido**. São Paulo; 1981. [Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo].

DESSEN, M. A. e SILVA NETO, N. A. **Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16, 191-192. 2000.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**, São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. **Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ELLIS, C. **The ethnographic I: A methodological novel about autoethnography**. Walnut Creek, CA: AltaMira, 2004.

ELLIS, C. e BOCHNER, A. P. Autoethnography, personal narrative, and personal reflexivity. In: Denzin, N. e Lincoln, Y. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2000. (733-768).

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

ELLIS, Carollyn. (2004). The ethnographic I. A methodological novel Adour autoethnography. Walnut Creek (CA): Altamira Press.

FANTOVA, F. J. M. (2008). **Resiliência i voluntad de sentit em la promoció de la salut psicosocial em els docents: Capacitat de reconstrucció positiva a partir d'un context inicial d'adversitat**. Estudi de cas em um institut d'educació secundària. Tese de doutorado não-publicada, Facultat de Psicologia, Ciències de l'Educació i de l'Esport Blanquerna, Barcelona, Espanha.

FARIA, Maria Lúcia Guimarães de ou Guimarães Maluh. **Quando o um não é nenhum, um e um são mesmo dois? Poesia, filosofia e mitologia** em "Nenhum, nenhuma, de Guimarães Rosa". Tempo Brasileiro, v.164, p. 139-159, 2006.

FEDER, Adriana; NESTLER, Eric J e CHARNEY, S. **Psychobiology and molecular genetics of resilience**. Nat Rev Neurosci. 2009 June ; 10(6): 446-457.

FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes; OLIVEIRA, Andréia Machado; D'ÁVILA, Maria Fátima; D'ÁVILA, Ana Lúcia Mandelli. **PESQUISA E ACONTECIMENTO: O TOQUE NO IMPENSADO**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 655-660, set./dez. 2006.

FOSTER, K., MCALLISTER, M., & O'BRIEN, L. (in press). Extending the boundaries: Autoethnography as an emergent method in mental health nursing research. International Journal of Mental Health Nursing. 2005.

FRANKL, Viktor. **Em Busca de Sentido. Um Psicólogo no Campo de Concentração.** Ed. Vozes, 2011.

FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo.** São Paulo, Editora Santuário, 1989.

_____. **A psicoterapia na prática.** Campinas: Papirus, 1991.

_____. **A presença ignorada de deus.** Petrópolis: Vozes, 1993.

FRASER, Marcia; GONDIM, Sonia. **DA FALA DO OUTRO AO TEXTO NEGOCIADO: DISCUSSÕES SOBRE A ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA.** Paidéia, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p.139-152, 2014.

GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini. (Orgs.). **EM PRIMEIRA PESSOA. ABORDAGENS DE UMA TEORIA AUTOBIOGRÁFICA.** São Paulo: AnnaBlume; FFLCH, USP, FAPESP, 2009.

GOMES; RABINOVICH; BASTOS. **A resiliência em mulheres de um bairro popular de Salvador, Bahia: recursos pessoais e contextuais.** Rev. bras. crescimento desenvolv. hum;15(3):49-56, set.-dez. 2005.

GÓRRIZ, Isabel López. La investigación autobiográfica generadora de procesos autoformativos y de transformación existencial. Revista Quatriculum, 20; octubre 2007, pp.11-37.

HADOT, P. **Esercizi Spirituali e filosofia antica** (A. M. Marietti, Trad.). Torino, 2005. Italia: Einaudi. (Original publicado em 2002).

HEIDEGGER, M. Arte y poesia. Mexico/Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1958.

_____. **Ser e Tempo**. Petrópolis, R.J, Vozes, 1988/89.

HEIDEGGER, Martin “... L’Homme Habite en Poète...”, in Essais et Conférences, 1976.

JACQUET, Christine; FIALHO, Livia (Org.), **Família em Mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

JUNQUEIRA, M. F. P. S., DESLANDES, S. F. **Resiliência e maus-tratos à criança**. Cadernos de Saúde Pública, 2003; 19(1), 227-235.

LANGER, Suzanne. **Filosofia em Nova Chave**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abril, n. 19. 2002.

LECOMPTE, M. **Bias in the biography: bias and subjectivity in ethnographic research**. Anthropology and education quarterly, 18 (1), 43-52. 1987.

LIBÓRIO, R. M. C., CASTRO, B. M. e COELHO, A. E. L. Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: Conceitos e reflexões críticas. In DELL'AGLIO, KOLLER e YUNES (Orgs.), **Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção** (pp.89-116). São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo GH**. Rocco, 1998.

_____. **As Palavras**. ROCCO, 2013.

MAGNABOSCO, Maria Magdalena (2009). A transcendência na linguagem de Nenhum, Nenhuma. FGR em revista, v. 4, p.11-19, 2009.

MASSIMI, M. **A fonte autobiográfica como recurso para a apreensão do processo de elaboração da experiência na história dos saberes psicológicos**. Memorandum, 20, 11-30, 2011.

MASSIMI, Marina. **A experiência da beleza e a constituição psicológica de si mesmo por Agostinho de Hipona**. Mnemosine: Vol.9, nº1, p. 2-15, 2013.

MENDONÇA, Carlos Camargos; GUIMARÃES, César; VAZ, Paulo Bernardo da Silva; FRANÇA, Regina Helena; VEIGA, Vera Regina. **Narrativas do Cotidiano: proposições para um Projeto de Pesquisa Integrado**. Em: GERAES. Estudos em Comunicação e Sociabilidade v. 52, p. 4-13, 2001.

MORAES, João Ricardo de; GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes. A verdadeira religião segundo Santo Agostinho. Anais do XVIII Encontro de Iniciação Científica, Anais do III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, 24 e 25 de setembro de 2013 PUC Campinas.

MORAES, M. C. L. de; RABINOVICH, E. P. Resiliência: Uma Discussão introdutória. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum., SãoPaulo. 6(1/2), 1996.

MOREIRA, Lucia Vaz Campos. (org.). **Psicologia, família e direito: interfaces e conexões**. Curitiba: Juruá, 2013.

MORENO, J L. **Teoria e prática dos papéis**. In: Instituto Fernandes Figueira Moreno JL. Psicodrama, 2. Ed., São Paulo: Cultrix, 1975.

NASH, R. J. **Liberating scholarly writing: the power of personal narrative**. New York: Teachers College Press, 2004.

NASH, W. A. **Resistência dos materiais** (G. E. O. Giacageia, Trad., 2. ed.). São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Martin Claret, 2003.

OCHS, Elinor; TAYLOR, Carolin. **Family Narrative as a Political Activity**. In: Discourse and Society, v.3, p. 301-340, 1992.

OTTAVIANI, Edelcio. **Coração Desnudo: sobre família e Amizade à luz do cuidado de si**. São Paulo: Paulinas, 2014.

OJEDA, E. N. S. Introducción: Resiliencia e subjetividad. In A. MELILLO, E. N. S. OJEDA, & D. RODRÍGUEZ (Orgs.), **Resiliencia y subjetividad: Los ciclos de la vida** (pp.17-20). Buenos Aires: Paidós, 2004.

PAZ, O. **La consagración Del instante: El arco y la lira**. In: ADORNO, T.W. et alii. El arte en la sociedad industrial (pp. 27-38). Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1973.

PIERRON, Jean-Philippe. **Le climat familial. Une poétique de la famille**. Paris: CERF, 2009.

PINHEIRO, Débora Patrícia. **A resiliência em discussão**. Psicologia em estudo. Maringá, v.9, n. , p. 67-75, 2004.

PINTO, J. L. T. **Compêndio de resistência dos materiais**. São José dos Campos, SP: UNIVAP, 2002.

POLETTO, M. **Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade**. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

POLETTO, M. e KOLLER, S. H. Resiliência: Uma perspectiva conceitual e histórica. *In* DELL'AGLIO, KOLLER e YUNES (Orgs.), **Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção** (pp. 19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

POLETTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. Estudos de Psicologia I: Campinas, 2008.

PRADO, Adélia. **Coração Disparado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PROUST, M. **Em Busca do Tempo Perdido**. 10. ed. 7 vol. São Paulo: Globo, 1992.

PUSSETI, Chiara. "Woundscapes". Sofrimento e criatividade nas margens. Diálogos entre antropologia e arte. Cadernos de Arte e Antropologia, n. 1, p. 9-23, 2013.

RABINOVICH, Elaine; BRANDÃO, Adelaide. **Crianças com/sem família de Mapele, Salvador**. Temas em Psicologia - 2008, Vol. 16, nº 2, 159-170.

RABINOVICH, Elaine; MERHY, Teresa; REINA, Vanderlay; CAIXETA, Lílian. (Orgs.) **Família e poéticas da Infância: relatos autobiográficos**. Curitiba: Juruá, 2013.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SOUZA, Ana Cecília. **Poética da Família e da Comunidade**. São Paulo: Annablume, 2012.

RABINOVICH, Elaine; AZAMBUJA, Rosa; SOUZA, Cinthia; NEVES, Sinara. **Nomes de Família: Subjetividade, Genealogia, Juridicidade e Historicidade**. Salvador: Quarteto, 2013.

RABINOVICH, E. P.; BALTRUIS, N.; MENEZES, J. E. X.; TÔRRES, O. D. S.; PEREIRA, M. B. J. (2012). **Poética do corpo**. Salvador: UCSAL.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. 1ª Carta. Paris, 1903.

RODRIGUEZ, N. e RYAVE, A. **Systematic self-observation**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.

RUTTER, M. **Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder**. *British Journal of Psychiatry*. 1985; 147, 598-611.

SABLE P. **Attachment, ethology and adult psychotherapy**. *Attachment and Human Development*. Vol. 6 (1): 3-19, 2004.

SAFRA, G. **A face estética do self. Teoria e clínica.** São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

SALEM, Tania. Resenhas. *Mana*, vol.16, no.1, Rio de Janeiro: 2010.

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. **Resiliência e abrigos.** Acad. Paul. Psicol., v.29, n., São Paulo, 2009.

SERRES, M. **O Terceiro Instruído.** Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SILVA, A. Álbum de família. A imagem de nós **mesmos.** São Paulo: SENAC/SESC, 2008.

SILVA, Célia Nunes. Resiliência no Indivíduo e na família. JACQUET, Christine; FIALHO, Livia (Org.). **Família em Mudança.** São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

SILVA, Conceil Corrêa da.; RIBEIRO, Nye. **A colcha de retalhos.** São Paulo: Ed. do Brasil, 2010.

SILVA, Fernando Machado. **Poiética do Acontecimento. Deleuze e Serres.** Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2010.

SORDI, Anne Orgler; MANFRO, Gisele Gus; HAUCK, Simone. **O Conceito de Resiliência: Diferentes Olhares.** Rev. bras. psicoter. 2011; 13(2):115-132.

SOUZA, M. T. S. e CERVENY, C. M. O. **Resiliência: Introdução à compreensão do conceito e suas implicações no campo da psicologia.** Revista Ciências Humanas, 12(2), 21-29, 2006.

SOUZA, Marilza e CERVENY, Terezinha Soares de. **Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica**. Interam. j. psychol. v.40 n.1 Porto Alegre abr. 2006.

TAVARES, J. A resiliência na sociedade emergente. Em J. Tavares (Org.). **Resiliência e educação** (pp.43-76). São Paulo: Cortez, 2001.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Ficcões de si: Auto-etnografia em Ruy Duarte de Carvalho. Mulemba, Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 7, pp. 4-19, jul./dez. 2012.

THOMSON, A. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias**. Projeto história. São Paulo: PUC-SO, EDUC, 1997.

TROMBETA, L. H. A. P. e GUZZO, R. S. L. **Enfrentando o cotidiano adverso: Estudo sobre resiliência em adolescentes**. Campinas, SP: Alínea, 2002.

VAN MAANEN, J. **Tales of the field: on writing ethnography**. Chicago, IL: University of Chicago, 1988.

VANISTENDAEL, Stefan. **Resiliência. Como crescer superando os percalços: capitalizaras forças do indivíduo**. São Paulo: Indica, 1999.

VERSIANI, Daniela Gianna Cláudia Beccaccia. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: Letras, 2005.

WAGNER, Adriana. (Org.) **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

WERNER, E. E. **Risk, resilience and recovery: perspectives from the Kauai longitudinal study.** *Development and Psychopathology*, 5, 503-515, 1993.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. In DELL'AGLIO, S. H. KOLLER, e YUNES (Orgs.). **Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção** (pp.45-68). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

YUNES, M. A. M. e SZYMANSKI, H. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Org.), **Resiliência e educação** (pp.13-42). São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. M., MENDES, N. F. e ALBUQUERQUE, B. M. **Percepções e crenças de agentes comunitários sobre resiliência em famílias monoparentais pobres.** *Texto e Contexto: Enfermagem*, 14(Nº. Especial), 24-31, 2005.

ZAMBRANO, M. **La confessione come genere letterario** (E. Nobili, Trad.). Milano: Mondadori, 2000/1946.

ZITTOUN, Tania, MIRZA, Nathalie Muller, PERRET-CLERMONT, Anne-Nelly. **Quando a cultura é considerada nas pesquisas em psicologia do desenvolvimento.** Tradução do francês por Marta Teixeira. e-mail: <martajolie@hotmail.com>, do original: *Quand la Culture entre dans les recherches en Psychologie du développement*, publicado na revista *Enfance*, 2, 2006, 127-134.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES

Prezado(a)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa A poética da resiliência em família: vozes de dor que narram a beleza da superação. Tal estudo refere-se à Tese de Doutorado de Cinthia Barreto Santos Souza, aluna do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Sua participação justifica-se pelas características do estudo: objeto de conhecimento, objetivos, metodologia adotada, contexto de realização. Os participantes foram escolhidos por fazem parte de uma família com irmãos considerados resilientes.

O objetivo da pesquisa é compreender a dor e o sofrimento como abertura para a reescrita de uma vida melhor, bem como, visualizar a beleza da superação dos filhos de uma família, cujo casal expunha-os a um relacionamento tenso e sofrido. A importância de sua participação se deve a possibilidade de identificar os recursos usados pelas pessoas para alcançar a resiliência. Para isso, será necessário que se proponha a participar de entrevistas individuais e em grupos familiares. O sigilo com relação aos dados de sua identificação será mantido e as informações obtidas através da pesquisa, serão confidenciais. Os resultados gerais podem ser publicados e apresentados em eventos científicos para este fim, o que não significa a exposição da família e pessoas pesquisadas.

Finalmente você receberá uma cópia deste termo constando contato da doutoranda e de sua orientadora para esclarecimento de dúvidas sobre o projeto ou sua participação. É possível retirar esse consentimento, a qualquer ocasião, caso haja desistência, sem nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou instituição solicitante. Sua participação é livre e valiosa para os estudos sobre o tema Família.

Santo Antonio de Jesus, / /

Prof^a. Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich – Professora orientadora

Universidade Católica do Salvador – UCSAL

Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Av. Cardeal da Silva, 205 - Salvador/BA. CEP 40.231-902

E-mail: elainepedreiragmail.com

Cinthia Barreto Santos Souza – Doutoranda

Universidade Católica do Salvador – UCSAL

Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Av. Cardeal da Silva, 205 - Salvador/BA. CEP 40.231-902

Tel. 75.8843.2398. E-mail: cinthiante4@yahoo.com.br

Eu,

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura:

APÊNDICE B

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coleta foram previamente pensados e construídos para atenderem às necessidades da pesquisa, em especial, à metodologia de investigação adotada. Nesse sentido, em vista da face do trabalho, das características da abordagem, tais instrumentos, ao serem aplicados, estiveram suscetíveis às demandas subjetivas dos participantes, das narrativas autobiográficas, da prática autoetnográfica.

As entrevistas abertas foram praticadas nas variadas situações de audição de narrativas, elaboração de textos de campo, encontros de família, entre outros.

Em busca de uma ordenação sistemática, requisito para a produção de um conhecimento científico, reflexivo, racional, a pesquisadora organizou a coleta, elaborando situações arranjadas inicialmente, evoluindo para a experiência que busca o saber objetivado.

Os primeiros encontros entre os membros da família, lócus da investigação, foram espontâneos e ou até motivados por um dos irmãos ou outros familiares. Circunstâncias que iluminaram as possibilidades propostas pela pesquisadora.

Ao fazer uso das técnicas convencionais para um estudo qualitativo ou ainda, ao elaborar, adaptar e mesclar outras práticas, a pesquisadora estabeleceu um trajeto. Apesar disso, o percurso foi sendo delineado na medida em que os participantes ocuparam uma posição ativa de colaboradores. Sugeriram encontros, negaram-se a responder um roteiro com questões motivadoras e optaram pela narrativa livre de suas histórias de vida.

Sendo assim, no primeiro encontro coletivo, no qual ocorreu o primeiro desvio de trajeto, os irmãos encontraram-se para um café, o que deveria ser uma entrevista individual, pareceu um momento de festejo na casa do irmão caçula. Em torno de uma mesa de café, farta de guloseimas e sabores da infância, eles partilharam uma porção de sopa, alimento que sugeriu a primeira memória.

A partir de então, após algumas horas de revivescência, ficou acordado que os encontros entre irmãos seriam sistematicamente marcados para o fim das

narrativas, lembranças das vidas iniciadas na infância e em comum, continuadas na adultez, na curta distância das moradas e nas oportunidades de encontros nos moldes do primeiro.

As entrevistas individuais ocorreram principalmente quando um ou outro esteve ausente dos encontros por questões de trabalho ou incompatibilidade de horários, jamais por vontade própria.

As narrativas particulares foram experiências importantes já que descritores presentes na memória individual emergiram, sem interferências da voz do outro. Em alguns momentos, uma análise mais particular e cuidadosa favoreceu o conhecimento em elaboração.

Ocorre e importa dizer que os instrumentos previstos foram utilizados, expandidos, ilustrados pela memória de imagens, fotos, objetos memoriais de grande valor afetivo. Alguns encontros foram fotografados pelos participantes, em eventual situação. Algumas fotos publicadas em rede social. Afetos trocados pela emoção e alegria de cada oportunidade, apesar de qualquer pesar.

Todos os encontros foram gravados, as vozes transcritas, as fotos arquivadas e muitos outros convites para próximos encontros a serem firmados. Uma experiência que se inscreve na subjetividade de cada eu, irmão, para promover a revelação de silêncios que esvaziam e dão voz as identidades em eterna construção.